

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCADORES DE INFÂNCIA MARIA ULRICH

DANDO VOZ ÀS CRIANÇAS

Experiências de etnografia com crianças

Ana Raquel de Azevedo Tavares

Relatório realizado sob a orientação

Mestre Ana Levy Aires

Mestrado em Educação do Ensino Pré-Escolar

2012/ 2013

Lisboa, Julho de 2013

*O olhar das crianças permite revelar fenómenos sociais que o olhar dos adultos
deixa na penumbra ou obscurece totalmente.*

Sarmiento e Pinto (1997)

Dedicatória

Dedico este relatório a todos aqueles que
contribuíram para a que a sua realização fosse
possível.

Aos que estiveram perto...

Aos que mesmo longe, estiveram perto.

Agradecimentos

Aos docentes que me acompanharam em todo o meu processo de formação, até aqui, tanto na Licenciatura, como no Mestrado.

À Professora Ana Levy Aires, orientadora do presente relatório, pela sua disponibilidade, por todo o auxílio, pelo acompanhamento, pelas indicações, pela partilha do seu conhecimento e pelo seu encorajamento.

À Professora Joaquina Duarte, orientadora da Prática de Ensino Supervisionada, pelo acompanhamento, partilha de vivências, auxílio e apoio.

À Educadora Conceição Monteiro, por toda a disponibilidade, apoio, indicações, partilhas, sugestões, bem como pela atitude, entrega, espírito de entreatajuda e espírito reflexivo que possibilitaram tornar-me numa pessoa melhor.

Às crianças da sala 1 do Jardim de Infância Sá de Miranda, pelo carinho e por terem tornado possível o presente relatório.

À minha mãe pela paciência, pelo carinho, pelo apoio, por se ter tornado o meu pilar, um exemplo a seguir e por ter sempre acreditado em mim.

Ao meu pai, pelo carinho, amizade e confiança que me transmitiu, mesmo estando longe.

À minha irmã e ao Simon, pelo auxílio, apoio, carinho e amizade.

Aos meus amigos, em especial à Ana Rita Duarte que sempre me apoiou e foi capaz de dizer as palavras amigas no momento certo, ao longo dos momentos mais difíceis que atravessei ao longo deste percurso académico.

Ao Pedro Miguel Santos, que acreditou mais nas minhas capacidades que eu, em determinados momentos. Pela paciência, presença, carinho e compreensão.

A todos aqueles que, de forma directa ou indirecta, contribuíram para a realização do presente relatório.

Muito Obrigada!

Resumo

O presente relatório, foi realizado no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada para a obtenção do grau de Mestre em Educação Pré Escolar.

Este relatório refere-se a um estudo que teve por base a minha intervenção com as crianças, sujeitos da investigação, na minha tentativa de compreender o modo como as crianças pensam a sua própria experiência de vida.

Deste modo a problemática do estudo está intimamente ligada à importância de conhecer as crianças e ao modo como são capazes de atribuir sentido às suas experiências de vida, tentando dar resposta à pergunta “Como é que as crianças expressam o sentido que dão às suas vidas?”.

O objectivo geral do estudo é, desse modo, compreender como é que as crianças dão sentido às suas experiências de vida através das narrativas que constroem sobre elas. Os objectivos específicos são: analisar de que forma as crianças são capazes de incluir nas suas narrativas experiências e vivências pessoais, compreender de que forma as crianças representam as suas famílias através da visualização de imagens e experimentar uma metodologia que dê voz às crianças e perceber se esta cumpre o objectivo de melhor conhecer as crianças.

Para tal, foi utilizada uma Metodologia do tipo qualitativa interpretativa com recurso a instrumentos que potenciavam essa interacção, considerando o tempo de estágio como tempo “prolongado” de estadia em terreno.

Com este estudo pretendo também conseguir chamar à atenção para a importância de dar voz às crianças, com o intuito de melhor conhecer as crianças e o que revelam saber como elemento instigador das práticas intencionalizadas dos educadores e professores.

Palavras chave: Etnografia com Crianças, Narrativas de vida, Culturas Infanto-juvenis.

Abstract

This report was conducted during the work-based module of Supervised Teaching for the degree of Master of Pre-School Education.

This report refers to a study that was based on my interaction with children, the research subjects, in an attempt to understand what children think of their own life experiences.

Thus the focus of this study is closely linked to the importance of knowing the children and the way they assign meaning to their life experiences, trying to answer the question "How do children express the meaning they give to their own lives?".

The overall objective of the study is to understand how children make sense of their life experiences through narratives. The specific objectives are: to examine how children are able to include in their narrative their personal experiences; to understand how children represent their families through the interpretation of images; and to test a methodology that gives a voice to children and seeing if it is a method of better understanding children.

To this end, we used a qualitative interpretive methodology utilising instruments that improved the interaction with the children, considering the time of the placement as a "long" field-based stay.

With this study I also intend to draw attention to the importance of giving a voice to the children, in order to better know them as well as what they know and to introduce new practices for educators and teachers.

Keywords: Ethnography with Children, Life Narratives, Children and Adolescent culture.

Índice

	Página
Introdução	1
a) Percurso formativo	1
b) Motivação para o estudo	1
c) Contextualização do campo de estágio	2
d) Identificação do problema e questões de investigação	3
e) Organização do Trabalho	3
1. Enquadramento Teórico	5
1.1. Culturas da Infância	5
1.1.1. Infância e Modernidade	5
1.1.2. Culturas da Infância	8
1.1.3. Qual é afinal o lugar das crianças na sociedade contemporânea?	10
1.2. Narrativas das Crianças	10
2. Metodologia	14
2.1. Descrição do Estudo	14
2.1.1. Problemática	14
2.1.2. Questão Investigativa	14
2.1.3. Objectivos do Estudo	14
2.1.3.1. Objectivo geral	15
2.1.3.2. Objectivos específicos	15
2.2. Tipo de Estudo – Investigação Qualitativa Interpretativa	15
2.3. Participantes	17
2.3.1. Caracterização da Amostra	17
2.3.2. Caracterização do Contexto – Oeiras	19
2.4. Técnicas de Recolha de Dados	19
2.4.1. Observação	20
2.4.1.1. Diário do Investigador	20
2.5. Procedimento	21
3. Apresentação dos Resultados/Dados	23
3.1. Ouvindo as crianças - Dados obtidos através das narrativas a partir das imagens – ouvir as crianças	23
3.2. Ouvindo as crianças - Dados obtidos através das narrativas a partir da construção da família em maquete	43

3.3. Ouvindo as crianças - Dados obtidos através das narrativas sobre a árvore genealógica	46
3.4. Ouvindo as crianças - Dados obtidos através das narrativas sobre o desenho da família	49
4. Interpretação dos Dados	53
4.1. Interpretação dos dados obtidos através das narrativas sobre as imagens	53
4.2. Interpretação dos dados obtidos através das narrativas a partir da construção da família em maquete	57
4.3. Interpretação dos dados obtidos através das narrativas sobre a árvore genealógica	60
4.4. Interpretação dos dados obtidos através das narrativas sobre os desenhos da família	62
5. Considerações finais	63
5.1. Limitações do Estudo e Recomendações	64
Bibliografia	67
Anexos	69

Índice de Figuras

Figura	Designação	Página
Fig. 1	“Isto parece uma festa de anos”	23
Fig. 2	“Se calhar a mana mais velha teve um bebé”	24
Fig. 3	“Eu acho que a avó está sentada numa cadeira branquinha e está a estudar testes de computador como a minha avó faz”	25
Fig. 4	“À espera que o jantar fique pronto”	26
Fig. 5	“A irmã mais velha está a cheirar e a fazer cócegas ao irmão mais novo e se calhar estão os dois a divertir-se”	27
Fig. 6	“O meu pai quando faz a barba fica com picos”	28
Fig. 7	“Estão numa festa e estão a tirar uma foto”	29
Fig. 8	“Está a ler um livro e a mãe está a dar um beijinho”	30
Fig. 9	“Pessoas na praia”	32
Fig. 10	“A mãe deve estar a passear o bebé num carrinho”	34
Fig. 11	“O bebé está a ganhar e o pai está a perder”	35
Fig. 12	“A minha avó é mesmo maluca, não acaba de lavar a loiça”	36
Fig. 13	“Faz-me lembrar quando ajudo a minha mãe”	37
Fig. 14	“Se calhar ele comeu uma coisa que não devia comer”	38
Fig. 15	“Nunca te vi a chorar”	39
Fig. 16	“Estão os dois chateados”	40
Fig. 17	“Penso que eles se vão separar”	41
Fig. 18	“A dar beijinhos”	42
Fig. 19	Maquete Xavier	43
Fig. 20	Maquete Miguel	43
Fig. 21	Maquete Nuno	44
Fig. 22	Maquete Diogo	44
Fig. 23	Maquete Francisco	44
Fig. 24	Maquete Pedro	45
Fig. 25	Maquete Constança	45
Fig. 26	Maquete Mafalda	45
Fig. 27	Maquete Marta	46
Fig. 28	Maquete Clara	46
Fig. 29	Árvore Xavier	46
Fig. 30	Árvore Miguel	47

Fig. 31	Árvore Nuno	47
Fig. 32	Árvore Diogo	47
Fig. 33	Árvore Francisco	47
Fig. 34	Árvore Pedro	48
Fig. 35	Árvore Constança	48
Fig. 36	Árvore Mafalda	48
Fig. 37	Árvore Marta	49
Fig. 38	Árvore Clara	49
Fig. 39	Desenho Xavier	49
Fig. 40	Desenho Miguel	50
Fig. 41	Desenho Nuno	50
Fig. 42	Desenho Diogo	50
Fig. 43	Desenho Francisco	51
Fig. 44	Desenho Pedro	51
Fig. 45	Desenho Constança	51
Fig. 46	Desenho Mafalda	52
Fig. 47	Desenho Marta	52
Fig. 48	Desenho Clara	52

Introdução

a) Percurso Formativo

A criança que outrora fui sonhava um dia torna-se Educadora de Infância. Em criança sonhava ser como a minha mãe – se ela tinha determinado corte de cabelo, eu queria ter igual; se vestia determinada roupa, eu queria igual. E talvez por isso, fosse meu sonho ser Educadora de Infância, tal e qual como a minha mãe.

Ao longo do meu crescimento, essa ideia, foi-se dissipando...

Contudo, ao chegar ao 12º ano de escolaridade e ter que escolher em que curso ingressar, voltei a lembrar-me do meu sonho de criança. Foi então que escolhi o curso que queria frequentar – Educação Básica.

Assim dei por concluída a Licenciatura em Educação Básica na Escola Superior de Educação e Ciências Sociais de Leiria (do Instituto Politécnico de Leiria).

No final deste percurso, senti necessidade de regressar a casa e de alargar os meus horizontes. Foi então que decidi candidatar-me ao Mestrado em Educação Pré Escolar na Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich, motivada pela minha mãe, que aqui se formou.

Este relatório, é o culminar do meu percurso neste Mestrado – pois o meu percurso académico manter-se-á até ao fim dos meus dias. Já que é importante estar em constante formação.

b) Motivação para o estudo

Ao longo do meu percurso, muitas vezes me apercebi que a teoria, sim, é importante mas que, mais que isso, a experiência situa a teoria e exige constantemente a sua utilização. Ao ter contacto com as crianças é que temos acesso à realidade que nos espera enquanto Educadores de Infância. Pelo menos, comigo assim foi. Por dar valor à experiência, ao contacto com as crianças, muitas vezes me questionei sobre o que sei sobre as mesmas – o que são crianças? O que pensam? E como tal questionei se apenas a teoria servia para as conhecer. Obviamente cheguei à resposta facilmente: claro que não, é preciso ouvi-las para as conhecer no seu contexto. A próxima questão que me surgiu foi então, de que modo é que podemos melhor conhecer as crianças? Como ouvir

o que têm para nos dizer? O que sabem as crianças sobre si? E de que modo nos podem ajudar a saber mais sobre si?

Foi desse modo que ganhei a motivação para fazer o presente relatório. Como tal, decidi tentar compreender de que modo as crianças são capazes de atribuir sentido às suas experiências – sendo essa a minha problemática.

c) Contextualização do campo de estágio

Efectuei a minha Prática de Ensino Supervisionada no Jardim de Infância Sá de Miranda, pertencente à escola EB1/JI Sá de Miranda do Agrupamento Conde de Oeiras (Ver Anexo II).

Na sala, estavam presentes dois adultos, para além de mim, a Educadora Cooperante e uma Assistente Operacional.

O grupo de crianças era composto por 25 crianças, sendo um grupo muito heterogéneo em termos de género e idade cronológica. O grupo tem 17 rapazes e 8 raparigas. Quando cheguei ao local, três das crianças tinham 4 anos, sendo dois deles rapazes e uma rapariga; dezasseis crianças tinham 5 anos, sendo que dez são rapazes e seis são raparigas; seis crianças tinham 6 anos, sendo que cinco são rapazes e uma é rapariga, conforme demonstra a tabela:

	4 anos	5 anos	6 anos
Rapazes	2	10	5
Raparigas	1	6	1
	3	16	6

São um grupo de crianças ainda pouco autónomas em termos de actividades em grande grupo, como tal, precisam de uma atenção personalizada para a realização das mesmas. Contudo demonstram um grande interesse em realizar as actividades que lhes são propostas.

Têm uma necessidade permanente de comunicarem, de serem ouvidas, atropelando-se uns aos outros, não respeitando a sua vez de o fazer.

Nota-se alguma dispersão em grupo, mais ou menos em metade das crianças, que manifestam ainda algumas dificuldades em se concentrarem em actividades orientadas em grande grupo.

Nota-se que a maioria das crianças precisa de ser orientada em termos de regras de conduta e funcionamento em grupo.

São crianças que na sua maioria frequentam a escola muitas horas, estando inscritas no CAF (componente de apoio à família) 21 crianças, de manhã entre as 7h30 e as 9h, e entre as 15h30 e as 19h30.

Em termos sociais e familiares, são crianças de classe média alta, havendo apenas uma criança do escalão A, com apoio do agrupamento para as suas despesas escolares.

Neste grupo existem três crianças de origem estrangeira: duas brasileiras e uma indiana. Esta última conforme conversa com a Educadora, não fala nem entende português – contudo é possível observar que vai compreendendo pequenas coisas (por exemplo, quando é dito “desenho”, esta compreende ao que nos estamos a referir).

É um grupo alegre, espontâneo e muito afectivo, com uma necessidade muito grande de brincar livremente, de interagir com outras crianças e com adultos.

Todo o grupo mantém uma boa relação com os adultos e têm uma boa relação entre si – apesar de algumas crianças se fazerem notar por atitudes negativas. Algumas crianças reagem a situações frustrantes fazendo birra e queixas no entanto, na sua maioria reagem a estas situações mantendo-se calmas. Existem algumas crianças que protegem e consolam pares em situações difíceis; sendo que algumas recorrem aos adultos para as auxiliarem.

d) Identificação do Problema e questões de investigação

A problemática do presente relatório está intimamente ligada à importância de conhecer as crianças e ao modo como são capazes de atribuir sentido às suas experiências de vida para as conhecer melhor e ser capaz de instigar novas práticas pedagógicas tendo em conta a “riqueza multifacetada” das suas vidas. Como tal, a minha questão investigativa é “Como é que as crianças expressam o sentido que dão às suas experiências de vida?”.

e) Organização do trabalho

Num primeiro capítulo, apresento o Enquadramento Teórico onde utilizei a teoria para compreender o que são as Culturas da Infância e como são as Narrativas das

Crianças. Visto este estudo ter um número limite de páginas, decidi focar-me no Enquadramento Teórico em apenas duas obras de dois autores que considero, no entanto, que são suficientes e que contém todas as informações que necessito. São estes autores Manuel Jacinto Sarmiento e Dennie Palmer Wolf, sendo que o primeiro retrata as Culturas da Infância e o segundo, as Narrativas das Crianças.

Num segundo capítulo, apresento a Metodologia utilizada para o presente relatório. É neste capítulo que explico a problemática, em que apresento a questão de investigação, os objectivos do estudo e onde explico o tipo de estudo que utilizei – uma experiência etnográfica com crianças. Neste mesmo capítulo, apresento os participantes – caracterizando a amostra e o contexto, apresento as técnicas de recolha de dados que utilizei – a observação e os registos e por fim, o procedimento que fiz.

Num terceiro capítulo, apresento os dados que recolhi ao longo da investigação, sendo as narrativas que as crianças construíram ao visualizar as imagens que seleccionei sobre famílias – pretexto que utilizei para dar voz às crianças e os trabalhos que realizaram.

Num quarto capítulo, por sua vez, interpreto os dados recolhidos.

Por fim, apresento as considerações finais, respondendo dessa forma à minha questão de investigação, apresentando as limitações e recomendações.

O presente relatório não foi feito segundo o Novo Acordo Ortográfico.

1. Enquadramento Teórico

1.1. Culturas da Infância

1.1.1. Infância e Modernidade

Sabemos que, apesar de sempre terem existido crianças, nem sempre estas foram consideradas como uma categoria social. Segundo Sarmiento (2004) durante grande parte da Idade Média, as crianças foram consideradas como meros seres biológicos, sem estatuto social nem autonomia existencial. O mesmo autor diz-nos que apesar de sempre terem havido crianças, seres biológicos de geração jovem, nem sempre houve infância, categoria social de estatuto próprio.

Foi com o Renascimento, que começou a existir a consciência social da infância.

A institucionalização da infância no início da modernidade deu-se com a conjugação de diversos factores. O primeiro factor apresentado é a criação de instâncias públicas de socialização, principalmente através da institucionalização da escola pública e a sua expansão como escola de massas. Este acontecimento torna possível, pela primeira vez, a libertação das crianças do trabalho produtivo, deixando-a livre para a escola. A escola existiu primeiramente só para rapazes da classe média urbana mas progressivamente para todas as classes e crescentemente, tardiamente, para as raparigas, com a aclamação da escolaridade obrigatória.

Como segundo factor, o autor aponta o recentramento do núcleo familiar no cuidado dos filhos. A família, que antes depositava a criança ao cuidado e companhia das aias e criadas, reconstituiu-se através do seu centramento na prestação de cuidados de protecção e estímulo ao desenvolvimento da criança.

Como terceiro factor, é referida a produção de disciplinas e saberes periciais relativos à infância e sua educação:

[...] Esses saberes originam novas disciplinas constitutivas do campo da reflexividade social sobre a criança, com influência poderosa nos cuidados familiares e nas práticas técnicas nas instituições onde há crianças. Destacam-se nesses saberes a pediatria, a psicologia do desenvolvimento e a pedagogia (Sarmiento, 2004, p.12).

Como quarto factor, Sarmiento aponta a promoção da administração simbólica da infância. Com isto, o autor, quer dizer que foi elaborada um conjunto de normas e atitudes organizadoras da vida das crianças em sociedade.

Estes factores radicalizaram-se no final do século XX, de tal forma que potenciaram criticamente todos os seus efeitos. Desse modo, a escola expandiu e universalizou-se; as famílias reordenaram os seus dispositivos de apoio e controlo das crianças; os saberes disciplinares adquiriram autonomia e desenvolveram-se notavelmente e a administração simbólica adquiriu novos instrumentos reguladores com a Convenção dos Direitos da Criança – documento que declara um grande conjunto de direitos fundamentais de todas as crianças, bem como as respectivas disposições para que estes sejam aplicados - em 1989, pelas Nações Unidas e com normas de agências internacionais (tais como a UNICEF fundada em 1946, a OIT criada em 1919, e a OMS fundada em 1948).

Torna-se importante referir que a Convenção dos Direitos da Criança assenta em quatro pilares fundamentais: a não discriminação, o interesse superior da criança, a sobrevivência e desenvolvimento e a opinião da criança. É importante referir ainda, já que este trabalho visa dar voz às crianças, que “a opinião da criança”, na Convenção, significa que a voz das crianças deve ser ouvida e tida em conta em todos os assuntos que se relacionem com os seus direitos.

Ainda segundo Sarmiento a segunda modernidade:

[...] caracteriza-se por um conjunto associado e complexo de rupturas sociais, nomeadamente a substituição de uma economia predominantemente industrial por uma economia de serviços, a criação de dispositivos de mercado à escala universal, a deslocalização de empresas,[...] a conclusão do processo de descolonização dos países africanos, [...]. Estas rupturas são de âmbito, sentido e impacto desiguais, mas todas contribuem para a estabilização de algumas ideias fundadoras do espírito da modernidade: a crença na razão, o sentido do progresso, a hegemonia dos valores ocidentais, a ideia do trabalho como base social. (Sarmiento, 2004, p.15).

O autor explica que estas mudanças, têm sérias implicações no estatuto social da infância e nas diversas e plurais condições actuais da vida das crianças. Desta forma, o lugar social atribuído às crianças, já não é idêntico ao de antigamente. Surge então, a reinstitucionalização da infância, na segunda modernidade.

Sarmiento (2004) explica que a visibilidade deste acontecimento, está intimamente ligado à reentrada da infância na esfera económica. Desta vez, não tanto na forma de trabalhadores, mas sim, principalmente, pela parte do marketing, em que as

crianças são usadas para promover produtos mas também pela criação de um mercado especificamente com produtos para a criança.

A escola, também sofre alterações, o que também contribui para a reinstitucionalização da infância.

Segundo Sarmiento (2004),

[...] A escola da segunda modernidade, de massas, heterogénea e multicultural, radicalizou o choque entre a cultura escolar e as diversas culturas familiares de origem dos alunos de proveniências sociais e étnicas diversificadas. [...] Essa radicalização exprime-se na “turbulência” dos contextos organizacionais de acção educativa e em indicadores de insucesso escolar e de disrupção comportamental (Sarmiento, 2004, p.16).

Também a família, é palco de mudanças, devido às transformações estruturais crescentes. Transformações essas que se exprimem no aumento da monoparentalidade, na precocidade da maternidade e no aumento do número de crianças que ocupa funções no espaço doméstico. Dá-se também uma transformação do espaço e lugar das crianças e dos adultos. Os adultos cada vez mais ocupam o espaço doméstico, sendo o desemprego um dos factores deste acontecimento. E as crianças, por sua vez, cada vez mais ocupam agências de ocupação e regulação de tempo. Tal mudança, a progressiva ocupação das crianças de instituições controladas por adultos, faz com que estas fiquem com menos tempo para descobrir os seus limites, o com menos espaço para conhecer a liberdade.

Tendo em conta todas as mudanças e transformações que ocorrem contemporaneamente, Sarmiento (2004) diz-nos que importa interrogar-nos sobre as possibilidades da autonomia da infância.

Sarmiento diz-nos que,

[...] nas condições plurais da reinstitucionalização, no processo de ressemantização e de recuperação para formas de controlo e dominação a que estão subordinados os seus mundos de vida, as crianças parecem acima de tudo assujeitadas e não sujeitos (Sarmiento, 2004, p.19).

No entanto, sabemos que a infância enquanto categoria social está em mudança, contudo esta mantém-se como categoria social, com características próprias.

De modo a reforçar esta ideia, é possível afirmar que:

Entre a criança desejada, que se quer livre, amada, espontânea, sonhadora e depositária do futuro e da esperança; e a criança rejeitada, abandonada ou enviada para as instituições de custódia, perturbadora do quotidiano dos adultos, comprada e seduzida, mas ao mesmo tempo,

temida na turbulência que leva à escola ou à família; entre a criança romântica e a criança da crise social; entre a criança protegida e a criança violentada; entre a criança vítima e a criança vitimadora; [...] entre uns e os outros, afinal há um universo inteiro de diferenças, sem que, todavia, se dissipe nessa diferença uma marca distintiva essencial: é sempre de crianças que estamos a falar e é irreduzível ao mundo dos adultos a sua identidade (Sarmiento, 2004, p.20).

Identidade essa que, segundo o autor, reside no seu estatuto face aos direitos sociais, reside ainda nos factores sociais, reside na obrigatoriedade de frequência de uma instituição social, e é também construída e continuamente investida pelo sistema económico. A identidade das crianças é também uma identidade social, ou seja, é a capacidade das crianças constituírem culturas não redutíveis totalmente às culturas dos adultos (Sarmiento, 2004).

1.1.2. Culturas da Infância

Desse modo, é necessário reconhecer determinados traços distintivos das culturas de infância. Sarmiento (2004) explica que a gramática das culturas da infância exprime-se nas dimensões apresentadas: a semântica (a construção de significados autónomos e a elaboração de processos de referenciação e significação próprios); a sintaxe (a articulação dos elementos constitutivos da representação, que não se subordinam aos princípios da lógica formal, mas sustentam a possibilidade de contradição do princípio da identidade); e a morfologia (a especificidade das formas que assumem os elementos constitutivos das culturas de infância: os jogos, os brinquedos, os rituais, mas também os gestos e as palavras).

No entanto, não nos podemos esquecer dos quatro eixos estruturadores das culturas de infância, que segundo Sarmiento (2004) são: a interactividade, a ludicidade, a fantasia do real e a reiteração.

Sobre a interactividade, podemos reflectir que, o mundo da criança é um mundo muito heterogéneo e que esta está constantemente em contacto com diferentes realidades, das quais vai apreendendo valores e estratégias que contribuem para a sua formação social e pessoal.

Uma dessas realidades é cultura de pares, desse modo muito importante para as crianças pois é através dela que as crianças tem a possibilidade de apropriar-se, reinventar e reproduzir o mundo que as rodeia. A partilha com os pares de tempos,

acções, representações e emoções é o que vem proporcionar um bom entendimento do mundo, que por sua vez, faz parte e é essencial para o processo de crescimento.

Não podemos, contudo, tirar o devido valor à interacção com os adultos, tal como nos diz Sarmiento (2004):

[...] Seria desajustado compreender as culturas da infância desligadas da interacção com o mundo dos adultos. Esta interacção não apenas é contínua e produtora de formas de controlo dos adultos sobre as crianças, como se expressa na utilização pelos adultos de meios de configuração dos mundos específicos da criança [...] (Sarmiento, 2004, pp. 24-25).

Sobre a ludicidade podemos dizer que brincar é uma característica do homem, não é exclusivamente uma característica da criança. Aliás, é uma das actividades sociais mais significativas do ser humano, contudo, contrariamente aos adultos, as crianças não fazem distinção entre brincar e fazer coisas sérias, sendo que o brincar é muito do que as crianças fazem de sério.

Segundo Sarmiento (2004) brincar é a condição de aprendizagem da aprendizagem da sociabilidade e é um dos primeiros elementos fundacionais das culturas da infância. O mesmo autor diz-nos que “[...] o brinquedo e o brincar são também um factor fundamental na recriação do mundo e na produção das fantasias infantis” (Sarmiento, 2004, p.26).

A produção de fantasias infantis é no fundo a fantasia do real. Esta, é a capacidade das crianças transporem o real imediato e o reconstruírem criativamente pelo imaginário, seja importando situações imaginárias para o seu quotidiano, seja interpretando fantasiosamente situações que ocorrem no seu quotidiano. E, é essa capacidade que permite às crianças serem resistentes, lidando fantasiosamente com situações adversas.

A reiteração, um dos eixos estruturadores das culturas da infância está intimamente ligado à percepção do tempo pelas crianças, “[...] o tempo da criança é um tempo recursivo, continuamente reinvestido de novas possibilidades, um tempo sem medida, capaz de ser sempre reiniciado e repetido” (Sarmiento, 2004, p.28).

[...] O tempo recursivo da infância tanto se exprime no plano sincrónico, com a contínua recriação das mesmas situações e rotinas, como no plano diacrónico, através da transmissão de brincadeiras, jogos e rituais das crianças mais velhas para as crianças mais novas, de modo continuado e incessante, permitindo que seja toda a infância que se reinventa e recria, começando tudo de novo (Sarmiento, 2004, p.29).

1.1.3. Qual é afinal o lugar das crianças na sociedade contemporânea?

Em suma, podemos identificar o lugar da criança, como o lugar das culturas de infância. Lugar esse que é constantemente reestruturado pelas condições estruturais que definem as gerações em cada momento histórico específico (Sarmiento, 2004).

[...] Na segunda modernidade, as condições estruturais da infância caracterizam-se pela afirmação radicalizada dos paradoxos instituintes da infância. As instituições que ajudaram a construir a infância moderna sofrem processos de mudança que, por seu turno, promovem a reinstitucionalização da infância. Ela própria, tal como as crianças que reiteram criativamente os seus mundos de vida, é reinventada como se começasse tudo de novo. Porém não são mais fáceis as suas condições de existência, mas mais complexas; não é maior a autonomia que lhes é atribuída, mas o controlo que sobre elas é exercido; não é mais reconhecido o estatuto de actores sociais atribuídos às crianças, é mais subtil a recusa às crianças do exercício da cidadania (Sarmiento, 2004, p.29).

Desse modo, ao longo deste processo, existem novos e distintos elementos que são acrescentados aos comportamentos das crianças; “há uma assunção de sujeitos que se prefigura no desempenho de um certo número de aspectos emergentes, ainda pouco estudados mas possivelmente configuradores de um futuro” (Sarmiento, 2004, p.29). Aspectos emergentes esses que Sarmiento (2004) identifica como sendo: a interacção às redes informáticas, a acção dos grupos de pares e as culturas de resistência, a extensão da ludicidade a novas modalidades e a assunção de certos valores e causas políticas pelas crianças.

[...] Estas reconfigurações fazem das crianças contemporâneas construtoras activas do seu próprio lugar, na sociedade contemporânea, esse ponto no mapa, afinal, que é também a mesma encruzilhada em que todos nós nos situamos; lugar que com elas partilhamos, ainda que com responsabilidades (e culpas...) distintas: cidadãos implicados na construção da (so)ci(e)dade (Sarmiento, 2004, p.30).

1.2. Narrativas das Crianças

É sabido que as crianças têm a capacidade, no seu primeiro discurso, de reconhecer o que é explicitado e o que pode ser inferido a partir do contexto. Os estudos feitos sobre as narrativas das crianças têm-se focado neste acontecimento, nomeadamente, na pragmática e na gramática da língua usada num contexto imediato.

Mas esse discurso “aqui e agora”, como explicita Wolf (2010) representa apenas metade do uso da linguagem, por parte das crianças. O mesmo autor revela a importância de estudar o que podemos chamar de linguagem do “ali e então” – que são as intuições e estruturas que permitem discursar sobre o passado, o íntimo, o imaginado e o hipotético:

[...] é este conjunto de competências que permite às crianças construir e partilhar as suas autobiografias e as histórias das suas famílias, inquirir e reflectir sobre os aspectos psicológicos da experiência humana, penetrar nos mundos literários inventados pelos autores, e finalmente, sondar as realidades dos mundos social e natural através de explorações hipotéticas do tipo <<e se...>> (Wolf, 2010, p.86).

Segundo Wolf (2010) existem quatro pontos a ter em atenção ao estudar as narrativas das crianças. Em primeiro, é preciso ter em conta que a narrativa engloba muito mais do que as histórias de si mesmas, abrangendo uma grande panóplia de actividades em que estão presentes várias características: um afastamento das circunstâncias imediatas, acontecimentos numa sequência temporal e um ponto de vista sobre esses acontecimentos. Em segundo, muito do que dizemos, em particular as conversas que visam dar sentido aos acontecimentos quotidianos, é narrativo no seu impulso, mesmo quando não é inteiramente percebido como uma história com princípio, meio e fim. Terceiro, as crianças têm de captar as funções social e afectiva da narrativa; têm de ter o entendimento social que as vai ajudar a configurar a sua história para um grupo particular de ouvintes, usando as formas e os materiais que vão dar significado aos seus relatos em família ou na comunidade – precisam de captar a narrativa não apenas como um tempo de história, mas como um tempo de “vida” (um modo de retratarem não apenas acontecimentos particulares, mas também as suas causas e origens, a sua explicação e consequências a longo prazo). Quarto, tomamos vezes de mais o texto escrito como modelo das narrativas. As narrativas são representações onde convergem a expressão facial, os gestos, a postura e a entoação, de acordo com a maneira como cada cultura usa esses canais para veicular o significado.

É preciso ter em atenção que as narrativas não são fidedignas, no sentido em que as narrativas transportam o marco pessoal da pessoa que narra e que quer expor o seu ponto de vista ao(s) seu(s) interlocutor(es). Segundo Wolf (2010) “aprender a narrar é, com efeito, aprender a seleccionar, a moldar e a avaliar”.

Ser capaz de falar de outras coisas para além do imediato, é uma ferramenta essencial para a criação de uma autobiografia coerente:

[...] sem a capacidade de descrever sequências de acontecimentos, as suas ligações e significados seria impossível entendermos a nossa história pessoal ou transmiti-la aos outros. Ser capaz de o fazer é algo de vital: algo que constitui a textura dos vários tipos de intercâmbios do quotidiano que permitem estreitar as relações entre as pessoas. Em circunstâncias muito mais sérias, a narrativa é aquilo que permite aos estranhos – educadores, médicos e assistentes sociais – compreender o que pode haver de desestabilizante ou mesmo de violentamente abusivo na vida das crianças (Wolf, 2010, p.89).

Narrar, é um trabalho complexo que congrega muitas vezes diversos aspectos da condição de estar vivo: o trabalho afectivo de percebermos o que sentimos, o trabalho cognitivo de dar sentido às coisas, o trabalho social de partilhar experiências, e o trabalho cultural de usar ferramentas e formas que herdámos para criar histórias pessoais, da família ou da comunidade (Wolf, 2010). Contudo, para melhor compreender tudo isto, é necessário compreender o modo como os narradores compõem através das suas experiências narrativas, mais do que a partir de comentários, relatos.

Para Wolf (2010), se prestarmos atenção às narrativas das crianças das várias idades, observamos que aprender a narrar as suas experiências requer pelo menos três processos: tornar-se narrador, tornar-se autor e construir textos.

O autor explica que ser narrador é algo em que nos tornamos, não nascemos narradores. Para se tornar narrador é necessário: entrar na comunidade de narradores, desenvolver memórias, adquirir as marcas linguísticas de rememoração e, finalmente, tornar-se num ser narrável. Entre os 2 e os 4 anos de idade as crianças começam a construir um aspecto da competência narrativa, que está para além de se tornar narrador, começam a ser autores. Ser autor é ser capaz de produzir experiência e não alguém que a relata. Produzir experiência exige então: escolher palavras e tipos de frases, inventar, ser capaz de enfatizar, representar e interpretar. Depois de se tornar autor, o autor aponta como característica da competência narrativa, a construção de texto. Construir texto significa portanto, não o acto de escrever, mas sim todas as formas de discurso interligado em que o narrador se refere não ao mundo de “aqui e agora” mas ao mundo criado pelo texto oral ou escrito propriamente dito. Para tal é necessário produzi-lo com uma linguagem fluente e coerente, coesa, funcional e interessante sem ser nem o prolongamento da intervenção de um outro interlocutor nem o suporte para as exigências pragmáticas imediatas de uma tarefa.

[...] no período que medeia entre os 4 e os 7 anos as crianças mostram capacidade para passarem de uma construção marcadamente local e peça-a-peça das suas narrativas para um tratamento sistemático, no qual todas ou, pelo menos, muitas das partes surgem cuidadosamente interligadas. Isto prova a sua capacidade de criarem estratégias tanto temáticas como referenciais que ligam partes mais antigas e mais actuais das suas narrativas. (Wolf, 2010, p.104).

São estas competências narrativas que vão permitir que as crianças sejam capazes de discutir e explorar os acontecimentos que a vida lhes confidenciará e de se manterem em contacto com a vida dos outros já que:

[...] e porque estas competências são importantes pela vida fora e não apenas na infância, elas merecem da nossa parte a mais rigorosa e permanente atenção (Wolf, 2010, p.114).

2. Metodologia

2.1. Descrição do Estudo

2.1.1. Problemática

Neste estudo, o problema a estudar está intimamente ligado à importância de conhecer as crianças e ao modo como são capazes de atribuir sentido às suas experiências de vida.

Segundo Graue & Walsh (2003), o objectivo das investigações com crianças é descobrir-se, é ser-se capaz de explicar os factos das vidas das crianças do nosso tempo sem se perder a “riqueza multifacetada” dessas vidas.

A minha experiência na Prática de Ensino Supervisionada assim como uma breve revisão da literatura, fizeram-me questionar até que ponto é que Educadores compreendem o que são as crianças, porque as escutam. É fácil ler teorias e criar uma imagem do que é a criança e do que sabem num momento cronológico específico, contudo até que ponto conhecemos efectivamente as crianças e as suas culturas?

Graue & Walsh (2003) propõem que os investigadores pensem nas crianças como vivendo em contextos específicos, com experiências concretas e em situações da vida real. Sugerem, desse modo, que os investigadores gastem menos tempo a tentar desenvolver grandes teorias e mais tempo a aprender a retratar toda a riqueza das vidas das crianças nos inúmeros contextos em que elas se movem.

Desse modo, a minha problemática centra-se na capacidade das crianças darem sentido às suas vivências e de que modo o fazem, de modo a promover práticas mais adequadas às suas realidades construídas, que respeitem os seus saberes e que os expandam através de novas experiências.

2.1.2. Questão Investigativa

A minha questão investigativa é: “Como é que as crianças expressam o sentido que dão às suas experiências de vida?”

2.1.3. Objectivos do Estudo

Na sequência da pergunta da investigação, os objectivos deste trabalho são:

2.1.3.1. Objectivo geral:

- Compreender como é que as crianças dão sentido às suas experiências de vida através das narrativas que constroem sobre elas.

2.1.3.2. Objectivos específicos:

- Analisar de que forma as crianças são capazes de incluir nas suas narrativas experiências e vivências pessoais;
- Compreender de que forma as crianças representam as suas famílias através da visualização de imagens;
- Experimentar uma metodologia que dê voz às crianças e perceber se esta cumpre o objectivo de melhor conhecer as crianças.

2.2. Tipo de Estudo – Investigação Qualitativa Interpretativa

A Investigação Interpretativa é uma investigação que se preocupa essencialmente com os processos de atribuição de sentido, considerando que esses sentidos são “produto” das interacções entre as pessoas e construídos e modificados constantemente à medida que a experiência e as interacções se diversificam.

Mais do que qualquer outra, este tipo de pesquisa, revela depender da forma de interagir do investigador com os sujeitos da investigação. Como tal, do meu ponto de vista, este tipo de pesquisa, é o que potencia mais as práticas adequadas dos educadores e professores que se caracteriza por um prolongado e atento olhar – intervenção – reflexão/avaliação sobre as crianças. Baseando-se na descrição detalhada que contempla as emoções, os diálogos entre os participantes em que se insere o educador/professor – investigador.

Tendo em conta o que os autores, que em baixo cito, nos falam sobre a investigação etnográfica com crianças, considero que, podemos considerar, deste modo, esta investigação, um ensaio etnográfico com crianças.

Segundo Afonso, citando Atkinson e Hammersley (2000), os estudos etnográficos caracterizam-se por centrarem o foco de investigação na exploração da natureza de fenómenos sociais específicos, em vez de procurarem testar hipóteses a seu respeito.

Sendo que estamos a falar de Investigação Etnográfica com crianças, podemos dizer que estes estudos caracterizam-se por centrar o foco de investigação na exploração de fenómenos sociais específicos, no que diz respeito às crianças, enquanto grupo social.

Segundo Graue & Walsh (2003), fazer investigação com crianças pequenas é tão complexo, gratificante e turbulento como viver e trabalhar com elas. Requer uma perspicácia especial para detectar as suas necessidades, mais do que as necessidades do projecto de investigação. Requer atenção às circunstâncias especiais que permitem às crianças mostrar-nos os seus mundos.

Segundo os mesmos autores, deve ficar claro que muita da investigação sobre crianças é de tipo presencial, por oposição à investigação distanciada; que o seu tempo de duração é curto, isto é, é uma abordagem por amostragem.

Afonso (2005) refere que no plano epistemológico, as abordagens interpretativas são dominantes, embora não exclusivas [na etnografia]. Em termos metodológicos, a observação participante é a estratégia de investigação por excelência neste tipo de estudo.

Graue & Walsh remetem-nos também para a relevância da teoria para o processo de investigação com as crianças. Referem que esta pode-nos permitir ver uma parte do mundo por novos prismas no entanto, esta pode ser um ponto de bloqueio que nos impede de ver determinados prismas. Referem então a importância de sabermos utilizar a teoria, e não sermos usados por ela.

Ferreira (2004) fala da importância de, ao fazer uma pesquisa com crianças, ter um compromisso com abordagens metodológicas e epistemológicas apostadas em

[...] construir outros conhecimentos com as crianças acerca dos seus mundos de vida, pela ruptura com noções de poder unilateral entre adultos e crianças, pela criação de espaços capazes de lhes permitir fazer ouvir as suas vozes e serem escutadas, pela sua inclusão teórica e metodológica. [...] Trata-se, afinal, de revelar a sua agência “Escondida” no contexto de instituições e dos múltiplos

constrangimentos/possibilidades que envolvem a sua relação com os diferentes espaços-tempos do JI, com o adulto-educadora e com as outras crianças, para que possam ser resgatados a sua consideração como uma categoria marginal, não-categoria do ponto de vista cognitivo e moral [...] (Ferreira, 2004, pp. 97-98)

2.3. Participantes

Para o presente relatório fiz uma escolha quanto aos participantes neste estudo. Assim sendo a amostra escolhida para esta investigação recaiu em dez das vinte e cinco crianças que frequentam a sala 1 do Jardim de Infância Sá de Miranda, em Oeiras, onde realizei a Prática de Ensino Supervisionada.

Focalizei-me numa amostra, sendo que para tal utilizei a técnica de amostragem. Segundo Ferreira & Carmo (1998) a técnica designada por amostragem, processo de selecção de uma amostra, conduz à selecção de uma parte ou subconjunto de uma dada população ou universo, que se chama amostra.

Utilizei também a técnica de amostragem não probabilista, o que, segundo Ferreira & Carmo (1998) são amostras seleccionadas de acordo com um ou mais critérios julgados importantes pelo investigador tendo em conta os objectivos do trabalho de investigação que está a realizar.

A amostra escolhida por mim, é então uma amostra não probabilística de conveniência, já que optei por escolher as crianças aleatoriamente, de modo a juntar tanto crianças mais conversadoras como mais retraídas.

As crianças por mim escolhidas são então: o Xavier, o Miguel, o Nuno, o Diogo, o Francisco, o Pedro, a Constança, a Mafalda, a Marta e a Clara – sendo que estes são nomes fictícios (escolhidos pelas próprias crianças).

2.3.1. Caracterização da Amostra

A amostra é então, como referido anteriormente, composta por 10 crianças, 6 do sexo masculino e 4 do sexo feminino. Seis crianças têm 5 anos e quatro crianças têm 6 anos. Como demonstra o quadro.

	5 anos	6 anos	
Sexo masculino	4	2	6
Sexo feminino	2	2	4
	6	4	

O Xavier tem 5 anos, nasceu a 01/04/2008, reside em Oeiras. Têm uma irmã que frequenta o 1º ano de escolaridade. O pai é administrativo e a mãe é arquitecta; ambos têm licenciatura.

O Miguel têm 5 anos, nasceu a 26/12/2007, reside em Oeiras. Não têm irmãos. O pai é repórter e a mãe administrativa. As habilitações literárias do pai são desconhecidas, a mãe tem o 12ºano.

O Nuno têm 5 anos, nasceu a 4/11/2007, reside em Oeiras. Têm uma irmã, mais velha, não se conhecendo que idade têm. O pai é escriturário e a mãe é terapeuta ocupacional; o pai têm o 12º ano e a mãe tem um bacharelato.

O Diogo têm 5 anos, nasceu a 28/07/2007, reside em Oeiras. Não tem irmãos. O pai é engenheiro mecânico, tendo uma licenciatura. A mãe, é auxiliar/administrativa, tendo o 12º ano.

O Francisco têm 6 anos, nasceu a 02/11/2006, reside em Oeiras. Têm uma irmã, que frequenta o 3º ano do ensino básico; tem uma irmã, só filha do pai, mais nova. Os pais são divorciados. O pai é escriturário e a mãe é esteticista; ambos têm o 12º ano.

O Pedro têm 6 anos, nasceu a 13/12/2006, reside em Oeiras. Têm um irmão, mais novo. O pai é publicitário e a mãe funcionária publica; o pai têm o 12º ano e a mãe tem uma licenciatura.

A Constança têm 6 anos, nasceu a 04/02/2007, reside em Oeiras. Têm uma irmã, mais nova. O pai é coordenador e a mãe é técnica administrativa, ambos têm o 12º.

A Mafalda tem 5 anos, nasceu a 17/07/2007, e reside em Oeiras. Não tem irmãos. O pai é director técnico, tendo uma licenciatura. A mãe é professora, tendo um mestrado.

A Marta têm 6 anos, nasceu a 24/10/2006, reside em Oeiras. Têm três irmãos, as duas irmãs mais velhas estão no 2º e 3º ano do ensino básico; o irmão é mais novo. O pai é advogado e a mãe jurista, ambos licenciados.

A Clara tem 5 anos e nasceu a 16/02/2008, reside em Oeiras. Têm uma irmã mais velha; e têm outra irmã, só da parte do pai, mais nova. O pai é engenheiro e tem o mestrado; a mãe é advogada e tem uma pós-graduação. Os pais são divorciados.

O primeiro grupo é composto por o Pedro, o Francisco, o Xavier, a Marta e a Mafalda. O segundo grupo é composto por o Diogo, o Miguel, o Nuno, a Clara e a Constança.

2.3.2. Caracterização do Contexto - Oeiras

Visto todas as crianças habitarem e frequentarem o Jardim de Infância no concelho de Oeiras, acho pertinente caracterizar o contexto onde as crianças se inserem. (Ver Anexo II).

O Concelho de Oeiras é um concelho com 45,84 km² de área e 172 120 habitantes (segundo os Censos de 2011), tendo uma elevada densidade populacional.

Este concelho situa-se na margem direita do estuário do Tejo e é limitado a norte pelos municípios de Sintra e Amadora, a leste por Lisboa, a oeste por Cascais e a sul tem costa na zona da foz do Rio Tejo onde o estuário acaba e começa o Oceano Atlântico.

O concelho subdivide-se em dez freguesias, sendo estas: Algés, Barcarena, Carnaxide, Cruz Quebrada – Dafundo, Linda-a-Velha, Oeiras e São Julião da Barra, Paço de Arcos, Porto Salvo e Queijas.

O concelho de Oeiras localiza-se a 19km do Concelho de Lisboa.

2.4. Técnicas de Recolha de Dados

Como técnicas de recolha de dados utilizei a observação participante, assim como o registo daquilo que observei, através do diário do investigador. É importante, no entanto, salientar que utilizei fotografias e trabalhos das crianças, para promover as suas narrativas sobre as suas experiências de vida.

2.4.1. Observação

A observação é uma técnica de recolha de dados particularmente útil e fidedigna, na medida em que a informação obtida não se encontra condicionada por opiniões e pontos de vista dos sujeitos como acontece nas entrevistas e nos questionários (Afonso, 2005).

Dentro da observação, podemos distinguir a observação estruturada e a observação não estruturada. Para este estudo, optei pela observação não estruturada. Contudo, segundo Afonso (2005), toda a observação é estruturada no sentido em que o seu ponto de partida é sempre um questionamento específico do contexto empírico em causa, ou seja, orientado a partir das questões de partida e dos eixos de análise da investigação.

Afonso, citando Cozby (1989) diz-nos que a observação não estruturada é

[...]Conduzida quando o investigador quer descrever e compreender no modo como as pessoas vivem, trabalham e se relacionam num determinado contexto social [implicando] que o investigador se insira na situação [...] e observa o próprio contexto, os padrões das relações entre as pessoas, o modo como reagem aos eventos que ocorrem (Afonso, 2005, p.92)

Segundo Afonso (2005), os produtos de um dispositivo de observação não estruturada consistem em diversos tipos de textos que constituem o conjunto dos registos de observação.

2.4.1.1. Diário do Investigador

O instrumento que utilizei, na minha observação, foi o diário do investigador. Segundo Porlán & Martín (1997), o diário do investigador é considerado um formato adequado à apresentação de dados recolhidos na observação de aulas, como um guia de reflexão e análise sobre a formação e as práticas dos professores. Os mesmos autores afirmam também que este instrumento facilita o estabelecimento de ligações entre a teoria e a prática, sem perder as referências do contexto.

2.5. Procedimento

Para a investigação, de modo a responder à pergunta de partida “Como é que as crianças expressam o sentido que dão às suas experiências de vida?” decidi escolher um conjunto de imagens para apresentar às crianças, nomeadamente, fotografias recortadas de revistas referentes a “famílias” – pretexto que utilizei para perceber de que forma as crianças dão sentido às suas vivências.

Utilizei as fotografias pois:

[...] as ciências sociais e históricas demonstram, a partir da década de 1980, uma disposição de usar a fotografia como representação constitutiva de significado. [...] Os sociólogos e os antropólogos utilizam a técnica fotográfica como instrumento complementar da pesquisa (Miguel, 1993).

Por as fotografias, serem carregadas de significado, utilizei-as também como pretexto para que as crianças as pudessem relacionar, com as suas vivências.

Também é sabido que as:

[...] fotografias representam o cenário no qual as actividades diárias, os actores sociais e o contexto sociocultural são articulados e vividos. Existem estudos sobre os detalhes tangíveis representados em fotografias que permitem a elucidação de comunicações não verbais tais como um olhar, um sentimento, um sistema de atitudes, assim como mensagens de expressões corporais, faciais, movimentos e significados de relações espaciais entre pessoas e padrões de comportamento através do tempo. Imagens fotográficas retratam a história visual de uma sociedade, documentam situações, estilos de vida, gestos, actores sociais e rituais, e aprofundam a compreensão da cultura material, sua iconografia e suas transformações ao longo do tempo (Bittencourt, 1998, p.199).

Por a fotografia ser um material tão carregado de informação, tornou-se para mim adequado este pretexto, associado à família (imagens relativas a famílias), para que as crianças pudessem associar às suas vivências.

Como tal, após ter feito uma recolha de fotografias, plastifiquei-as e numerei-as.

Após ter feito a selecção da amostra, as dez crianças referidas anteriormente, dividi-as em dois grupos: cada um de cinco elementos, tentando que cada grupo fosse heterogéneo no que diz respeito a género e idade. Desse modo, o primeiro grupo é composto pelo Pedro (que tem 6 anos e nasceu em 2006), pelo Francisco (que tem 6 anos e nasceu em 2006), pelo Xavier (que tem 5 anos e nasceu em 2008), pela Marta (que tem 6 anos e nasceu em 2006) e pela Mafalda (que tem 5 anos e nasceu em 2007). O segundo grupo é composto pela Clara (que tem 5 anos e nasceu em 2008), pela

Constança (que tem 6 anos e nasceu em 2007), pelo Nuno (que tem 5 anos e nasceu em 2007), pelo Diogo (que tem 5 anos e nasceu em 2007) e pelo Miguel (que tem 5 anos e nasceu em 2007).

Após a divisão dos grupos, agrupei as imagens também em três conjuntos. Cada conjunto de imagens foi apresentado a cada grupo de crianças, duas vezes, de modo a que estas conversassem livremente sobre as mesmas. Apresentei a cada grupo de crianças, uma imagem de cada vez, sendo que apresentava um conjunto de imagens por dia. Pedi às crianças que falassem sobre as imagens, não explicando a intenção nem referindo como deviam proceder, de modo a conseguir narrativas espontâneas, sem serem forçadas. O tempo para visualizar e conversar sobre cada imagem não foi limitado, pelo que as crianças o podiam fazer livremente e consoante o seu interesse.

Com o decorrer do tempo, estando a Educadora da sala a trabalhar um dos temas do Plano Anual de Actividades: “A família” – por se festejar o dia internacional da família no dia 15 de Maio - decidi aproveitar dois desenhos elaborados sobre as suas famílias – um deles, uma árvore genealógica; um outro, o desenho das suas famílias. Pedi então a cada criança que, individualmente, me falassem sobre os seus desenhos, não explicando também o que pretendia com tal pedido.

Para realizar uma actividade sobre a família, consoante o Plano Anual de Actividades, eu decidi fazer uma actividade com as crianças em que estas tinham que, dando uso a imagens, colocar numa maquete a sua família. Aproveitei a maquete para pedir às dez crianças da amostra que representassem as suas famílias e que me falassem sobre esta. Mais uma vez, não foi referido às crianças o que pretendia, de modo a não condicionar as suas narrativas.

3. Apresentação dos Resultados/Dados

3.1. Ouvindo as crianças - Dados obtidos através das narrativas a partir das imagens

3.1.1. Primeira Imagem



Fig. 1 – “Isto parece uma festa de anos.”

- 1º grupo, 1ª vez – 22 de Maio de 2013

Marta: Eu acho que é uma festa de anos e esta senhora aqui com a camisola branca, com flores e efeitos que não percebo... Também acho que esta senhora tem aqui borbulhas.

Xavier: Borbulhas?

Mafalda: Vejo aqui uma senhora a comer a sopa. Uma menina. Vejo aqui uma senhora a meter vinho no copo e uma senhora a comer comida.

Francisco: Eu acho que é um almoço de família e o pai não podia ir porque o pai estava a trabalhar e convidaram também um amigo. E estava também a avó, desta menina, e essa avó é a mãe desta senhora. Vejo que eles estão-se a começar a servir para comer.

Xavier: Isto parece uma festa de anos. Uma senhora está a pôr vinho no copo.

Pedro: Uma pessoa a pôr vinho a outra pessoa.

Xavier: Senhoras.

Pedro: E uma menina está a começar a comer. E tem muita comida!

Xavier: Eu não quero dizer mais.

Marta: A casa é muito gira. Faz-me lembrar a casa do Alentejo da minha avó, lá fora.

Xavier: Eu não quero dizer mais.

Francisco: Faz-me lembrar o meu almoço de anos. Quando eu fiz anos em Novembro. Os meus 5 anos.

Xavier: Vais fazer 6 anos? Ainda tens 5 anos?

Francisco: Não. Eu era mais novo naquela altura.

Xavier: Tens 6 anos.

Francisco: Sim, tu não percebes. Faz-me lembrar quando eu fiz o meu aniversário.

Xavier: Eu não quero dizer mais.

Francisco: E esta senhora tem um bocadinho de cara que parece a minha avó, só que é sem óculos. Isto também parece o meu almoço de anos quando fiz 5 anos.

- 1º grupo, 2ª vez – 28 de Maio de 2013

Mafalda: Uma senhora cheia de borbulhas. E a senhora a comer a sopa. Uma senhora com o copo à frente do vinho e a outra senhora está a deitar no copo. E a senhora de branco com as flores tem brincos. E depois uma senhora tem anel.

Marta: Eu vou dizer uma coisa, os copos desta casa são iguais aos meus só que são de outra cor. Porque os meus são transparentes... É verdade! Eu vejo uma senhora a pegar no copo... Eu vejo uma senhora com borbulhas a pegar no copo. E vejo também uma folha, vejo o chão... Vejo uma senhora com argolas de brincos! Eu não gosto de argolas. Vejo uma senhora a servir o vinho à senhora das argolas e vejo pratos em forma de flor.

Pedro: São pessoas que uma senhora convidou e estão a fazer um almoço.

Francisco: Eu vejo uma menina que tem o cabelo parecido ao da Mafalda.

Marta: O da Mafalda não é assim!

Mafalda: Não, não!

Francisco: Eu vejo um jantar de amigos e com pessoas de família e penso que esta senhora que é a avó desta senhora e que é mãe desta senhora. E esta senhora parece uma amiga da minha mãe, não sei porquê. Que se chama Fátima! Mas é a que está vestida de branco, não é a vestida de rosa.

- 2º grupo, 1ª vez – 22 de Maio de 2013

Miguel: É uma mesa com um almoço e uma menina e uma mãe. E outra mãe e uma avó.

Clara: Estão a almoçar com a mãe, com a avó, com a mana e com a tia.

Nuno: A mãe está a dar vinho à avó.
Diogo: Vinho?
Nuno: A menina está a comer a sopa. A avó está... Ei, não percebo porque é que a avó já arrumou o prato! E a outra avó..
Diogo: A bisavó!
Nuno: Sim, a bisavó está... Ainda está a comer. E a mãe está em pé a fazer tudo. O que é que é isto? Ai, farinha parece.
Diogo: Parece veneno.
Nuno: Peixe e batatas um bocadinho podres. Está aqui preto, está um bocadinho podre.
Constança: Eu acho que eles estão a almoçar na varanda.
Nuno: Não, não estão.
Constança: Estão, estão.
Diogo: Estão dentro de casa.
Constança: Estão a almoçar na varanda e estão muito felizes e a menina está a comer sopa. A avó está a comer... Está à espera que a sirvam. E a mãe está a servir o vinho e a bisavó está a pegar num copo para beber vinho.
Diogo: A menina deve estar a comer papas cerelac porque eu não sei o que é. A avó está a comer o prato.
Nuno: A avó está a comer o prato?
Diogo: Não, está a espera que venha o prato!
Nuno: Ah!
Diogo: E a mãe está a pôr o vinho na tia. Está a encher até ao cimo do copo. E vai beber o vinho todo de seguida.
Nuno: Acho que a menina está a comer..
Constança: Eu acho que eles almoçaram ao ar livre porque era um dia especial.
Nuno: Muito bem!
Clara: Eles estão a almoçar fora porque..
Nuno: Não estão a almoçar fora, está ali uma janela.
Clara: Estão a almoçar na varanda porque deve ser um dia especial para eles. Ou a mãe faz anos, ou a irmã, ou a tia.
Nuno: Eles têm uma gaiola com pássaros... A tia vai beber até ao cimo... A menina está a comer sopa de feijão. Ei, não é de feijão verde, enganei-me. Era de espinafres ou couves... Não sei.
Diogo: Mas é claro, couves.
Nuno: Couves e grão. A avó está a comer uma torrada. Uma torrada, ou uma tosta, ou um pão.
Diogo: Um pão enorme?
Nuno: Não.
Diogo: Um pão mini. Isso é a mão por acaso.
Nuno: Han?
Diogo: É a mão

- 2º grupo, 2ª vez – 28 de Maio de 2013

Diogo: Eu acho que eles estão a almoçar fora lá na rua da vivenda.
Clara: Se calhar elas estão na casa da tia e estão a almoçar lá na varanda e a menina está a comer sopa, a entrada. A avó está... A bisavó está a espera do segundo prato. E a tia já acabou.
Miguel: A menina está a comer sopa e a avó está no segundo prato e a tia já acabou.
Constança: Eu acho que a mãe está a servir, a avó está a espera do segundo prato e a tia já acabou e menina estava muito aborrecida porque queria ir a um encontro a esta hora e não podia porque estava a almoçar.

3.1.2. Segunda Imagem



Fig. 2 – “Se calhar a mana mais velha teve um bebé.”

- 1º grupo, 1ª vez – 22 de Maio de 2013

Francisco: Parece que a mãe estava com o bebé que nasceu no dia e ela tirou uma foto com ele.
Pedro: Eu acho que a mãe tinha um bebé e depois pegou nele para tirar uma fotografia para depois dar aos senhores do aeroporto para irem viajar.
Marta: Uma fotografia para darem aos senhores do aeroporto?
Pedro: Não! Para irem viajar. Iam para França.

Marta: Esta senhora estava a tirar uma fotografia porque ia para outro país. E então estava a tirar para a mãe da senhora. E então ela tirou e depois foi para o aeroporto.

Mafalda: A senhora tem um bebé ao colo e a senhora também tem brincos... Eu reparo nestas coisas todas! Sempre! Adoro! Até já tenho as unhas pintadas por causa disso! Tem brincos, tem um bebé ao colo.

- 1º grupo, 2ª vez – 28 de Maio de 2013

Marta: Eu acho que é uma mãe. Quer dizer, é uma mãe. Com um filho.

Francisco: Já disseste isso.

Marta: Que estão a tirar uma fotografia. E também estão no quarto do bebé que foi no dia que o bebé nasceu. E a mãe telefonou a uns senhores para pintarem a parede do quarto. Acho que o bebé tem os pés pretos e a mãe tem os olhos castanhos, quer dizer, verdes.

Mafalda: Eu estou a fazer força para não me rir do que tu disseste.

Marta: A mãe está com uma roupa velha.

Mafalda: Há aqui uma coisa que não disseste! A mãe tem os olhos pintados! Vejo aqui uma mãe com brincos! Tu não disseste isto Marta! O bebé já tem cabelinho.

Francisco: Pois já! Esta fotografia é repetida. Eu acho que é uma mãe que estava no hospital com o filho e depois já tinham tirado o filho da barriga da mãe. E depois eles estavam a tirar uma fotografia e foram para casa e tiraram mais uma fotografia. Uma foi para a maquina fotográfica e a outra foi para a colecção.

Mafalda: Para a colecção?

Pedro: Eu acho que é uma mãe com o filho ao colo e estava num dia que eles iam andar de barco e o filho ia estar com os tios. E depois estavam a tirar uma fotografia para quando ele dormisse com os tios... Ele ia dormir com os tios, porque ia ficar no navio cinco dias.

- 2º grupo, 1ª vez – 22 de Maio de 2013

Constança: Eu vejo um menino, uma mãe, e uma bebé. Se calhar a mana mais velha teve uma bebé e depois foi morar para a casa dela. Arranjou um namorado, depois tiveram uma bebé e casaram-se... E foram felizes.

Clara: Se calhar a mãe teve um bebe e agora a mãe está a pegar o bebé ao colo. Se calhar vai para a sua casa.

Diogo: Se calhar a mãe teve um bebé deste tamanho. E a mãe está a cuidar o bebé. E o bebé vai mamar nas maminhas da mamã... Que se chama Teresa.

Clara: Quem é a Teresa?

Diogo: Eu chamei Teresa porque é o nome da minha mãe.

Nuno: Acho que o bebé tocou na maminha na mãe. A mãe está a pegar ao colo a menina. Eu acho que ela está a mamar...

- 2º grupo, 2ª vez – 28 de Maio de 2013

Miguel: Eu acho que a mãe está a pegar um bebé no colo. Ela está na sala com o bebé no colo.

Clara: A tua mãe agarra-te ao colo?

Miguel: Sim.

Constança: Eu acho que isto faz-me lembrar a minha mãe a pegar na minha irmã ao colo. E também me faz quando a minha mãe me pegava ao colo quando era bebé e ainda me pega...

Diogo: Isto faz-me lembrar quando era pequenininho e a minha mãe a pegar ao colo.

Clara: Se calhar a mãe está em casa e está a tratar do bebé. O bebé está com muito sono e se calhar a mãe queria tirar uma fotografia e tirou. Se calhar a mãe quer ir pôr o bebé à cama.

3.1.3. Terceira Imagem



Fig. 3 – “Eu acho que a avó está sentada numa cadeira branquinha e está a estudar testes de computador como a minha avó faz.”

- 1º grupo, 1ª vez – 22 de Maio de 2013

Pedro: É uma senhora velhinha que está a sorrir e está num sitio onde é para as pessoas velhinhas.

Francisco: É um centro de terceira idade. Que é para os senhores que são pobrezinhos e que são velhinhas e não têm dinheiro. Isto é mesmo um centro de terceira idade?

Pedro: É.

Francisco: Parece que é um sitio onde estão todos sentados e era para ver quem sabia mais coisas. E a senhora está concentrada. Parece que estão num centro de terceira idade e que eles têm de fazer um jogo para ver quem sabe mais coisas. E esta senhora está a ganhar o jogo.

Marta: Eu acho que ela está sentada numa cadeira, com um menino ao lado dela. Parece que é uma costureira!

Francisco: As costureiras usam óculos.

Marta: Eu sei.

Mafalda: Parece que a senhora está numa cadeira de rodas.

- 1º grupo, 2ª vez – 28 de Maio de 2013

Pedro: Uma senhora que está num sitio para velhinhos e está a tirar uma fotografia porque ela amanhã ia morrer porque os médicos tinham dito.

Francisco: Parece que eram uns senhores que estavam numa casa a preparar uma festa... Para uma menina, que era a neta deles. E parece que vão fazer uns jogos e estão a preparar no sofá e a arrumar.

Mafalda: Uma senhora de cabelo branco com óculos e com um livro e outro livro, e uma senhora lá atrás com cabelo branco. Ela tem uma manta nas costas.

Marta: Eu acho que é uma senhora com óculos de sol dentro de casa e está cega. E está a sorrir porque estava a tentar olhar para o seu marido mas não conseguia porque estava cega. E tem uma folha com livros.

- 2º grupo, 1ª vez – 22 de Maio de 2013

Nuno: As avós... O avô e a avó. A avó e a avó... Estão a ir para...

Diogo: O carro.

Nuno: Quero ir para o cinema. Quero ir para a sala.

Constança: A avó e as meninas devem estar num teste ou devem estar num curso de computadores para aprender coisas sobre computadores.... Ou num curso de costura para aprenderem a costurar.

Diogo: As avós já sabem costurar.

Constança: Algumas não.

Nuno: A minha não sabe.

Diogo: A minha sabe.

Constança: Ou estão num curso de livros que é para aprender a fazer livros.

Nuno: Eu não quero dizer nada.

Diogo: As avózinhas devem estar num curso de rally.

Constança: O que é que está na imagem?

Diogo: Avós. Devem estar num centro comercial a comprar coisas e a falar com a senhora para ver se compra alguma coisa para os seus anos.

Miguel: A avó está numa cadeira e não sei quê está ali ao fundo. E o avô está ali ao fundo. Uma avó está na cadeira e o avô está lá ao fundo. E acho que a avó está com a língua de fora.

Clara: Quem está com a língua de fora?

Miguel: A avó.

Clara: A avó deve estar sentada numa cadeira e deve estar ou... Ela pode estar ou a estudar, pode estar a fazer uma coisa para o trabalho que ela tem. E o avô está a ir para ao pé da avó e a avó se calhar está a costurar.

Nuno: Eu não quero dizer nada, mas acho que a avó estava a ler um livro.

- 2º grupo, 2ª vez – 28 de Maio de 2013

Clara: Já falamos desta! Se calhar é o avô se calhar está a ir ter com a avó e a avó está sentada numa cadeira.

Diogo: De rodas.

Miguel: Eu acho que a avó está no carrinho e o avô está ali.

Constança: Eu acho que a avó está sentada numa cadeira branquinha e está a estudar testes de computador, como a minha avó faz.

Diogo: Testes de quê?

Constança: Testes de computador!

Diogo: A avó está a andar numa cadeira de rodas e o avô está a andar noutra cadeira de rodas. E está numa cadeira de rodas a olhar...

Clara: Se calhar a avó estava a andar e parou aqui e o avô está a andar para ir para ao pé da avó.

3.1.4. Quarta Imagem



Fig. 4 – “À espera que o jantar fique pronto.”

- 1º grupo, 1ª vez – 23 de Maio de 2013

Pedro: É uma menina que tem o cão ao colo e é um rapaz que está... Estão a tirar uma fotografia.

Francisco: Este cão é fofo. Parece o da minha tia, ele era bebé mas agora está maior. Parece que estão a tirar uma fotografia, na casa deles e que eles receberam o cão então estão a tirar a fotografia.

Marta: Eu acho que eles estão a tirar uma fotografia porque têm um cão novo e que compraram neste dia. E a mãe tem uma manta ao seu lado.

Mafalda: Está aqui... Uma menina com um cão ao colo e uma senhora sentada ao lado.

Francisco: Parece um cão, que eles tem há muito muito tempo e decidiram tirar uma fotografia, só para depois recordarem... Recordarem que a mãe deu.

Marta: E o sol está a brilhar muito. Parece uma casa no Alentejo.

Pedro: Parece o Algarve.

Francisco: Parece-me que estão a tirar uma fotografia para porem na sua colecção no placard... Que eles têm de fotografias?

Marta: Tens algum placard com fotografias?

Francisco: Sim.

Marta: E as janelas dão para abrir e acho que o menino só tem dois dentes.

Mafalda: Eu acho que só tem um dente.

Marta: Dois!

Mafalda: É só um.

Francisco: A Marta tem razão.

Mafalda: É só um, ainda não perceberam?

Francisco: Parece que eles estão sentados ali e estão a tirar uma fotografia e vão tirar ainda mais, à espera que o jantar fique pronto... Porque eles estavam com muita fome e não havia mais nada para fazer.

- 1º grupo, 2ª vez – 30 de Maio de 2013

Pedro: Uma senhora está com uma menina. A menina tem um cão. E está um menino sentado ao pé e estão a tirar uma fotografia!

Marta: Já vi esta!

Francisco: Parece uma família e estão com o cão e estão a tirar uma fotografia! E vão tirar outra para a sua colecção. Para porem no armário de fotografias e outras para porem no placard das fotos e para decorarem.

Mafalda: Há aqui uma menina com um cão ao colo e está com um menino da mesma idade da menina. E uma senhora.

Marta: Parece que... Eles compraram um cão e tiraram uma fotografia para a sua colecção.

- 2º grupo, 1ª vez – 23 de Maio de 2013

Nuno: Acho que o menino grande está a ver televisão. Quer dizer o menino está a olhar para o lado esquerdo... A avó... A avó não! A mãe, a mana e o cão. A mana está a abraçar o cão. Eu acho que...

Diogo: Estão de férias na casa do Algarve!

Nuno: Eu acho que estão...

Diogo: Na casa do Algarve!

Nuno: Eu acho que eles estão num prédio!

Diogo: No Algarve.

Constança: Eu acho que eles foram de férias para a Espanha e foram para um hotel...

Diogo: Gigantesco!

Constança: Não! Tinha quartos muito pequenininhos. Mas tinha piscina. E eles estavam a preparar-se para ir para a piscina.

Miguel: Eu acho que a menina e a mãe estão no sofá... E o menino está a ver.

Diogo: Um menino deve estar a olhar... Para a televisão! E eles devem estar numa casa, numa vivenda!

Clara: Eu acho que estão... Se calhar estão de férias em algum sitio. Se calhar aquela casa é deles e eles estão a ver televisão.

- 2º grupo, 2ª vez – 30 de Maio de 2013

Constança: Se calhar eles queriam tirar uma fotografia e também queriam tirar uma fotografia a ver televisão. Só que o senhor que tirava fotografias, obrigou-os a não ver televisão. Depois o senhor tirou a fotografia e ligou a televisão e depois estavam a ver televisão novamente.

Diogo: Eu acho que eles estavam a ver a televisão, depois o pai tinha uma câmara para tirar uma fotografia e tirou e... mais nada.

Clara: Se calhar eles estão num hotel ou em casa e estão a ver televisão. Mas depois o senhor obrigou a tirarem uma fotografia e tiraram. Depois o senhor não sabia para onde enviar, e enviaram para aqui.

3.1.5. Quinta Imagem



Fig. 5 – “A irmã mais velha está a cheirar e a fazer cócegas ao irmão mais novo e se calhar estão os dois a divertir-se.”

- 1º grupo, 1ª vez – 23 de Maio de 2013

Marta: A mãe tem as unhas pintadas de preto.

Mafalda: Se eu visse, ia dizer o mesmo.

Marta: Tem um anel... É um bebé com a mãe e a bebé tem um vestido às flores. E a mãe tem a camisola às bolinhas castanhas. Quer dizer, o fundo é castanho e as bolinhas são brancas. E a mãe está a por os pés da filha na boca dela. E quase que os dedos dos pés da filha estão um nojo... E a bebé ainda não tem nenhum dentinho e está de boca aberta.

Francisco: Os bebés nascem sem dentes, só podem comer papa.

Mafalda: Bebem leite!

Francisco: E depois podem comer papa!

Marta: O anel da senhora tem pérolas brancas e também tem um relógio em forma de gota! Esta bebé faz-me lembrar a minha prima Maria mas já lhe nasceram dois dentes.

Mafalda: Desculpa lá mas o anel só tem uma pérola, Marta!

Marta: São várias!

Mafalda: A mãe tem um cabelo enorme... Parece a Rapunzel! Tem um cabelo enorme. Está uma bebé deitada na cama. E tem uma camisola às pintas brancas.

Marta: E o fundo é castanho!

Mafalda: E o resto da camisola era toda castanha.

Francisco: Parece mesmo o cabelo da Rapunzel mas o da Rapunzel é amarelo. A mãe está a segurar nos pés... Eu acho que elas estão na cama e a mãe está a segurar nos pés.

Pedro: O bebé está a sorrir. Faz-me lembrar quando a minha prima bebé nasceu.

- 1º grupo, 2ª vez – 30 de Maio de 2013

Marta: Parece que a mãe está a meter o dedinho do pé da filha na boca. Estão na cama, a sorrir. Tem um anel feito de missangas! A senhora tem as unhas pintadas de preto, tem um relógio, tem uma pulseira vermelha e tem a camisola toda castanha e tem pintinhas brancas.

Mafalda: Ah! E há aqui uma coisa que não disseste, um anel com pérolas.

Marta: Eu disse!

Mafalda: E a pulseira branca!

Marta: Eu disse!

Mafalda: A mãe tem o cabelo como a Rapunzel, enorme! E a mãe tem as unhas curtinhas. E o anel dela está a brilhar!

Francisco: Parece que uma filha está a por os pés na cara da mãe e a mãe está a cheirá-los ou a comê-los!

Pedro: Uma senhora estava com o filho na cama e depois estava a lamber os pés.

- 2º grupo, 1ª vez – 23 de Maio de 2013

Constança: Eu acho que a mãe está com o bebé e está a brincar com ela a fazer-lhe cócegas nos pés e ela está a rir-se.

Miguel: Eu acho que a mãe está a segurar nos pés dela e está a fazer-lhe cócegas e ela está com a língua de fora.

Diogo: A mãe deve estar a fazer coceguinhas e o bebé a rir. E a mãe está a rir. Na sua casa.

Clara: Se calhar a mãe está a brincar com o bebé e o bebé está a rir-se.

Nuno: Não quero dizer nada... Eu acho que ela está a brincar muito.

Constança: Quem?

Nuno: A mãe.

Constança: Com quem?

Nuno: Com o bebé!

- 2º grupo, 2ª vez – 30 de Maio de 2013

Clara: Se calhar a irmã mais velha está a cheirar e a fazer cócegas ao irmão mais novo e se calhar estão os dois a divertir-se. E está a brincar com o bebé.

Constança: Se calhar a mãe está a brincar com o bebé e está a cheirar os pés da bebé e a bebé está-se a rir.

Diogo: Eu acho que a mãe está a fazer cócegas ao bebé.

Clara: Fui a única a dizer irmã mais velha.

Diogo: A fazer cócegas ao bebé e eles estão-se a rir.

3.1.6. Sexta Imagem



Fig. 6 – “O meu pai quando faz a barba fica com picos.”

- 1º grupo, 1ª vez – 23 de Maio de 2013

Mafalda: Vejo aqui um pai com brinco e uma bebé.

Francisco: É um rebelde.

Mafalda: O pai está a dar-lhe um beijo.

Marta: Eu vejo aqui um pai com um brinco. E esse pai faz-me lembrar o meu tio. Mas imagina... O meu tio não tem brincos só que sem brincos já parecia. E este bebé tem a camisola rasgada! O pai está a dar um beijinho. E cortou a barba para não magoar a bebé. O meu pai quando me dá um beijinho dói-me, porque tem barba e arranha.

Mafalda: E o que é que dizes ao teu pai?

Marta: Nada.

Pedro: Eu digo ao meu pai para ir cortar a barba logo.

Mafalda: O meu pai quando faz a barba às vezes fica com picos.

Francisco: Parece que... Isto parece o Jorginho da Avenida Brasil. E parece que este senhor tem um filho e que tem brincos e que... Eles estão a tirar uma fotografia ao pai a dar um beijinho ao filho.

Pedro: Faz-me lembrar o pai de um amigo meu que tinha um brinco. E o bebé está a sorrir. E já tem os dentes todos!

- 1º grupo, 2ª vez – 30 de Maio de 2013

Pedro: Isto parece-me um dia... Parece-me o pai de um amigo meu que eu conheci que tem um brinco na orelha.

Francisco: Tão feio! Parece que eles iam para um jogo e estavam com umas camisolas e o pai estava a dar um beijinho no filho.

Mafalda: O pai está a dar um beijo ao filho. Eu acho que está a dar um beijinho ao filho, não está?

Marta: Eu acho que não está, acho que está quase.

Mafalda: Quase quase! O pai está quase a dar um beijinho ao filho. O pai tem um brinco! O meu pai não tem.

Pedro: O meu também não.

Marta: O pai nem sequer vai ter nenhum brinco. Mas eu vou ter!

Francisco: Mas tu podes ter! Há rapazes que têm porque são tontos.

Pedro: Não, não! O pai do meu amigo não é tonto, nem é rebelde e tem.

Mafalda: Podem ter brincos.

Marta: Eu já vi uma senhora com um furo gigante.

Francisco: É bom para puxar as orelhas.

Mafalda: Eu acho que isto é uma aliança. É uma aliança ou um anel? É uma aliança, é uma coisa qualquer.

Marta: É um filho e um pai que vão ao futebol e o pai está a dar um beijinho e eles uhh são do Sporting.

Pedro: Eu adoro o Sporting!

Marta: Eu sou do Porto!

Francisco: Eu adoro o Porto!

Mafalda: Eu gosto do Sporting, está bem?

Marta: O pai é adolescente e tem uma crista.

Mafalda: O pai é adolescente?

Marta: Eu acho mesmo que é. Tem uma crista feia.

Pedro: Uma crista fixe.

Marta: Feia! E tem uma aliança, acho eu.

- 2º grupo, 1ª vez – 23 de Maio de 2013

Clara: Se calhar o pai está a dar um beijo na bebé. E se calhar o pai está a dar um beijinho à bebé e está a pegá-la ao colo.

Nuno: Acho que o pai está a dar um beijinho à filha.

Constança: Eu acho que o mano mais velho estava a dar um beijinho ao seu irmão mais novo.

Clara: Irmão mais velho?

Miguel: Não é irmão mais velho, é o pai! O bebé estava a dar um beijinho ao pai!

Diogo: Eu acho que o pai está a dar um beijinho ao irmão. Eu acho que o pai está a dar um beijinho ao filho.

- 2º grupo, 2ª vez – 30 de Maio de 2013

Clara: Se calhar o pai está a dar um beijinho ao bebé porque gosta muito dele então está a dar um beijinho e a pegar ao colo.

Constança: Era um pai, se calhar o mano mais velho, estava a dar um beijinho ao seu filho ou irmão mais novo. Estavam a abraçar-se e a dar beijinhos e o bebé estava a rir-se.

Diogo: Eu acho que o pai estava a dar um beijinho ao bebé, e têm as camisolas iguais.

3.1.7. Sétima Imagem



Fig. 7 – “Estão numa festa e estão a tirar

- Todos, 1ª vez – 24 de Maio de 2013

Miguel: Eu acho que as meninas e os pais estão a tirar uma fotografia.

Pedro: Eu acho que é uma menina mais nova, uma menina do meio e uma menina mais velha foram a um baptizado e estavam a tirar uma fotografia com os seus tios.

Mafalda: Estão numa festa e estão a tirar uma foto. São cinco pessoas.

Nuno: Eu acho que são os primos que estão... Que fizeram uma visita a mana, e ao pai e a mãe.

Constança: Eu acho que é uma família grande, foram a uma festa. Faz-me lembrar quando fui a uma festa com os pais e tiraram-nos uma fotografia todos juntos.

Diogo: Eu acho que eles estão num casamento e tiraram uma fotografia. Ou estão num casamento ou numa casa e tiraram uma fotografia com aquelas máquinas que os fotógrafos têm.

Mafalda: Um casaco é cor-de-rosa, outro é roxo e outro é azul. Ah, uma menina tem um cachecol.

Constança: E a mãe tem brincos!

Mafalda: E a mãe tem as unhas pintadas e um anel!

- 1º grupo, 2ª vez – 5 de Junho de 2013

Marta: Parece que é a minha mãe com o meu pai e as minhas manas e eu.

Mafalda: Onde estás tu? És a mais pequena!

Marta: As minhas manas e eu, o pai e a mãe estão a tirar uma fotografia. Pode ser porque a avó das meninas morreu, e vão até ao cemitério e depois vão enterrar.

Mafalda: Ai ai.

Pedro: Eles têm mesmo que enterrar! Eles enterram!

Marta: E depois eles iam enterrar. Enterraram e depois foram-se embora e mandaram... Puseram batom e beijaram a fotografia e depois escreveram “avó querida”.

Mafalda: Não disseste uma coisa! É a mãe do pai ou a mãe da mãe?

Marta: É das meninas e é da mãe! Não, é do pai! Quer dizer, é a minha bisavó! Que é a avó do meu papá! Mas este não parece lá muito o meu pai, esta não parece a minha mãe, esta não pareço eu e estas não parecem as minhas manas. Porque ninguém na minha casa tem o cabelo loiro!

Francisco: Mas têm cabelo castanho!

Marta: Sim! Mas a mãe tem cabelo preto. E quando a avó morreu eles estavam todos em casa a chorar... Porque gostavam muito muito da sua bisavó.

Francisco: Muito triste?

Marta: Muito!

Mafalda: Muito o quê?

Marta: Triste.

Pedro: O meu pai um dia chorou porque a sua avó morreu. Estávamos a almoçar no Mac Donald’s.

Marta: Só faltava aqui o meu irmão mais pequeno.

Francisco: Parece que eles estão a tirar uma fotografia e são uma família. E estão num funeral! E depois tiraram mais uma fotografia e disseram “Adoro-te avó”. E depois tiraram ainda mais uma fotografia para a colecção.

Marta: O que é uma colecção? Eu tenho uma colecção de livros! Mas tens uma colecção de fotografias?

Francisco: Não, mas eles tiraram uma fotografia para a colecção. E depois fartaram-se de tirar fotografias.

Pedro: Eu acho que era um dia que a mãe e o pai e as filhas iam viajar para outro país e depois estavam a tirar fotografias que era para o avô se lembrar porque eles iam viver para África.

Marta: Uhhh.

- 2º grupo, 2ª vez – 5 de Junho de 2013

Diogo: Eu acho que estão a tirar fotografias num casamento e queriam tirar uma fotografia.

Constança: Se calhar este senhor e esta senhora, e as meninas... A mais velha está com um casaco azul, a do meio está com um casaco roxo e as outras com um casaco preto. A mais velha está com uns botões de ouro e a mais nova está com um casaco cor de rosa.

Clara: Se calhar eles estão a tirar uma fotografia e a mais pequena está com uma camisola roxa, quer dizer, lilás e um casaco rosa. A do meio está com um casaco roxo e um vestido roxo. A mais velha está com um casaco azul e com uma camisola às riscas pretas e riscas brancas. A mais velha com calças vermelhas, a do meio está com calças brancas e a mais nova está com calças brancas.

Miguel: Eu acho que estão num casamento e tiraram uma fotografia.

3.1.8. Oitava Imagem

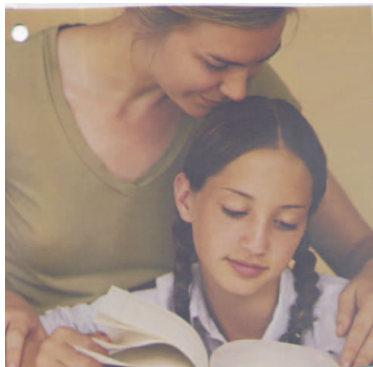


Fig. 8 – “Está a ler um livro e a mãe está a dar um beijinho.”

• 1º grupo, 1ª vez – 22 de Maio de 2013

Xavier: Eu não quero dizer mais nada. Eu quero embora.

Marta: Uma filha com uma mãe a aprender a ler. Quer dizer, a fazer os trabalhos de casa. E tem tranças. E está a aprender a marcar as páginas.

Mafalda: A menina de tranças tem os olhos pintados e ela está a ler. E a mãe está a dar-lhe um beijo.

Francisco: Eu acho que a menina está a ler um livro, para fazer os trabalhos de casa. E tem lá o que ela tem de fazer, e ela nunca leu este livro. E depois a mãe estava só a dar-lhe um beijinho na cabeça.

Pedro: Esta menina está a estudar e está a ler.

Marta: Eu acho que ela está na cama, deitada, com a mãe a ler.

Francisco: Ó Vasco, ajudas-me a pensar?

Todos: Risos.

Francisco: A menina está deitada na cama, virada para a frente.

Pedro: Parece que está sentada.

Marta: Para mim parece que está sentada na cama, de perninhas à chinês.

Francisco: Eu acho que ela está a ler, mas devia estar a estudar. Só para depois ela saber a história que gostava muito.

• 1º grupo, 2ª vez – 28 de Maio de 2013

Pedro: É uma menina que está a ver o livro com a sua mãe. E depois ela vai fazer desenhos do que ela viu.

Francisco: Parece que uma menina está a fazer o trabalhos de casa e que ela não tinha pai. Porque os pais dela a abandonaram. E depois uma senhora estava a dar-lhe um beijinho porque a queria adoptar.

Marta: Adoptar?

Francisco: Tu não sabes o que é?

Mafalda: Adoptar é ficar com ela, está bem?

Marta: Ah!

Pedro: Há meninos que não têm pais.

Mafalda: Há meninos que acabam de nascer e os pais morrem.

Marta: Morrem?

Francisco: Sim há pessoas que morrem por causa da idade e da velhice.

Marta: Podem morrer...

Francisco: Por causa de doenças!

Marta: Não! Podem morrer atropelados. Eu já fui ao cemitério!

Pedro: O cemitério da morte é muito feio.

Marta: As pessoas podem morrer e partir pernas e isso.

Pedro: No cemitério tem o nome deles.

Francisco: E está lá muito escuro e está nevoeiro.

Marta: Nevoeiro, adoro!

Pedro: E está lá muito frio.

Marta: Já foste?

Mafalda: Eu não!

Francisco: A casa é muito assustadora.

Marta: A casa?

Francisco: Sim, há lá uma casa que é muito assustadora. Tinha imensas aranhas, teias de aranha.

Pedro: Tem lá monstros? Morcegos?

Francisco: Não, mas tem lá espíritos.

Mafalda: Espíritos?

Marta: Há o espírito santo! Eu tenho um jogo de Jesus que tem o espírito santo, os pecados, tem Jesus, tem a Maria. Acho que não tem José. E tenho um filme do Jesus!

Pedro: O meu avô morreu porque tinha uma doença. Ele foi parar ao hospital e depois morreu no hospital. Ele é que... Ele quando foi para o hospital estava vivo.

Marta: Ele morreu?

Pedro: E o outro avô morreu sem eu o ver.

Mafalda: Ele morreu quando foi ao hospital?

Pedro: Um avô morreu no hospital, que tinha um carro descapotável.

Mafalda: E agora sobre a imagem... Vejo aqui uma menina a ler e ela tem tranças! E a mãe está a dar-lhe um beijo. Ah! E ela está a fazer as coisas que a professora mandou, em casa.

Marta: Eu acho que é uma menina a corrigir os trabalhos que fez com a mãe. Ela está a ver no livro se está certo. E tem tranças! E isto faz-me lembrar as minhas manas a trabalharem.

• 2º grupo, 1ª vez – 22 de Maio de 2013

Clara: A menina está a ler porque pode ter... Ela tem que estudar, não é? Ela se calhar gosta muito de ler... E a mãe se calhar está a ajudar a ler para ela saber mais.

Nuno: Acho que a mãe está a dar um beijinho.

Diogo: O pai!

Nuno: A mãe. Acho que ela está a andar de bicicleta. Isto é o que?

Diogo: É um livro.. Um boat!

Nuno: Está a ler um livro e a mãe está a dar um beijinho.

Constança: A mana mais nova estava a estudar da aula de inglês e a mana mais velha estava a estudar.

Nuno: A mana mais velha?

Diogo: A menina está a ler e a mãe está a ajudar a ler para ela saber mais coisas para ficar muito inteligente. E a menina vem para a escola saber mais coisas.

Miguel: Eu acho que ela está a ver um livro e a mãe estava a dar um beijinho quando ela estava na página do livro.

Clara: Ela pode estar também a estudar.

Constança: Ela pode também, a mana mais nova pode também estar a fazer um trabalho para a escola. Ou a fazer umas contas. Uma conta ou a estudar. A estudar inglês, a estudar espanhol, a estudar muita coisa.

Diogo: A menina vai para a escola a saber montes de coisas.

- 2º grupo, 2ª vez – 28 de Maio de 2013

Clara: Se calhar é fim de semana e a menina está a estudar para os testes que se calhar vai ter. Testes intermédios ou provas. E ela está a estudar com a mãe. E a mãe está a ajudá-la. E também se calhar é a ultima coisa que a mãe está a ensinar à filha porque se calhar já é de noite.

Miguel: Eu acho que a menina está a estudar e a mãe está a ajudar.

Constança: Se calhar esta menina está a estudar para os testes de matemática ou para alguma demonstração que são boas naquilo que fazem que é para repetirem e ficarem sempre com bom.

Diogo: Eu acho que a menina está a aprender a ler e a mãe a ajudar.

3.1.9. Nona Imagem



Fig. 9 – “Pessoas na praia.”

- 1º grupo, 1ª vez – 22 de Maio de 2013

Pedro: Uhh. Estão pessoas na praia e vão-se embora porque estavam a ir. Eles já tinham ido tempo para a praia.

Marta: Eu acho que é um senhor e uma senhora a irem para a praia. E a senhora tem um colar e tem um fato de banho.

Mafalda: Pessoas na praia. Na areia. O senhor está de calções e camisa e está uma senhora lá atrás com óculos. E a senhora com o colar tem coisas vermelhas e grandes.

Francisco: Estão a ir pessoas para a praia e estão a fazer um concurso. Tem de saber dançar na prancha. Numa prancha de surf. Tem de saber dançar na prancha.

Pedro: Ai ai!

Marta: Eu acho que a senhora tem um lenço na cabeça. Castanho ou preto.

- 1º grupo, 2ª vez – 28 de Maio de 2013

Francisco: São repetidas. Eu acho que foram muitos senhores à praia. E os senhores estavam a discutir. Quer dizer, a mulher dele estava a falar com ele e depois ele não estava a falar com ela e eles começaram a discutir.

Pedro: Era uma grande família que foi a praia e eles estavam numa praia e depois como estava lá... Como a praia estava fechada para ir para o mar, estava muito calor no Verão e eles tiveram que se ir embora e iam para outra praia.

Marta: Eu acho que os senhores estão a ir para a praia, e depois a praia está fechada e eles estão muito zangados e vão para casa. E depois vão comer um cachorro.

Francisco: Quente.

Marta: Não, frio. Quer dizer, quente. Frio! Porque está calor. E também acho que a senhora está de boca aberta e os dentes dela estão... Uhh... amarelos!

Mafalda: Tu não disseste isto! A senhora tem as unhas pintadas, a senhora tem um colar, a senhora tem óculos, tem uma touca! Ah não é uma touca!

Marta: Um lenço na cabeça!

Mafalda: E o senhor tem uns calções muito giros de praia! Ah, com palmeiras! Ah, e o senhor tem uns calções muito giros... Com umas flores! Depois uma senhora está aqui com um fato de banho e uma mala, parece uma trouxa.

Marta: Oh Mafalda!

Mafalda: E a senhora tem um anel do mar, que eu reparo muito nestas coisas. O que é que o senhor tem no bolso? Uma coisa preta! Uma coisa preta no bolso... Vê lá tu Francisco, o que é que é?

Francisco: Eu acho que a praia estava fechada e foram buscar mais comida e depois foram para outra praia e estavam a discutir porque um estava com a roupa mais bonita que o outro... E o outro era piroso.

Marta: Oh Mafalda não está aqui um anel do mar.

Mafalda: Não estás a ver?

Marta: Não é do mar, é de casamento!

Mafalda: O que é que ele tem no bolso?

Marta: Não sei!

Mafalda: E o que é que é do casamento?

Marta: É assim, uma pessoa... Eu vou imaginar, não vou dizer errado. É tipo assim, um senhor e uma senhora. Estão a andar, olham um para o outro, gostam um do outro, e depois pedem-se para casar e eles vão-se casar. Depois preparam-se para o casamento, vão à igreja e pedem o casamento e depois é o dia do casamento e eles vão lá todos vestidos, a mãe com um véu e o pai com gravata. E depois, pedem-se para casar e ela diz “Sim” e depois “Sim” e dão um beijinho na boca e dançam.

Francisco: Um casamento, uma pessoa tem que olhar para uma e chama-lhe a atenção. E depois uma pessoa olha para a outra, dizem que gostam um do outro. E depois se gostarem um do outro... Depois pedem-se para casar e depois vão para o casamento. E a esposa vai com o pai dela. Vai com o pai! E o marido vai com a mãe. E depois está lá o padre. E o padre dá-lhes uma coisa que tem um anel. Primeiro dá o marido, depois dá a esposa!

Marta: Uma aliança!

Francisco: A esposa!

Mafalda: Disseste um anel, é uma aliança.

Francisco: Dão um anel um a cada um. Primeiro dá o marido e depois dão um beijo na boca. Depois vão para fora, onde há a comida e eles podem dançar e comer e essas coisas todas. E os convidados também podem comer.

Pedro: Eu quero dizer uma coisa... Eu quando o meu pai encontrou a minha mãe, levou-a ao cinema. E depois a minha mãe começou a gostar do meu pai.

Marta: E decidiram-se casar?

Pedro: Casaram-se e depois demorou alguns meses e eu nasci, depois nasceu o meu mano. E depois quando eu tinha dois anos e meio, o meu mano nasceu.

Marta: A minha irmã quando era pequenina, e eu ainda estava na barriga da minha mãe... A minha mana, ela foi à praia com os meus pais. E então nesse dia, uma lasca ficou presa no pé dela. E doeu! Outra história.... Quando era bebé, já não estava na barriga da minha mãe, bebia o leite da maminha da minha mãe. Não tem graça! Em vez de chupar, eu mordia. E deitava sangue! E a minha mãe tinha que ir ao médico. Eu era bebé! E a minha mana Leonor, ela não fazia o mesmo que eu, ela queria sempre que os pais estivessem lá quando ela estava a dormir. Queria sempre que os pais estivessem lá com ela, mas eles não podiam. E agora a minha mana Inês, não fazia nada e o meu mano Manuel não sei.

• 2º grupo, 1ª vez – 22 de Maio de 2013

Diogo: Estão na praia! Devem estar no Algarve a passear na praia. E tem montes de pessoas. E se calhar são surfistas... Vão andar nas ondas.... Se calhar é na Nazaré.

Miguel: Eu acho que as pessoas estão com chinelos a ir para a praia.

Diogo: Descalças.

Miguel: Com chinelos! E depois foram para a praia dar mergulhos!

Diogo: Ou surfar na Nazaré! No farol...

Clara: Se calhar estão na praia porque é um dia especial para eles.

Nuno: Este parece o Rui.

Diogo: O Rui Patrício?

Nuno: O pai da minha prima! Mas não é.

Clara: Se calhar estão na praia e decidiram ir à praia e estavam com muito calor e tiraram os chinelos. E se calhar agora vão para a maré.

Diogo: Para a praia! Para a Nazaré.

Nuno: Acho que eles vão surfar.

Diogo: Numa tempestade.

Nuno: Acho que eles vão surfar numa onda gigantesca.

Diogo: As ondas gigantes são na Nazaré, por acaso, Nuno. Eu já fui à Nazaré e fui atacado por uma onda gigantesca.

Constança: Se fosses atacado por uma onda gigantesca nem estavas aqui.

Diogo: Mas fugi! Só me atacou num pé.

Nuno: Acho que estão na praia a passear... A andar. À procura de um gelado.

Constança: Se calhar eles foram à praia e foram todos e foram comer um gelado e depois foram...

Diogo: Almoçar na praia...

Constança: Almoçaram na praia e depois brincaram, e depois comeram um gelado e depois foram passear à praia. E depois foram... Descalçaram-se... E foram sentar-se ou foram à água. E era um dia de muito muito sol.

• 2º grupo, 2ª vez – 28 de Maio de 2013

Diogo: Eu acho que os senhores estavam lá num descapotável para ir à praia e vão dar um mergulho. Eu costumo ir à praia dar mergulhos. Ainda este fim de semana fui com o meu pai e a minha mãe. E levei o meu camião de lego! E foi para a água e não se desmontou.

Constança: Se calhar eu acho que esta menina, esta senhora, recebeu uma medalha na praia.

Diogo: De surf.

Constança: E então foi à praia, um dia, e gostou muito de ser a nova editora da praia.

Diogo: O que é editora?

Constança: Editora.

Diogo: Directora?

Constança: Sim, directora.

Miguel: Eu acho que a mãe e o pai vão à praia e vão dar um mergulho e andar de surf.

Clara: Se calhar eles foram a um concurso e se calhar ela ganhou uma medalha e agora está a ir a praia com o seu marido e agora vão comprar alguma coisa. E depois vão voltar outra vez para a praia e depois vão para casa.

3.1.10. Décima Imagem



Fig. 10 – “A mãe deve estar a passear o bebé num carrinho.”

- 1º grupo, 1ª vez – 23 de Maio de 2013

Francisco: Parece que uma senhora está a passear um menino, que é o filho dela. E estão a tirar uma fotografia... O jornalista está a tirar uma fotografia... Para as revistas e essas coisas todas. E depois também parece, este menino parece quando era eu pequenino! Era uma bola muito redonda!

Pedro: A mãe foi a um jardim passear com o seu filho! E o filho está a sorrir, está num carrinho.

Marta: É uma mãe a passear com o seu filho! E o carrinho lembra-me quando fui à Marina de Cascais... Eu andei num carrinho. E também tem uns sapatos muito giros a mãe.

Francisco: Tens tamanho para isso mas não tens idade para isso. A Marta...

Marta: Não tenho para quê?

Francisco: Quer dizer, tens tamanho para andar...

Marta: Nos carrinhos?

Francisco: Sim!

Marta: Naqueles carrinhos eu tinha idade porque a minha mãe e o meu pai iam a frente e eu ia atrás.

Francisco: Aqueles carrinhos de pedalar?

Marta: Sim! O meu mano mais pequenino e eu íamos com os pais e as minhas manas iam sozinhas num carro. E as manas foram as únicas que andaram sozinhas...

Pedro: O teu mano sabe conduzir?

Marta: Não, ele ia atrás!

Pedro: Eu já choquei contra um carro.

Francisco: Eu uma vez já conduzi sozinho!

Mafalda: Eu posso falar? Vejo aqui uma senhora com um bebé num carrinho. Um carrinho com uma asa!

Marta: Não é nada!

Francisco: É para tapar o sol!

Mafalda: É uma asa!

Pedro: É para tapar o sol!

Mafalda: É uma asa, é uma coisa qualquer! Está a passear no carrinho e a mãe está a empurrar atrás. E o carrinho tem uma asa!

Marta: E parece que ela está no parque dos Poetas!

Pedro: É o parque dos Poetas novo?

Marta: Não, eu nunca fui lá.

- 1º grupo, 2ª vez – 30 de Maio de 2013

Mafalda: É um carrinho, como eu disse no outro dia, tem uma asa para voar.

Marta: Oh Mafalda!

Mafalda: É verdade. Tem um bebé lá dentro. Tem rodas.

Francisco: Parece que uma senhora está a passear com um bebé que é o filho dela no parque dos Poetas.

Pedro: Eu nunca fui ao novo.

Francisco: Eu já fui ao parque dos Poetas. Mas eu costumo ir ao Oeiras park. Mas a mãe vai-lhe dar um beijinho.

Pedro: É uma mãe que foi a um parque passear com o seu filho e depois iam buscar comida.

Marta: Parece que é um bebé que foi a um parque que eu já fui, mas não sei como se chama. O bebé está a sorrir e a mãe também está. O bebé está a gostar do parque e das flores.

- 2º grupo, 1ª vez – 23 de Maio de 2013

Diogo: A mãe deve estar a passear o bebé num carrinho. E está com uma coisa para proteger do sol.

Clara: Se calhar a mãe está a passear o bebé entre as árvores e as flores. E o bebé está num carrinho de bebé e está uma coisa em cima para proteger do sol o bebé.

Diogo: E da chuva!

Clara: E da chuva...

Nuno: Eu já tive este rato, mas já não brinco com ele. É igual ao do bebé.

Diogo: Porque é que não trazes para a escola?

Nuno: Não posso.

Diogo: Eu uma vez trouxe um peluche.

Nuno: Não posso! Estão a passear numa floresta! Acho que as árvores parecem uma floresta. E o bebé estava a rir-se e a mãe também! Acho que o bebé estava a pensar que era uma floresta!

Constança: Eu acho que ela, a mãe, estava a passear o bebé só que depois o carrinho encravou... Parou, a mãe não conseguia andar com o carrinho. E o bebé começou a rir. E como a mãe viu que o bebé estava a rir começou-se a rir.

Miguel: Eu acho que o bebé está no carrinho de bebé e a mamã está a passear com o carrinho.

- 2º grupo, 2ª vez – 30 de Maio de 2013

Diogo: Eu acho que a mãe está a passar o bebé na floresta... Num passeio no mato, onde o bebé gosta de andar.

Constança: Se calhar a mãe está a passar o bebé e se calhar a mãe tem dois bebés e está a passear um primeiro, e está a passear na floresta. E se calhar vai a casa, deixar um bebé e trás o que não veio passear.

Clara: Se calhar é a mãe está a passear o bebé, porque se calhar tem dois bebés. E vai deixar em casa o bebé, e está a passear o outro e depois vai para casa.

Constança: Vai buscar o outro bebé e vão para casa, sim.

3.1.11. Décima Primeira Imagem



Fig. 11 – “O bebé está a ganhar e o pai está a perder.”

- 1º grupo, 1ª vez – 23 de Maio de 2013

Mafalda: Está aqui um pai com um bebé... Estão a jogar aqui com qualquer coisa no carro... Qualquer coisa. Não sei quê, não sei que mais... E está aqui um bebé vestido de branco e estão aqui a brincar com o carro.

Marta: Isto faz-me lembrar uma coisa nova que eu vi na televisão.... No panda, acho eu. E eles estão... Os dois carros estão a andar no chão. E o do filho está à frente. E também tem uma toalha ou uma cortina muito gira. Eles estão na casa de banho? É verdade, parece!

Pedro: Eles estão a jogar um jogo de carros... E está quase a ganhar um.

Francisco: Que é o mais pequenino.

Pedro: E o pai está a tentar ganhar só que o mais pequeno é que está mais avançado.

Marta: É porque os mais pequenos é que percebem mais dos brinquedos dos pequenos.

Pedro: O pai é que está a ganhar!

Marta: O do filho é o azul.

Pedro: Pois é!

Marta: E está à frente.

Francisco: Não, não é, está atrás!

Pedro: Vão passar a meta!

Francisco: Eu percebo mais de carros do que tu.

Pedro: E o pai está a sorrir e o menino está atento.

Francisco: Ah pois é! O filho está a ganhar!

Marta: Onde?

Mafalda: Na corrida! Ah pois está a ganhar!

Francisco: Parece que estão a jogar o jogo no quarto porque na sala está muita gente e a mãe não quer que eles joguem lá... Então têm que estar no quarto, e o filho está a ganhar.

- 1º grupo, 2ª vez – 30 de Maio de 2013

Marta: Parece que é o pai e o filho a brincarem na casa de banho.

Francisco: Já disseste isso

Marta: A brincar com uns comandos.

Mafalda: Não vais dizer popós pois não?

Marta: E o bebé está... Parece que está... Humm... Eu vejo a toalha do bebé. Quer dizer, as cortinas da banheira para ninguém ver os pipis dos outros, e as pilas e os rabos.

Mafalda: Este chão é estranho! Se é de uma casa de banho é estranho. Tem duas cortinas.

Marta: Pois tem!

Mafalda: Parece que estão a brincar e parece que o filho está a ganhar.

Francisco: Eu sabia! Parece que eles estão no quarto do filho a jogarem um jogo. Porque em baixo estão lá muitas pessoas e não querem ver isso. E o filho queria jogar com o pai, então foram para cima.

Marta: Para a casa de banho.

Francisco: Não! Para o quarto do filho! E depois estavam a jogar um jogo e o filho estava a ganhar.

Marta: Porque o filho percebe mais dessas coisas.

Pedro: Eu acho que eles estavam no quarto e depois estavam a jogar um jogo de carros e depois estavam... O filho estava a ver o carro do pai mas o carro do pai estava a perder porque o filho era bom naquilo.

- 2º grupo, 1ª vez – 23 de Maio de 2013

Nuno: O pai e o bebé estão a jogar aos carros de corrida, numa pista de corrida e estão a divertir-se e a rir-se. E o pai a rir-se do bebé.

Constança: Eu acho que o pai e o bebé estão a fazer uma coisa que o mano mais velho prometeu ao pai fazer com o mano mais novo.

Miguel: Eu acho que o pai está a jogar às corridas com o bebé.

Diogo: Eu acho que eles estão a brincar aos carros de fórmula com um comando e acho que o bebé está a ganhar ao pai.

Clara: Se calhar o pai está a brincar com o irmão mais novo, na pista de carros. E está numa pista de corrida, e estão a brincar com os carros de brincar do bebé.

- 2º grupo, 2ª vez – 30 de Maio de 2013

Diogo: O menino está a fazer uma corrida com o pai. E o menino está a ganhar ao pai. E o pai está atrás dele, mas o filho dele passou a meta. E o filho dele vai na outra rotunda.

Constança: Se calhar o menino e o pai estão a fazer uma corrida e o pai está... E o mano mais velho estava a ganhar.

Diogo: O mano pequenino.

Constança: O mano mais velho porque, olha, o carro está à frente! E depois eles fizeram uma grande corrida e ganhou o mano mais velho.

Diogo: O mano pequenino!

Constança: Ganhou por um ponto.

Diogo: Eu até explicava melhor! O azul está a ganhar e o amarelo está a perder.

Constança: Ah pois é! E depois o mano mais novo ganhou por 20 mil pontos.

Diogo: E o pai?

Constança: Mano mais velho!

Diogo: Pai!

Constança: Mano mais velho!

Diogo: Pai!

Clara: Cada um acha o que acha! O pai se calhar está a ensinar o bebé a fazer corridas. E o bebé está a ganhar e o pai está a perder.

3.1.12. Décima Segunda Imagem



Fig. 12 – “A minha avó é mesmo maluca, não acaba de lavar a loiça.”

- Todos, 1ª vez – 24 de Maio de 2013

Mafalda: Vejo aqui um bebé no berço. Uma mãe a pegar num copo!

Diogo: Mafalda!

Constança: Eu vejo um bebé deitado num ovo e uma avó a lavar a loiça.

Mafalda: Uma avó ou uma mãe?

Constança: Uma avó!

Mafalda: Eu acho que é uma mãe.

Miguel: Um bebé está no cesto e a avó está a lavar a loiça.

Mafalda: No cesto?

Constança: Os cestos são diferentes.

Diogo: Eu acho que a avó está a lavar a loiça e o bebé está no cesto a dormir.

Pedro: Vejo uma senhora na cozinha com um bebé que está a ver a mãe a lavar a loiça.

Nuno: Uma senhora está a lavar a cozinha... Enganei-me! A avó está a lavar um copo e o bebé está a ver.

Pedro: A avó depois vai lavar a loiça e tem plantas à janela e vai lavar muita coisa.

Diogo: Eu acho que a mãe está a lavar a loiça.

Miguel: Eu acho que a mãe está a lavar a loiça e o bebé está no cesto a ver a mãe a lavar a loiça.

Mafalda: Cesto...

Constança: Se calhar a avó está a tentar lavar a loiça porque algumas coisas não saem e o bebé está a ver a fingir que é um teatro.

Mafalda: Tem uma fralda em cima do berço!

- 1º grupo, 2ª vez – 5 de Junho de 2013

Francisco: Eu já vi esta!

Mafalda: Vejo uma mãe a lavar os copos, um bebé no ovo e a fraldinha por cima.

Francisco: Parece que uma senhora está a lavar a loiça e está com um bebé e o bebé queria-lhe dar um beijinho. Mas só que depois o bebé estava muito longe e a mãe não lhe podia dar um beijinho porque ela estava a lavar a loiça. E o bebé queria-lhe dar um beijinho na boca! Parece que depois a mãe vai lavar a roupa, e depois vai regar as plantas, e depois vai fazer mais coisas.

Pedro: É um bebe que está num berço e estava a ver a mãe a lavar a loiça. E a mãe já tinha lavado muitos copos! 700!

Marta: Eu acho que a mãe fez uma festa em casa à tarde e já lavou 8 copos. Já lavou as tigelas... E também o filho está naquelas coisas que também se pode pôr nos carros... Os carrinhos têm estas coisas lá presas nos carrinhos!

Mafalda: O ovo!

Marta: Isso...

Pedro: O meu ovo foi azul, o do meu mano foi verde do Sporting!

Marta: E as toalhas estão num sitio muito estranho!

- 2º grupo, 2ª vez – 5 de Junho de 2013

Clara: Se calhar a senhora tem um bebé e pôs em cima daquelas partes da cozinha e depois a mãe está a limpar a loiça e o irmão mais novo está a olhar para ela, quando ela está a tirar os copos e a lavar.

Miguel: Eu acho que a senhora está a lavar a loiça e o bebé está a olhar a ver a loiça. E o bebe está... A mãe está a fazer a loiça e o bebé está a olhar e está no cesto.

Diogo: Eu acho que a senhora está a lavar a loiça e o bebé a olhar.

Constança: Não vais dizer mais nada?

Diogo: Pareces o meu pai a embirrar com a minha mãe, está sempre a fazer isso!

Constança: Se calhar a avó estava a lavar a loiça e o bebé a olhar com um ar desconfiado e a pensar “a minha avó é mesmo maluca, não acaba de lavar a loiça”.

3.1.13. Décima Terceira Imagem



Fig. 13 – “Faz-me lembrar quando ajudo a minha mãe.”

- Todos, 1ª vez – 24 de Maio de 2013

Nuno: A menina está... Eu acho que uma menina está a fazer o jantar com a mãe e com o pai... A ser padeiros.

Pedro: São dois meninos que estão a aprender a cozinhar e estão a fazer uma receita que está no livro.

Nuno: Não vi o livro!

Diogo: Eu acho que uma senhora está a ensinar dois meninos e uma menina a fazerem uma receita.

Miguel: Eu acho que uma senhora e um senhor estão a ajudar o menino e uma menina a fazer uma receita.

Constança: Eu acho que o pai e a mãe estão a ensinar a filha e o filho a fazer o jantar para quando forem crescidos puderem fazer o jantar sozinhos, sem ser o pai e a mãe irem a casa deles fazer o jantar para eles.

Mafalda: Os pais a ensinarem os meninos a cozinhar.

Pedro: Faz-me lembrar quando estava a fazer o jantar com a minha mãe, com o meu pai e com o meu mano. E nós estávamos a fazer uma receita que eu já tinha experimentado fazer.

Diogo: Eu acho que a senhora está a ensinar a menina e o menino a fazer uma coisa que eu faço com o meu pai...

Constança: Isto a mim faz-me lembrar muita coisa!

Miguel: Eu acho que o senhor e a senhora estão a ensinar a fazer uma receita.

Constança: Isto faz-me lembrar eu quando estava a cozinhar com a mãe e com o meu pai. Os meus pais estavam-me a dar as coisas e eu cozinava e a minha mana a ver.

Mafalda: Faz-me lembrar quando ajudo a minha mãe.

- 1º grupo, 2ª vez – 5 de Junho de 2013

Pedro: Era um pai e uma mãe que estavam a ensinar os filhos a cozinhar! E depois a filha estava a fazer a salada e o filho estava a ajudar a mãe a fazer uma salada de frutas!

Marta: Uau! Adoro salada de frutas! Mas é com manga!

Francisco: São os pais a ajudar os filhos a cozinharem.

Mafalda: Vejo aqui a mãe a ajudar a cozinhar o filho e o pai a ajudar a filha a cozinhar.

Marta: Eu acho que é um pai e uma mãe a ajudarem os meninos a aprender a fazer comida. Estão a aprender a fazer saladas de frutas. E também vejo um tomate. A mãe tem brincos! Não, não tem. O pai tem músculos.

- 2º grupo, 2ª vez – 5 de Junho de 2013

Constança: Se calhar os meninos estavam a cozinhar com o pai... Com os pais!

Clara: Se calhar os meninos, a menina e o menino, estão a fazer... Estão a cozinhar os dois... Os quatro! E se calhar estão a fazer alguma coisa para o jantar e vai lá alguém comer. Se calhar há alguma festa!

Miguel: Eu acho que o menino e a menina estão a cozinhar com os pais.

Diogo: Eu acho que eles estão a cozinhar com o pai e com a mãe... A aprender a fazer uma receita.

3.1.14. Décima Quarta Imagem

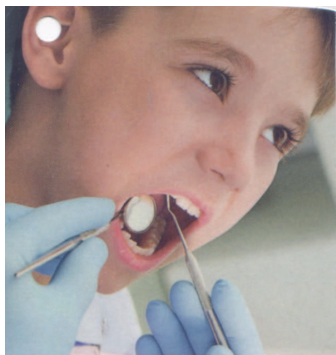


Fig. 14 – “Se calhar ele comeu uma coisa que não devia comer.”

- Todos, 1ª vez - 24 de Maio de 2013

Pedro: É um menino que foi ao dentista e ele está a ver os dentes e tem um dente que está mau.

Diogo: O senhor dentista está a ver se tem um dente mau! Este pareço eu!

Miguel: Eu acho que o dentista está a ver um dente... O senhor está a ver um dente!

Diogo: Eu acho que o senhor dentista está a ver se tem um dente mau.

Miguel: É um dente que caiu.

Constança: Eu acho que é um menino que está no dentista porque o dente está estragado. O dente está estragado e isto é igualzinho a quando eu estava no dentista.

Mafalda: Tens dentes estragados?

Constança: Sim, tenho aqui uns dentes pretos.

Miguel: O meu pai também tem! Tem que ir ao dentista limpar os dentinhos.

Mafalda: Faz-me lembrar quando eu fui ao dentista ver se o dente estava a abanar. Está aqui um dentista a arranjar o dente ao menino.

Nuno: Está um menino e um dentista.

- 1º grupo, 2ª vez – 5 de Junho de 2013

Marta: É o senhor com umas luvas azuis. E o menino está na cadeira.

Mafalda: Parece que o dentista está a arrancar um dente.

Pedro: Eu não quero nunca arrancar um dente.

Francisco: Parece que é um menino que tem quatro dentes podres e ele teve que arrancar. Está aqui a aparecer ele a arrancar o ultimo e está a sangrar.

Pedro: É um menino que foi ao dentista para ver se... Por que a mãe estava a dizer que ele tinha....

Francisco: Uma cárie.

Pedro: Uma cárie! E a mãe estava a dizer que eles iam amanhã ao dentista e então foram ao dentista. E o menino estava a abrir a boca e o médico disse que tinha uma grande cárie.

- 2º grupo, 2ª vez – 5 de Junho de 2013

Diogo: Eu acho que o menino... O dentista está a ver se está tudo bem com o menino e o menino está com a boca aberta para o dentista ver. E o dentista disse que estava bom.

Constança: Se calhar o dentista estava a tirar um dente a um menino e ele chorou. Ele meteu outro dente e também doeu muito. O que mais doeu foi a tirar o dente.

Clara: Se calhar ele comeu uma coisa que não devia comer. E agora... Não, se calhar ele comeu muitas coisas más...

Constança: Muitas coisas podem ser muitas coisas... Cenouras...

Clara: Não é isso que eu estou a falar.

Constança: Dizias muitos doces, não?

Clara: Constança! Se calhar o menino comeu muita coisa que faz mal, não é?

Constança: Doces!

Clara: Pára, Constança!

Constança: Diz doces!

Clara: Eu digo o que eu quiser, Constança! E se calhar ficou com os dentes estragados e agora o dentista está a ver se os dentes estão bons e está a arranjar os dentes.

Miguel: Eu acho que o senhor médico está a dizer para o menino abrir a boca e o menino abriu a boca. E ele foi ao dentista porque comeu muita coisa.

Constança: Doces!

3.1.15. Décima Quinta Imagem



Fig. 15 – “Nunca te vi a chorar.”

- 1º grupo, 1ª vez – 22 de Maio de 2013

Mafalda: Uma menina a chorar e a mãe está a dar-lhe mimosinhos. A mãe tem franja.

Marta: Eu vejo uma menina a chorar porque está com dor de cabeça e ela está ao colo da mãe.

Francisco: Parece que o menino aleijou a menina... E a menina esteve a chorar todo o dia. Parece que é: o menino bateu na menina e estava sempre a bater. E depois a mãe chegou, veio buscar mais cedo, e ela estava a chorar. E levou-a para casa e estava-lhe a dar um abraço e a menina estava a explicar o que aconteceu.

Pedro: Eu acho que a menina bateu com o braço numa esquina de uma porta. E depois começou a chorar e a mãe foi ter com ela.

Francisco: Parece que a menina está a chorar porque caiu numa coisa do parque que ela estava a fazer e depois a mãe foi muito depressa, viu que ela estava a chorar e deu-lhe mimos.

- 1º grupo, 2ª vez – 28 de Maio de 2013

Mafalda: Uma bebé a chorar que até se vêem os dentes. A mãe tem camisa branca. Parece eu quando foi levar as análises.

Marta: Levar o quê?

Mafalda: Fazer análises.

Marta: Fazer o quê?

Mafalda: Tiraram-me sangue! Foi por isso!

Marta: Choraste?

Mafalda: Parece eu, chorei imenso.

Marta: Nunca te vi a chorar.

Mafalda: Agarrei-me ao pai, o pai pôs-me ao colo. Depois segurou-me o braço, porque eu queria tirar o braço.

Marta: As picas não doem, eu já levei uma pica.

Mafalda: Uma pica? Mas eu não disse pica! Disse tirar sangue, está bem?

Marta: Mas eu já levei uma pica e estava agarrada ao meu pai e nem sequer reparei que picaram.

Mafalda: Se eu tivesse a dormir nem chorava... Mas com as picas não choro.

Francisco: Eu acho que a menina, esta menina que estava aqui, ia tirar uma pica. E estava a chorar porque tinha medo de tirar uma pica. E depois ia levar uma injeção e depois ia levar uma vacina. E depois ficou a chorar ao colo da mãe. E também porque foi um pesadelo dela e a mãe estava-lhe a acalmar.

Mafalda: Tens pesadelos tu?

Francisco: Se tu quando tiveres um pesadelo à noite, e comeste à noite antes de ires para a cama, ficas com um pesadelo horrível.

Marta: Eu um dia tive um pesadelo horrível que não me pode acontecer... E se me acontecer um dia, eu fujo.

Pedro: É uma menina que está a chorar porque um menino só a andava a chatear. E a mãe dele... A professora deu notas más. E estava a chorar porque tinha sempre notas boas e teve uma nota má.

Marta: Eu num dia tive um pesadelo horrível, esse pesadelo ia-me acontecendo.

Mafalda: Foi o quê?

Marta: Foi assim, eu, estava no parque com os meus pais e os meus manos. E depois fui para um bocado longe dos pais. E estava um senhor a passar, já era conhecido e estava-me sempre a tentar apanhar. Ele passou, a fingir que estava aleijado e depois segurou-

me e comecei a gritar pela mãe, e depois a mãe perguntou “Tu outra vez?”, e depois o senhor largou-me e eu acordei logo assustada. E também tive um sobre abelhas!

Mafalda: E foi verdadeiro o sonho?

Marta: Não.

Pedro: Eu já tive um pesadelo em que eu estava dentro da minha casa e estavam uns ladrões a assaltar.

Marta: Eu uma vez sonhei que a nossa escola era no Alentejo. E tu ainda não eras desta escola, Raquel! A Letícia estava ao pé de mim, e estava uma abelha ao pé dela e ela disse “Eu não gosto de abelhas”. E como ela já sabia que se ficasse quieta a abelha não picava, eu como não sabia, dei um passo e a abelha picou-me. Fui à Inês e disse que fui picada por uma abelha e a Inês tratou. Tirou o pico e depois eu acordei logo toda assustada e fui para o quarto dos pais a dizer “Pai, Mãe!”

Mafalda: Ai tu sonhas com a Letícia?

Marta: Qual é o teu problema? Aqui na imagem eu acho que é uma menina na cama, que levou uma vacina no rabo.

Todos: Risos

Marta: O que é que tem? A minha mana já levou uma. E também acho que a menina levou uma vacina no braço e doeu muito. E ela chegou a casa e estava a chorar. E estava na cama a chorar e mais nada.

- 2º grupo, 1ª vez – 22 de Maio de 2013

Constança: Se calhar esta menina está doente e mana mais velha está a tentar acalmá-la... No hospital. Ou se calhar levou uma vacina que doeu muito.

Diogo: A menina deve ter batido com a cabeça em qualquer lado, num pilar da casa ou se calhar bateu na parede do hospital... E teve que levar uma pica. Ou então levou uma vacina na cabeça.

Miguel: Eu acho que a menina está a chorar e a mãe está a acalmá-la.

Clara: Se calhar está no hospital, e magoou-se. Se calhar foi uma coisa muito grave e teve que ir para o hospital. E a mãe está a tentar acalmar.

Nuno: Acho que ela foi mordida por um bicho. Ou então foi picada por uma abelha.

Clara: Porquê?

Nuno: Não sei... Está a chorar assim.

Constança: Quando esta menina está a chorar, se calhar ou tem dores de cabeça ou então quer ver um filme e viu e era muito...

Diogo: Violento

Constança: E era muito violento... Era de crescidos e ela ficou com medo e ficou a chorar assim.

- 2º grupo, 2ª vez – 28 de Maio de 2013

Constança: Se calhar esta menina tinha dado um beijinho na boca e tinha levado uma vacina e por isso estava a chorar.

Diogo: Eu acho que a menina levou uma picada de uma aranha venenosa. Eu acho que a menina levou uma picada de uma aranha e depois foram para o hospital e estavam a espera de ser atendidos.

Clara: Se calhar a menina levou uma picada e agora foi para o hospital e a mãe está a tentar tratar dela porque se calhar o doutor disse que ela tem que ficar no hospital uns dias e a mãe está a tentar acalmá-la.

Miguel: Eu acho que a menina está a chorar porque ficou com um pico e ficou no hospital e o doutor disse que tinha que ficar no hospital alguns dias e a mãe está a tentar acalmá-la.

3.1.16. Décima Sexta Imagem



Fig. 16 – “Estão os dois chateados.”

- 1º grupo, 1ª vez – 23 de Maio de 2013

Pedro: É um pai que tem os braços cruzados e a olhar para outro sítio. E a mãe.... Estão os dois chateados. E a mãe está a tentar falar com o senhor.

Francisco: Que é o pai!

Marta: Eu acho que é o pai que está zangado com a mãe porque... Por causa... Por causa que a mãe queria ter um bebé e o pai não queria. E depois ficaram zangados. E a mãe queria tentar falar com o pai. Mas o pai não queria porque estava com os braços cruzados. E também tem umas paredes muito giras iguais às borrachas da nossa escola.

Mafalda: Vejo aqui uma senhora com brincos....

Marta: Oh Mafalda!

Mafalda: A mãe tem os olhos pintados. E o senhor tem barba.

Marta: Uma barbuca...

Mafalda: Eles estão a discutir.

Marta: O meu pai e a minha mãe discutem! Por causa que os estores da minha casa estão estragados. E a minha mãe um dia já não se lembrava e pegou... E a mãe olhou e viu que estragou. E o meu pai apareceu e disse “Oh Gi!”

Mafalda: O teu pai chama-se Gi?

Marta: Não! A minha mãe chama-se Gisela e o meu pai chama-lhe Gi!

Mafalda: Ah sim!

Marta: Por causa que os estores ficaram estragados...

Francisco: Parece que os pais estão chateados e não querem falar. Parece que esta senhora... Parece que estavam a falar um pouco. Mas depois o pai ficou chateado com ela... E depois a mãe estava a falar com ele e depois ele ficou de braços cruzados a olhar para o outro lado, a ignorá-la.

Marta: Ah! E lembrei-me do meu pai e da minha mãe a zangarem-se. E a senhora lembra-me o cabelo da minha tia Inês!

Pedro: Isto parece um dia que o meu pai estava a discutir com a minha mãe. E depois a minha mãe não estava a discutir. Era só o meu pai!

- 1º grupo, 2ª vez – 30 de Maio de 2013

Francisco: Parece que estava uma senhora a discutir com um senhor. Quer dizer, estava a uma senhora a falar com um senhor. E ela estava a embirrar com ele, porque ela queria casar com ele e ele estava de braços cruzados e estava a ignorá-la.

Pedro: É uma senhora que está a tentar dizer ao seu marido que tem que comprar uma coisa e o seu marido não quer comprar isso.

Marta: Eu acho que é uma senhora com um senhor. E era assim, o menino estava com muito calor e a senhora disse ao pai se ele... E o pai disse “o nosso filho pode ir ao parque?”. E ela disse que não e os pais começaram-se a chatear. E a mãe começou a falar e chatearam-se.

Mafalda: Parece que o pai está zangado com a mãe. E a mãe está a tentar falar com o pai e o pai não ouve.

- 2º grupo, 1ª vez – 23 de Maio de 2013

Miguel: A mãe e o pai. Eles estão atrás de uma coisa que eu não sei o que é.

Diogo: Eu sei o que é que é! O pai e a mãe devem estar nos dois elevadores a falarem como os meus dois elevadores. Eu vinha com o meu pai num e conseguia ouvir a minha mãe! Dá para estar a falar nos dois elevadores.

Clara: Se calhar eles estão no elevador e estão a falar.

Diogo: Isso foi o mesmo que eu disse.

Clara: E se calhar estão... A mãe está a falar com o pai. E o pai não quer saber o que ela está a falar.

Nuno: Acho que a mãe está a dizer uma coisa muito séria e o pai não quer saber. Por isso é que a mãe está a fazer gestos...

Constança: Eu acho que a mãe está a bater à porta da casa do pai. E o pai não abre a porta porque já sabe que é a mãe e que vai dizer coisas que ele não gosta... E não quer saber!

- 2º grupo, 2ª vez – 30 de Maio de 2013

Constança: Se calhar o pai e a mãe vivem em casas separadas e a mãe estava a bater à porta e o pai não abria porque... O pai estava a bater a porta e a mãe não abria. Porque estavam muito chateados e separados. E também mais uma coisa que eu acho... Faz-me lembrar a minha mãe e o meu pai quando discutem sobre trabalho.

Clara: Se calhar eles estão em casas separadas e a mãe está a tentar falar com o pai, mas não consegue porque a mãe está a tentar falar com o pai, mas o pai não abre a porta porque já sabe que a mãe vai dizer coisas que ele não gosta sobre o filho, e tem que ficar com ele... E ele não gosta. E também tem os braços cruzados porque não quer saber nada do que a mãe está a dizer.

Diogo: A mãe está a bater a porta, e o pai não quer saber sobre o que ela vai dizer.

Constança: Oh! Já todos disseram aquilo.

Clara: Por acaso não.

Diogo: Depois o pai não vai abrir a porta porque é uma coisa que ele não quer saber do filho. Faz-me lembrar quando os pais estavam com vontade de separar-se mas acabaram por não se separar.

3.1.17. Décima Sétima Imagem



Fig. 17 – “Penso que eles se vão separar.”

- Todos, 1ª vez – 24 de Maio de 2013

Constança: Isto faz-me lembrar quando os meus pais discutem e eu me sinto infeliz porque penso que eles se vão separar.

Miguel: Eu acho que a menina... Que a mãe está a falar com o pai e a menina está com uma cara estranha...

Diogo: Eu acho que os pais estão a discutir. Está parecido com o meu.

Pedro: Parece que a mãe está a apontar o dedo. E que a mãe está a tentar falar com o pai e a mãe queria ir fazer uma coisa, e o pai não deixava ir para o computador.

Nuno: A mãe quer ir buscar o computador e o pai não deixa pôr no sofá... Queria jogar um jogo e o pai não queria.

Mafalda: Está uma menina zangada porque os pais estão a discutir. Estão chateados.

Constança: Os pais estão a discutir.

- 1º grupo, 2ª vez – 5 de Junho de 2013

Francisco: Nós já vimos esta!

Pedro: Já sei!

Francisco: É uma menina que está triste por causa que os pais estavam a discutir.

Pedro: É uma menina que queria brincar com os pais e a mãe estava a discutir com o pai porque o pai não ia lavar a loiça e depois o pai só estava a tentar perceber o que é que a mãe dizia!

Marta: Eu acho que é a mãe a zangar-se com o pai porque a mãe está a dizer ao pai para levar a menina à rua e o pai está a perguntar “O quê? Não percebo nada” e depois começaram-se a zangar um com o outro. E a filha estava muito triste

Mafalda: Acho... Acho eu que os pais estão zangados e a mãe está a tentar falar com o pai e o pai não está a perceber. E a mãe está zangada!

Francisco: Parece que os pais estavam a discutir porque a mãe queria tomar conta de um ladrão e depois o pai estava a dizer que não e a filha estava a chorar.

- 2º grupo, 2ª vez – 5 de Junho de 2013

Miguel: Eu acho que a menina está a olhar para trás e o pai está chateado porque a minha mãe quer ir ao supermercado ou... não sei!

Diogo: Eu acho que a menina está triste porque os pais estão a discutir e pensa que vão-se separar. Parece que a menina está amuada...

Miguel: A menina está amuada.

Constança: Se calhar a menina.... Isto faz-me lembrar a minha mãe...

Diogo: A tentar-se separar do pai.

Constança: Que mandou a calar o Diogo... O pai disse: “Eu vou-me separar” mas depois acabaram por não se separar. Porque é sempre assim que os meus pais fazem! Sempre que eles discutem dizem “eu vou-me separar” mas depois acabam por não se separar. E é por isso que eu estou irritada!

Clara: Se calhar os pais estão a discutir e a menina está amuada porque não gosta que os pais discutam. Então depois estão a dizer “eu vou-me separar de ti” e depois separaram-se mas depois voltaram a... juntar. E depois voltaram-se a juntar mas a menina ainda está amuada porque ela não gostou que os pais estivessem a discutir.

3.1.18. Décima Oitava Imagem



Fig. 18 – “A dar beijinhos.”

- Todos, 1ª vez – 24 de Maio de 2013

Diogo: Eu acho que o senhora está a dar uma festinha ao cão e o cão está a lamber a bochecha dela.

Miguel: Eu acho que a senhora está a abraçar os dois cães e o cão está a lamber a bochecha.

Constança: Acho que a senhora estava triste porque a trela do cão tinha-se estragado e como o cão sentiu pena da senhora começou a lamber a senhora. E a senhora comprou uma trela muito mais gira. E isto faz-me lembrar o cão da minha tia. E faz-me lembrar também os meus tios, que fazem as coisas iguaizinhas a estes porque os cães deles estão, dos meus tios, são muito ... São iguaizinhos a este.

Mafalda: Eu acho que a senhora está a prender o cão com a trela.

Nuno: Acho que o cão quer lamber a senhora.

Pedro: Eu acho que é uma pessoa que foi a uma loja que não podiam entrar cães. Então pediu ao segurança para ver o cão. E quando o cão viu a senhora começou a lamber e depois foram-se embora para casa.

- 1º grupo, 2ª vez – 5 de Junho de 2013

Pedro: Era uma senhora que estava... E o cão estava a lamber.

Francisco: Parece que estavam a tirar muitas fotografias com o cão e a senhora. E o cão estava a lamber porque gostava muito da senhora e porque gostava muito de fotografias. E depois fartaram-se de beijar! A minha tia já beijou muitas vezes o cão.

Mafalda: A senhora tem as unhas pretas!

Francisco: Deixa-me ver! Não tem nada...

Mafalda: Está aqui um cão fofinho preto e a senhora que tem brincos. E o cão está a lamber a cara da senhora.

Marta: Parece que é um cão que está a lamber a senhora e a senhora tem a mão partida.

- 2º grupo, 2ª vez – 5 de Junho de 2013

Constança: Se calhar esta senhora queria ir ao supermercado. Mas este cão fez cocó então a senhora trazia um saco para apanhar o cocó dele e apanhou. E depois...

Clara: Se calhar a senhora está a passear com o cão e o cão está a fazer chichi... E se calhar a senhora está a apanhar chichi e o cão está a lamber.

Constança: O chichi não se pode apanhar.

Miguel: Só com as cuecas.

Clara: E depois... Não, o cão fez chichi e a agora esta a lamber a senhora.

Constança: A dar beijinhos...

Clara: A lamber!

Miguel: Eu acho que o cão está a lamber a senhora e o cão fez chichi.

Diogo: Eu acho que a senhora.... Eu acho que o cão está a lamber a senhora e a senhora está a gostar. A senhora parece como o cão.

3.2. Ouvindo as crianças - Dados obtidos através das narrativas a partir da construção da Família em maquete

3.2.1. Xavier

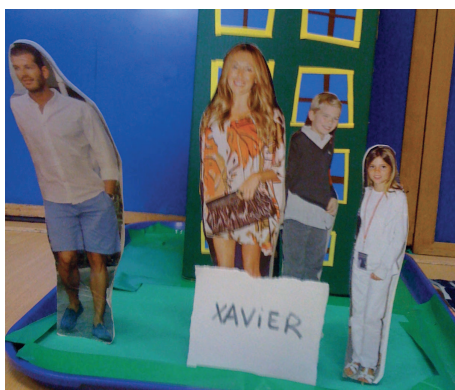


Fig. 19 – Maquete Xavier

“O pai, a mãe, eu a minha mana. O pai é alto, a mãe é baixa, a mana é grande. O meu pai é o mais velho. A mana é mais velha que eu. Gosto de jogar à bola com eles e brincar.”

3.2.2. Miguel



Fig. 20 – Maquete Miguel

“A minha mãe, o meu pai e eu. Os meus pais fazem cigarros e às vezes querem jogar nos telemóveis e querem partilhar os telemóveis comigo. Costumo brincar com os pais, fazer desenhos com os pais e fazer desenhos. E também brincar quando eu vou para o banho e costumo comer massa com salsicha que é o meu preferido. A mãe é mais nova do que o pai e eu sou mais novo do que o pai. Eu sou filho do pai.”

3.2.3. Nuno



Fig. 21– Maquete Nuno

“Pai, mãe, eu e a mana, que é feia. A minha mana esteve nesta escola e é má. A Marta é burra a lavar os dentes porque não lava os dentes bem. Eu gosto da mãe porque ela dá-me o que eu quero. O meu pai esconde-se comigo da mãe e da Marta. Eu gosto mais ou menos da Marta.”

3.2.4. Diogo

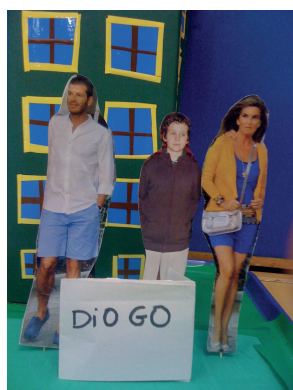


Fig. 22 – Maquete Diogo

“O Paulo, eu e a Teresa. O meu pai, eu e a minha mãe. Eu gosto deles e quando eu me porto bem eles gostam de mim e deixam-me fazer o que eu quero. “

3.2.5. Francisco

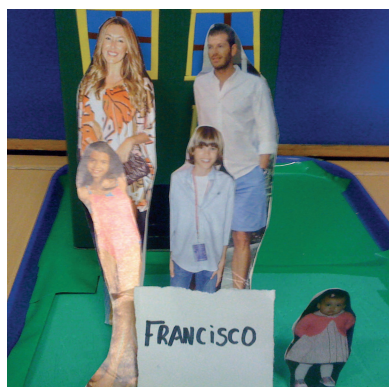


Fig. 23– Maquete Francisco

“A mãe, o pai, eu e a minha irmã.” [Lembrou-se e colocou a “meia irmã”] A mãe está separada do meu pai por causa deles se encontrarem no café e o meu pai também... Aconteceram muitas coisas e eles ficaram separados. O meu pai casou-se com uma senhora chamada Susana e depois nasceu uma menina, que é a Mariana. Eu nasci primeiro que ela. Eu a minha irmã discutimos muito. Eu e a minha irmã mais velha às vezes andamos à guerra por causa da minha irmã pequena porque gostamos muito dela e queremos os dois brincar. A minha irmã chora muitas vezes (a pequena) e a mais velha magoou-se no joelho, não sei porque, foi para o hospital e teve que andar de canadianas.

A minha mãe está muitas vezes a discutir com o meu pai porque às vezes o meu pai não me vem buscar e tem de vir. Sobre o meu pai, ele já discutiu com a pessoa que ele se casou. Eu ouvi. Já não durmo em casa do meu pai porque não consigo dormir lá porque nos dias de escola

temos que acordar muito cedo porque o pai vai trabalhar. O meu pai vende carros, mas não tem carro, é da empresa. A mãe é massagista, cabeleireira. A minha irmã mais pequena tem que ir muitas vezes para casa da minha avó porque a Susana trabalha no café, a mulher que o meu pai casou. Como a minha mãe às vezes trabalha no fim de semana, eu fico em casa da minha avó. Eu às vezes fico doente e falto e fico em casa da minha avó. Vou para casa da mãe do meu pai, a mãe vai lá pôr-me. A minha mãe discutiu com a mãe da minha mãe. Eu já não vou lá a casa há muito tempo. “

3.2.6. Pedro

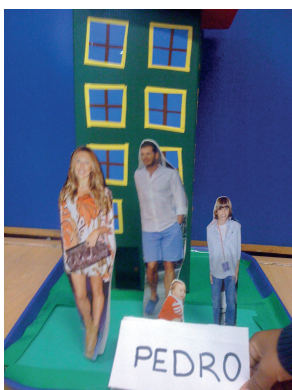


Fig. 24– Maquete Pedro

“Eu com o meu pai brinco muitas vezes com ele. O meu pai ajuda-me a montar coisas e deixa-me fazer o jantar com ele. Com a minha mãe, ela brinca comigo, às vezes durmo com a minha mãe. Com o meu mano brinco às vezes, ele às vezes chateia-me. Somos quatro, o meu mano, eu, a minha mãe e o meu pai.”

3.2.7. Constança



Fig. 25– Maquete Constança

“O meu pai, a minha mãe, a minha mana e eu. O meu pai ressona muito à noite. A minha irmã chora a pedir por manta. Gosto de ir à piscina. A minha mãe é sempre despachada. Se bebe leite, vomita. Gosta de ficar em casa. O pai gosta de gastar dinheiro em coisas, em relógios. Gosta muita de ir às lojas. A mana gosta de desarrumar as coisas e de brincar com elas. “

3.2.8. Mafalda

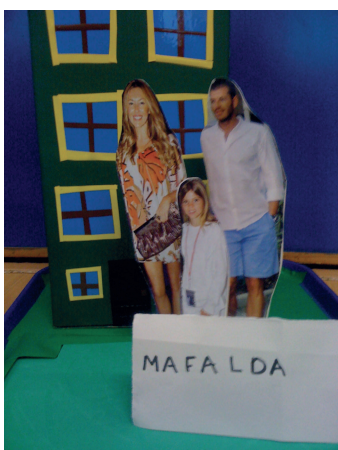


Fig. 26– Maquete Mafalda

“A mãe, o pai, eu. Eles às vezes discutem, sabes? Não sei se posso dizer isto, a minha mãe não deixa. Mas vou dizer! Às vezes a minha mãe discute com a minha avó por causa de dinheiro. Porque a minha avó quer dar dinheiro à minha mãe e ela não quer. Gosto muito do pai, o pai é giro. Eu não gosto do pai, eu adoro-o. Faz muitas palhaçadas o meu pai. A mãe, gosto da mãe, ela é gira. Ela às vezes dá explicações e eu não posso fazer barulho. Gosto mais de brincar com o pai, já posso fazer barulho. Adoro toda a gente da minha família. Eu gosto de passear com eles, vamos a um jardim, vimos patos. E já fomos à quinta biológica. Um dia os meus pais perguntaram-me “se nos

separarmos, o que fazes?” e eu disse “eu fecho-vos na sala e dou-vos comida por baixo da porta” – uma fruta e sopa. Como é que a fruta cabe debaixo da porta? Só se for passada! E às vezes no parque vou ao castelo. O meu pai não gosta quando está muita gente no castelo, tem medo que eu caia. Costumo ir às compras com o meu pai ou com a mãe. Às vezes com os dois. Peço muitas coisas, mas algumas eles não me dão. Eu vejo desenhos animados de manhã, quando o meu pai me está a preparar o pequeno almoço. Vejo na cama, e quando o pequeno almoço está preparado, eu vou. Com a mãe, ela dá-me à boca, com o pai tenho de ser eu a comer sozinha.”

3.2.9. Marta



Fig. 27– Maquete Marta

“Pai, a mãe, a mana, outra mana, eu e o meu mano. Somos seis. O pai tem barba, é fofinho. A mãe é amiga e o pai também é amigo. É quem faz a comida para nós, mas o pai às vezes também faz. A mana tem muito dinheiro no seu mealheiro, tá cheio, não cabe mais nenhuma nota. Por falar em nota, já tenho a nova nota de cinco euros. A mana gosta muito de jogar futebol. A outra mana gosta de jogar comigo aos pinipons e às cartas. O mano faz palhaçadas e suja sempre a boca quando come. Costumamos ir à praia, ir à casa do tio André nas férias e ir à piscina. Ah, e à igreja! Vamos muitas vezes à igreja. À cataquese só vai as mana e o pai porque a mãe já não é catequista e o mano não pode entrar. O pai é catequista. O mano tem três anos.”

3.2.10. Clara



Fig. 28– Maquete Clara

“A mana Leonor, a mãe, eu, o meu pai, o meu avô e a minha avó. Os avós do lado do pai. Gosto da mana, da mãe, do pai, do avô e da avó. Eu vivo com a a mana, e com a mãe e eu. Costumo sair com a mãe. O pai não vive comigo, costumo ficar em casa com o pai e as vezes também saio. E com os avós vou ao café e ao pingo doce.”

3.3. Ouvindo as crianças - Dados obtidos através das narrativas sobre a árvore genealógica

3.3.1. Xavier

“A mãe, o pai, eu, a minha mana. A minha avó, a outra avó, o meu avô e o meu outro avô.”



Fig. 29– Árvore Xavier

3.3.2. Miguel



Fig. 30– Árvore Miguel

“O meu pai, a minha mãe, eu, o meu primo mais grande, o meu primo médio e os meus avós.”

3.3.3. Nuno

“O pai, a mãe, a mana, eu. O avô, a minha abo, a minha avó e o meu avô.”



Fig. 31– Árvore Nuno

3.3.4. Diogo



Fig. 32– Árvore Diogo

“A mãe, o pai, o meu avô, a avó, a minha outra avó e sou eu.”

3.3.5. Francisco

“Pai e a mãe Cristina. Avô Aurélio, este não me lembro do nome e as avós são as duas Maria.”



Fig. 33– Árvore Francisco

A Mana Inês, a mana Mariana e eu. Costumo estar com estes avós [do lado esquerdo] porque os outros vivem no Norte.”

3.3.6. Pedro



Fig. 34– Árvore Pedro

“A minha mãe, o meu pai, a ohma que faz anos hoje, o meu avô e a minha outra avó. Eu e o meu mano. Costumo estar mais com a ohma porque vou lá aos domingos. É ohma porque quer dizer avô em holandês, a avó nasceu na Holanda mas ela é de lá e de Portugal.”

3.3.7. Constança

“A minha mãe, o meu pai. A minha avó e o meu avô. A minha outra avó, o meu outro avô. Eu e a minha mana. Sei que eles gostam muito de mim e sempre que podem fazem tudo para me fazer feliz.”



Fig. 35– Árvore Constança

3.3.8. Mafalda

“A minha mãe, o meu pai. A minha avó, o meu avô, do lado da mãe. A minha avó e o meu avô do lado do pai. Pus folhas claras e folhas escuras para ficar mais giro.”

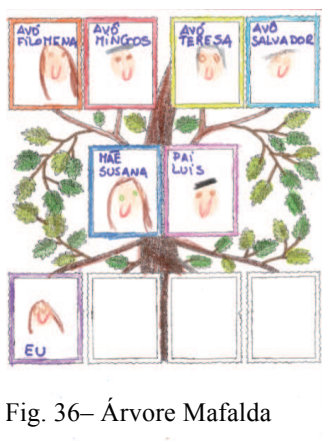


Fig. 36– Árvore Mafalda

3.3.9. Marta

“A avó Graça, o avó Rui, este é o avó das barbas, a avó Ivone, o pai Rui e a mãe Gisela, a mana Leonor, a Inês e eu e o mano Manuel. Em casa costumo estar mais com a avó Graça e o avó Rui. Na escola costumo estar com a avó Ivone, que ela vem-me buscar, mas às vezes ela vai para outros países e quem vem é o avó Rui. Os pais vem buscar-me poucas vezes.”



Fig. 37– Árvore Marta

3.3.10. Clara



“A mãe Cristina, o pai Nuno. Eu, a minha mana Leonor, a minha mana Carolina. A avó Lurdes, o avó Júlio e o avó Zé (eu não sabia o nome antes, mas perguntei à mãe). A Carolina é bebé.”

Fig. 38– Árvore Clara

3.4. Ouvindo as crianças - Dados Obtidos através das narrativas sobre o desenho da família

3.4.1. Xavier



“Eu, a minha mana, o meu pai e a minha mãe. São grandes os pais.”

Fig. 39– Desenho Xavier

3.4.2. Miguel



“Eu, o meu pai e a minha mãe. Na minha casa, é claro.”

Fig. 40– Desenho Miguel

3.4.3. Nuno



“A nossa horta, o nosso jardim, a nossa casa. O chão estava lindo. Eu, o pai, a mana e a mãe”

Fig. 41– Desenho Nuno

3.4.4. Diogo



“Eu gosto muito do meu pai e da minha mãe. E quando eu me porto bem eles fazem o que eu quero. (Já está Raquel).”

Fig. 42– Desenho Diogo

4.4.5. Francisco



Fig. 43– Desenho Francisco

“Eu. Mãe, pai e irmã mais velha, que é a Inês. Estamos ao pé da minha casa.”

3.4.6. Pedro



Fig. 44– Desenho Pedro

“É a minha mãe, o meu pai ao lado. Eu e o meu mano. Estamos dentro do prédio.”

3.4.7. Constança



Fig. 45– Desenho Constança

“A minha mãe mascarada de coração, o meu pai de céu, a minha irmã de joaninha e eu de escuteira. Era carnaval e o meu prédio está mascarado de cores.”

3.4.8. Mafalda



Fig. 46– Desenho Mafalda

“A minha mãe, o meu pai e eu. Tenho as orelhas iguais ao pai e o cabelo igual à mãe. Mas o meu cabelo é mais grande que o da mãe. O meu é muito maior. A minha mãe não tem franja, nem eu. O meu pai tem o cabelo preto; eu e a minha mãe temos castanho. Está aqui o sol cor de laranja”.

3.4.9. Marta



Fig. 47– Desenho Marta

“O pai, a mãe, a Nônô, a Inês, eu e o Manuel. Todos em fila mas a mãe é mais crescida que o pai e é mais baixa.”

3.4.10. Clara



Fig. 48– Desenho Clara

“A mãe, eu e a minha mana. Não desenhei o pai porque ele não mora lá em casa. (Estás a escrever que ele não mora lá em casa?). E diz aqui família.”

4. Interpretação dos dados

Primeiramente realizei uma interpretação de dados que se encontra em Anexo (Anexo III).

4.1. Interpretação dos dados obtidos através das narrativas sobre as imagens

Ao longo das narrativas sobre as imagens é possível constatar que muitas das crianças associam a figura do homem a um “pai” – dizendo-o inúmeras vezes, como é exemplo: “vejo aqui um pai” (Mafalda, 6ª imagem, p.29), “é um filho e um pai” (Marta, 6ª imagem, p.29), “eu acho que o pai estava a dar um beijinho ao bebé” (Diogo, 6ª imagem, p.29), “eu acho que o pai” (Constança, 13ª imagem, p.37), “se calhar os meninos estavam a cozinhar com o pai” (Constança, 13ª imagem, p.38).

No entanto, em determinados momentos, narram situações que se passam entre eles e os seus pais “O meu pai quando me dá um beijinho dói-me, porque tem barba e arranha” (Marta, 6ª imagem, p.29), “eu digo ao meu pai para ir cortar a barba logo” (Pedro, 6ª imagem, p.29), “o meu pai quando faz a barba às vezes fica com picos” (Mafalda, 6ª imagem, p.29).

Características físicas e psicológicas dos seus pais: “o pai tem um brinco, o meu não tem” (Mafalda, 6ª imagem, p.29), “o pai nem sequer vai ter nenhum brinco. Mas eu vou ter!” (Marta, 6ª imagem, p.29), “o meu pai [...] tem que ir ao dentista limpar os dentinhos” (Miguel, 14ª imagem, p.38).

Comparam determinadas atitudes às atitudes dos pais: “pareces o meu pai a embirrar com a minha mãe, está sempre a fazer isso” (Diogo, 12ª imagem, p.37), “eu acho que os pais estão a discutir. Está parecido com o meu” (Diogo, 17ª imagem, p.41).

E narram situações que se passaram com os seus pais: “o meu pai um dia chorou porque a sua avó morreu” (Pedro, 7ª imagem, p.30).

O mesmo acontece com a figura da mulher, muitas vezes associada à figura da mãe: “Parece que a mãe estava com o bebé” (Francisco, 2ª imagem, p.24), “Eu acho que é uma mãe. Quer dizer, é uma mãe” (Marta, 2ª imagem, p.25), “Eu acho que a mãe está a segurar nos pés” (Miguel, 5ª imagem, p.28), “se calhar a mãe está a brincar” (Clara, 5ª imagem, p.28), “Acho que a mãe está a dar um beijinho” (Nuno, 8ª imagem, p.31).

Mas também com as mães, as crianças ao visualizar as imagens, associam às suas próprias mães: “E o bebé vai mamar nas maminhas da mamã... Que se chama Teresa [...] Eu chamei Teresa porque é o nome da minha mãe”. (Diogo, 2ª imagem, p.25), “Eu acho que isto me faz lembrar a minha mãe a pegar na minha irmã ao colo. E também me faz quando a minha mãe me pegava ao colo quando era bebé e ainda me pega...” (Constança, 2ª imagem, p.25), “Isto faz-me lembrar quando era pequenininho e a minha mãe a pegar ao colo” (Diogo, 2ª imagem, p.25).

E narram situações que se passaram com as suas mães: “Quando era bebé, já não estava na barriga da minha mãe, bebia o leite da maminha da minha mãe. Não tem graça! Em vez de chupar, eu mordida. E deitava sangue! E a minha mãe tinha que ir ao médico. Eu era bebé” (Marta, 9ª imagem, p.33).

Ao longo das narrativas, as crianças narram também vivências que tiveram com os seus pais: “Eu acho que a senhora está a ensinar a menino e o menino a fazer uma coisa que eu faço com o meu pai” (Diogo, 13ª imagem, p.37), “Faz-me lembrar quando eu estava a fazer o jantar com a minha mãe, com o meu pai e com o meu mano. E nós estávamos a fazer uma receita que eu já tinha experimentado fazer” (Pedro, 13ª imagem, p.37), “Isto faz-me lembrar eu quando estava a cozinhar com a mãe e com o meu pai. Os meus pais estavam-me a dar as coisas e eu cozinhava e a minha mana a ver” (Constança, 13ª imagem, p.37), “Faz-me lembrar quando fui a uma festa com os pais e tiraram-nos uma fotografia todos juntos”. (Constança, 7ª imagem, p.30), “Eu costumo ir à praia dar mergulhos. Ainda este fim de semana fui com o meu pai e a minha mãe. E levei o meu camião de lego! E foi para a água e não se desmontou” (Diogo, 9ª imagem, p.33), “O carrinho lembra-me quando fui à Marina de Cascais... Eu andei num carrinho. [...] A minha mãe e o meu pai iam à frente e eu ia atrás. [...] O meu mano mais pequenino e eu íamos com os pais e as minhas manas iam sozinhas num carro.” (Marta, 10ª imagem p.34), “Parece eu quando fui levar as análises [...]. Tiraram-me sangue! Foi por isso! [...] Parece eu, chorei imenso. [...] Agarrei-me ao pai, o pai pôs-me ao colo. Depois segurou-me o braço, porque eu queria tirar o braço ”. (Mafalda, 15ª imagem, p.39), “Eu já levei uma pica e estava agarrada ao meu pai e nem sequer reparei que picaram.” (Marta, 15ª imagem, p.39).

No entanto, não só narram acontecimentos como associam as imagens às suas famílias e a vivências: “Parece que é a minha mãe com o meu pai e as minhas manas e eu [...] Só faltava aqui o meu irmão mais pequeno” (Marta, 7ª imagem p.30), “O pai e a

mãe devem estar nos dois elevadores a falarem como os meus dois elevadores. Eu vinha com o meu pai num e conseguia ouvir a minha mãe! Dá para falar nos dois elevadores” (Diogo, 16ª imagem, p.41).

As crianças, ao longo da visualização das imagens, narram também acontecimentos referentes aos pais, às suas vivências e a sua relação: “Eu quando o meu pai encontrou a minha mãe, levou-a ao cinema e depois a minha mãe começou a gostar do meu pai [...] casaram-se e depois demorou alguns meses e eu nasci, depois nasceu o meu mano. E depois quando eu tinha dois anos e meio, o meu mano nasceu” (Pedro, 9ª imagem, p.33), “O meu pai e a minha mãe discutem! Por causa que os estores da minha casa estão estragados. E a minha mãe um dia já não se lembrava e pegou... E a mãe olhou e viu que estragou. E o meu pai apareceu e disse “Oh Gi!” [...] A minha mãe chama-se Gisela mas o meu pai chama-lhe “Gi” (Marta, 16ª imagem, pp.40-41), “Faz-me lembrar a minha mãe e o meu pai quando discutem sobre trabalho” (Constança 16ª imagem, p.41), “Faz-me lembrar quando os pais estavam com vontade de separar-se mas acabaram por não se separar”. (Diogo, 16ª imagem, p.42), “Faz-me lembrar quando os meus pais discutem e eu me sinto infeliz porque penso que eles se vão separar” (Constança, 17ª imagem, p.41), “É sempre assim que os meus pais fazem! Sempre que eles discutem dizem “eu vou-me separar” mas depois acabam por não se separar. E é por isso que eu estou irritada” (Constança, 17ª imagem, p.42).

Muitas das vezes foi possível observar, ao longo das narrativas sobre as imagens, que as crianças associaram as imagens a momentos que já viveram: “Faz-me lembrar o meu almoço de anos. Quando eu fiz anos em Novembro” (Francisco, 1ª imagem, p.23), “Faz-me lembrar quando eu fui ao dentista ver se o dente estava a abanar” (Mafalda, 14ª imagem, p.38), “O dente está estragado e isto é igualzinho a quando eu estava no dentista” (Constança, 14ª imagem, p.38).

Associam também a pessoas que conhecem: “Esta senhora parece uma amiga da minha mãe, não sei porquê. Que se chama Fátima” (Francisco, 1ª imagem, p.23), “Parece-me o pai de um amigo meu que eu conheci que tem um brinco na orelha.” (Pedro 6ª imagem, p.29).

A locais que já frequentaram: “Parece o Algarve” (Pedro 4ª imagem, p.27), “Eu já fui ao parque dos Poetas. Mas costumo ir ao Oeiras Park” (Francisco 10ª imagem, p.34), “Parece que é um bebé que foi a um parque que eu já fui, mas não sei como se

chama” (Marta 10^o imagem, p.34), “As ondas gigantescas são na Nazaré [...] Eu já fui à Nazaré e fui atacado por uma onda gigantesca. ...[.] Só me atacou num pé”. (Diogo, 9^a imagem, p.33), “Faz-me lembrar a casa do Alentejo da minha avó” (Marta, 1^a imagem, p.23).

E a objectos: “Os copos desta casa são iguais aos meus só que são de outra cor” (Marta, 1^a imagem, p.23), “Eu já tive este rato, mas já não brinco com ele. É igual ao do bebé” (Nuno, 10^a imagem, p.34).

As crianças também, ao longo das narrativas das imagens, devido aos diálogos criados, relatam momentos das suas vidas: “Eu um dia tive um pesadelo horrível, e esse pesadelo ia-me acontecendo. [...] Foi assim, eu, estava no parque com os meus pais e os meus manos. E depois fui para um bocado longe dos pais. E estava um senhor a passar, já era conhecido e estava—me sempre a apanhar. Ele passou, a fingir que estava aleijado e depois segurou-me e comecei a gritar pela mãe, e depois a mãe perguntou “Tu outra vez?”, e depois o senhor largou-me e eu acordei logo assustada. E também tive um sobre abelhas! [...] Eu uma vez sonhei que a nossa escola era no Alentejo. E tu ainda não eras desta escola, Raquel! A Leticia estava ao pé de mim, e estava uma abelha ao pé dela e ela disse “Eu não gosto de abelhas”. E como ela já sabia que se ficasse quieta a abelha não picava, eu como não sabia, dei um passo e a abelha picou-me. Fui à Inês e disse que fui picada por uma abelha e a Inês tratou. Tirou o pico e depois eu acordei logo toda assustada e fui para o quarto dos pais a dizer “Pai! Mãe!” (Marta, Marta 15^a imagem, pp.39-40), “O meu ovo foi azul, o do meu mano foi verde do Sporting!” (Pedro, 12^a imagem, p.37).

Ao longo das narrativas, muitas vezes as crianças associaram as pessoas presentes a alguns familiares: “Esta senhora tem um bocadinho de cara que parece a minha avó, só que é sem óculos” (Francisco, 1^a imagem, p.25), “Eu acho que a avó está sentada numa cadeira branquinha e está a estudar testes de computador, como a minha avó faz” (Constança, 3^a imagem, p.26), “Esta bebé faz-me lembrar a minha prima Maria mas já lhe nasceram dois dentes” (Marta 5^a imagem, p.28), “O meu avô morreu porque tinha uma doença. Ele foi parar ao hospital e depois morreu no hospital [...] ele quando foi para o hospital estava vivo. [...] E o outro avô morreu sem eu o ver.” (Pedro, 8^a imagem, p.31), “Este parece o Rui [...] o pai da minha prima! Mas não é.” (Nuno, 9^a imagem, p.33), “Isto faz-me lembrar o cão da minha tia. E faz-me lembrar também os

meus tios, que fazem as coisas iguaizinhas a estes porque os cães deles [...] são iguaizinhos a estes” (Constança, 18ª imagem, p.42), “A minha tia já beijou muitas vezes o cão!” (Francisco, 18ª imagem, p.42). “Eu vejo aqui um pai com um brinco. E esse pai faz-me lembrar o meu tio. Mas imagina... O meu tio não tem brincos só que sem brincos já parecia.” (Marta 6ª imagem, p.29).

Como tal, algumas crianças referem também os irmãos: “Isto faz-me lembrar as minhas manas a trabalharem” (Marta, 8ª imagem, p.31), “ a minha mana Leonor, [...] ela queria sempre que os pais estivessem lá quando ela estava a dormir. Queria sempre que os pais estivessem lá com ela, mas eles não podiam. E agora a minha mana Inês, não fazia nada e o meu mano Manuel não sei” (Marta, 9ª imagem, p.33), “Uma menina na cama que levou uma vacina no rabo [...] a minha mana já levou uma” (Marta, 15ª imagem, p.33).

4.2. Interpretações dos dados obtidos através das narrativas a partir da construção da família em maquete

Na construção da maquete, constatei que duas das dez crianças não representaram somente a família com quem coabitam, sendo que os restantes o fizeram, conforme demonstra a seguinte tabela:

Tabela 1	Representa somente a família com quem coabita	
	Sim	Não
Xavier	X	
Miguel	X	
Nuno	X	
Diogo	X	
Francisco		X
Pedro	X	
Constança	X	
Mafalda	X	
Marta	X	
Clara		X

As crianças que representaram não somente a família com quem coabitam, são as crianças cujos pais são separados, podemos inferir que o fizeram por esse motivo. Sendo que a primeira, o Francisco, para além de com quem coabita, ter representado o seu pai e a sua meia-irmã. A Clara, por sua vez, representou, para além da família com quem coabita, o seu pai e os seus avós paternos.

No que diz respeito às narrativas sobre a maquete que construíram da sua família, as crianças falaram sobre os seus pais, apontando características: “O pai é alto” (Xavier, p.43), “O meu pai é o mais velho” (Xavier, p.43), “O meu pai ressona muito à noite” (Constança, p.45), “Gosto muito do meu pai, o pai é giro” (Mafalda, p.45), “O pai gosta de gastar dinheiro em coisas, em relógios. Gosta muito de ir às lojas” (Constança, p.45), “O pai tem barba, é fofinho” (Marta, p.46), “O pai [...] é amigo” (Marta, p.46), “Faz muitas palhaçadas o meu pai.” (Mafalda, p.45).

Indicando a profissão dos pais: “O meu pai vende carros, mas não tem carro, é da empresa” (Francisco, p.44), “O pai é catequista” (Marta, p.46).

E relatando vivências: “O meu pai esconde-se comigo da mãe e da Marta” (Nuno, p.44), “O meu pai casou-se com uma senhora chamada Susana e depois nasceu uma menina, que é a Mariana. Eu nasci primeiro que ela” (Francisco, p.44), “Já não durmo em casa do meu pai porque não consigo dormir lá porque nos dias de escola, temos que acordar muito cedo porque o pai vai trabalhar” (Francisco, p.44), “Eu com o meu pai brinco muitas vezes com ele. O meu pai ajuda-me a montar coisas e deixa-me fazer o jantar com ele” (Pedro, p.45), “O meu pai não gosta quando está muita gente no castelo, tem medo que eu caia” (Mafalda, p.45), “O pai não vive comigo, costume ficar em casa com o pai e às vezes também saio” (Clara, p.46).

O mesmo fizeram relativamente às mães. Apontando características: “a mãe é baixa” (Xavier, p.43), “Gosto da mãe, ela é gira” (Mafalda, p.45), “A minha mãe é despachada. Se bebe leite, vomita. Gosta de ficar em casa” (Constança, p.45), “A mãe é amiga” (Marta, p.46).

Relatando pormenores da sua relação: “Eu gosto da mãe porque ela dá-me o que eu quero” (Nuno, p.44). Indicando actividades que realizam em conjunto: “Com a minha mãe, ela brinca comigo, às vezes durmo com a minha mãe” (Pedro, p.45), “Costumo sair com a mãe” (Clara, p.46). E falando sobre a profissão: “A mãe é

massagista, cabeleireira.” (Francisco, p.44), “Ela às vezes dá explicações e eu não posso fazer barulho” (Mafalda, p.45).

As crianças que têm irmãos, falaram também sobre os seus irmãos, nas narrativas através da construção da maquete da família.

Apontaram características dos irmãos: “ a mana é grande” (Xavier, p.43), “A mana é mais velha que eu” (Xavier, p.43), “A mana, que é feia” (Nuno, p.44), “A minha mana teve nesta escola e é má” (Nuno, p.44), “A Marta é burra a lavar os dentes porque não lava os dentes bem” (Nuno, p.44), “O mano tem três anos” (Marta, p.46). Relatando gostos dos irmãos: “A mana gosta de desarrumar as coisas e de brincar com elas” (Constança, p.45), “A mana gosta muito de jogar futebol” (Marta, p.46), “A outra mana gosta de jogar comigo aos pinipons e às carta” (Marta, p.46).

Referindo coisas que os irmãos fazem ou que lhes aconteceu: “A mana tem muito dinheiro no seu mealheiro” (Marta, p.46), “A minha irmã chora a pedir por manta” (Constança), “O mano faz palhaçadas e suja sempre a boca quando come” (Marta), “A minha irmã chora muitas vezes (a pequena) e a mais velha magoou-se no joelho, não sei porquê, foi para o hospital e teve que andar de canadianas” (Francisco, p.44), “A minha irmã mais pequena tem que ir muitas vezes para casa da minha avó porque a Susana trabalha no café, a mulher que o meu pai casou” (Francisco, p.44). Também referem o que fazem com os irmãos: “Com o meu mano brinco às vezes, ele às vezes chateia-me” (Pedro, p.45). E falando sobre os seus sentimentos pelos irmãos: “Eu gosto mais ou menos da Marta” (Nuno, p.44).

No que diz respeito às relações entre adultos, algumas crianças referiram determinados aspectos. Falaram sobre a relação dos pais: “A mãe está separada do meu pai por causa deles se encontrarem no café e o meu pai também... Aconteceram muitas coisas e eles ficaram separados” (Francisco, p.44), “A minha mãe está muitas vezes a discutir com o meu pai porque às vezes o meu pai não me vem buscar e tem de vir” (Francisco, p.44). Uma criança referiu algo da relação do pai com a sua mulher: “Sobre o me pai, ele já discutiu com a pessoa com que ele se casou. Eu ouvi” (Francisco, p.44). E referiram pormenores da relação dos pais com os avós: “Vou para casa da mãe do meu pai, a mãe vai lá pôr-me. A minha mãe discutiu com a mãe da minha mãe. Eu já não vou lá há muito tempo” (Francisco, p.44), “Às vezes a minha mãe discute com a

minha avó por causa de dinheiro. Porque a minha avó quer dar dinheiro à minha mãe e ela não quer” (Mafalda, p.45).

Nas narrativas também foi possível compreender alguns gostos das crianças. O que gostam de fazer com a família: “gosto de jogar à bola com eles” (Xavier, p.43), “Gosto de ir à piscina” (Constança, p.45), “Eu gosto de passear com eles, vamos a um jardim” (Mafalda, p.45). E o que fazem com a família: “Costumo brincar com os pais, fazer desenhos [...] e também brincar quando vou para o banho” (Miguel, p.43), “ às vezes querem jogar nos telemóveis e querem partilhar os telemóveis comigo” (Miguel, p.43), “Costumamos ir à praia, ir à casa do tio André nas férias e ir à piscina. Ah, e à igreja” (Marta, p.46), “Com os avós vou ao café e ao pingo doce” (Clara, p.46), “Costumo comer massa com salsicha que é o meu preferido” (Miguel, p.43).

Algumas crianças realçaram alguns comportamentos dos pais. Alguns compararam comportamentos: “Gosto mais de brincar com o pai, já posso fazer barulho” (Mafalda, p.45), “Com a mãe, ela dá-me à boca, com o pai tenho de ser eu a comer sozinha” (Mafalda, p.45), “É quem faz a comida para nós, mas o pai às vezes também faz” (Marta, p.46).

E falam sobre a sua relação com ambos os pais: “Peço muitas coisas, mas algumas eles não me dão” (Mafalda, p.45), “Eu gosto deles e quando eu me porto bem eles gostam de mim e deixam-me fazer o que eu quero” (Diogo, p.44).

Algumas crianças, por sua vez, decidiram relatar outros acontecimentos: “Como a minha mãe às vezes trabalha no fim de semana, eu fico em casa da minha avó. Eu às vezes fico doente e falto e fico em casa da minha avó” (Francisco, p.44), “Um dia os meus pais perguntaram-me “se nos separarmos, o que fazes?” e eu disse “eu fecho-vos na sala e dou-vos comida por baixo da porta” – uma fruta e sopa” (Mafalda, p.45).

4.3. Interpretação dos dados obtidos através das narrativas sobre a árvore genealógica

No que diz respeito às árvores genealógicas, apenas uma criança, o Miguel não desenhou somente o que era pedido pela Educadora: Os avós, os pais, ele e os irmãos (se tivesse), tendo desenhado também primos.

No que diz respeito às narrativas sobre a árvore genealógica, metade das crianças, na sua narrativa, só apresenta quem representou na imagem. Enquanto que, a outra metade, relata acontecimentos. Como demonstra a tabela:

Tabela 2	Só refere quem consta na imagem	
	Sim	Não
Xavier	X	
Miguel	X	
Nuno	X	
Diogo	X	
Francisco		X
Pedro		X
Constança		X
Mafalda	X	
Marta		X
Clara		X

No que diz respeito às narrativas, o Francisco, para além de ter referido quem representou, refere que costuma estar com os avós paternos porque os outros vivem no Norte.

O Pedro, refere que a sua avó fez anos no dia em que narrou. Refere também que chama “ohma” a essa sua avó porque “é ohma porque quer dizer avó em holandês, a avó nasceu na Holanda mas ela é de lá e de Portugal” (Pedro, p.48). Explica também que costuma estar mais vezes com a ohma porque vai lá aos domingos.

A Constança, para além de referir quem desenhou, diz-nos: “sei que eles gostam muito de mim e sempre que podem fazem tudo para me fazer feliz” (Constança, p.48).

A Marta, refere que costuma estar mais com a avó Graça e com o avô das Barbas explicando que “na escola costuma estar com a avó Ivone, que ela vem-me buscar, mas às vezes ela vai para outros países e quem vem é o avô Rui” (Marta, p.49) e ainda esclarece que “os pais vem poucas vezes buscar-me” (Marta, p.49).

A Clara, explica que antes não sabia o nome do seu avô Zé mas que no entanto perguntou à mãe e diz que “a Carolina é bebé” (Clara, p.49).

4.4. Interpretação dos dados obtidos através das narrativas sobre os desenhos da família

No que diz respeito às narrativas sobre os desenhos que fizeram sobre a sua família, todas as crianças acrescentaram informação, para além de referirem quem desenharam.

O Xavier, referiu que os “são grandes os pais” (Xavier, p.49).

O Miguel, refere que estão “na minha casa, é claro” (Miguel, p.50).

O Nuno diz que representou “a nossa horta, o nosso jardim, a nossa casa” (Nuno), referindo ainda que “o chão estava lindo” (Nuno, p.50).

O Diogo refere que gosta muito do seu pai e da sua mãe, reforçando ainda que “quando me porto bem eles fazem o que eu quero” (Diogo, p.50).

O Francisco, refere que “estamos ao pé da minha casa” (Francisco, p.51).

O Pedro, por sua vez, refere que “estamos dentro do prédio” (Pedro, p.51).

A Constança, decidiu desenhar a mãe mascarada de coração, o pai mascarado de céu, a irmã mascarada de joaninha, ela mascarada de escuteira e o prédio mascarado de cores, justificando que “era carnaval” (Constança, p.51).

A Mafalda, refere características. Dizendo que “tenho as orelhas iguais ao pai e o cabelo igual à mãe” (Mafalda, p.52), explica também que o pai tem o cabelo preto e que ela e a sua mãe têm o cabelo castanho.

A Marta explica apenas que a sua mãe é mais velha que o seu pai mas que é mais baixa.

A Clara explica que não desenhou o pai porque o pai não mora lá em casa. E, quando eu estava a escrever o que ela me estava a dizer, demonstrou-se preocupada ao perguntar “Estás a escrever que ele não mora lá em casa?” (Clara, p.52).

5. Considerações Finais

O estudo aqui apresentado foi desenvolvido a partir da questão “Como é que as crianças expressam o sentido que dão às suas experiências de vida?”. Confrontando a questão investigativa e os objetivos propostos para este estudo, parece possível concluir que as crianças narram o sentido que dão às suas experiências de vida, percebendo o que sentem, dando sentido às coisas, partilhando experiências e usando ferramentas que adquiriram para criar histórias pessoais, da família e da comunidade. O que vem a ser confirmado:

[...] Narrar é um trabalho complexo que reúne muitas vezes aspectos díspares da condição de estar vivo: o trabalho afectivo de percebermos o que sentimos, o trabalho cognitivo de dar sentido às coisas, o trabalho social de partilhar experiências, e o trabalho cultural de utilizar as ferramentas e formas que herdámos para compor histórias pessoais, da família ou da comunidade [...] (Wolf, 2010, p.89)

É possível verificar, através de todas as narrativas das crianças, que muitas das significações que atribuem às suas vidas são intangíveis para nós, adultos, já que segundo Wolf (2010) muito do que dizemos, em particular as conversas que visam dar sentido aos acontecimentos quotidianos, é narrativo no seu impulso, mesmo quando não é inteiramente percebido como uma história com principio, meio e fim. Efectivamente, posso não ter captado algumas das histórias que as crianças me contaram por não serem histórias com principio, meio e fim para a lógica de um adulto.

Por exemplo, o Pedro em determinada altura refere que a senhora representada na terceira imagem “está num sitio para velhinhos e está a tirar uma fotografia porque ela amanhã ia morrer porque os médicos tinham dito” (Pedro, 3ª imagem, p.26). Na altura, não me apercebi que o Pedro estaria a narrar com algum objectivo, sendo que esta afirmação me passou ao lado. Contudo, mais tarde, o Pedro revela: “O meu avô morreu porque tinha uma doença. Ele foi parar ao hospital e depois morreu no hospital. Ele é que... Ele quando foi para o hospital estava vivo.” (Pedro, 8ª imagem, p.31). Com esta afirmação, a narrativa anterior do Pedro já me fez parecer carregada de significado, demonstrando, possivelmente, o medo que o Pedro tem e a associação da velhice à morte.

No entanto, foi possível observar que todas as crianças foram capazes de expressar o sentido que dão às suas vidas, às suas experiências pessoais, como tal, podemos afirmar que estas crianças tem um conjunto de competências, que segundo Wolf (2010), permite às crianças construir e partilhar as suas “autobiografias e as histórias das suas famílias”, questionar e reflectir sobre os aspectos psicológicos da experiência humana, explorar as realidades dos mundos social e natural através de explorações hipotéticas.

Percebi que as crianças são capazes de incluir nas suas narrativas, atribuindo sentido, directa e indirectamente, às suas experiências e vivências pessoais. E fazem-no de forma espontânea, sem ser necessário o auxílio do adulto para incitar tal comportamento.

Devo dizer que considero que a metodologia que usei, cumpriu o objectivo de melhor conhecer as crianças. Através das narrativas que construíram fiquei a saber muito mais da vida das crianças, do que conhecia antes de começar e da sua capacidade de exprimir o sentido que atribuem à sua vida.

Isto fez-me reflectir sobre a importância de ouvir as crianças, em contexto de sala, para melhor as conhecer. E que esta forma, através de imagens, através de desenhos ou de algo que construíram, é uma boa forma de o fazer.

5.1. Limitações do Estudo e Recomendações

As limitações do presente estudo prendem-se sobretudo com a reduzida experiência que tenho enquanto investigadora e educadora de infância e com o tempo de estágio que não é prolongado.

Senti também alguma dificuldade em me colocar no ponto de vista da criança. Dando um exemplo, a Constança, ao longo de todas as narrativas, muitas das vezes associava as imagens que para mim representavam a figura de uma mãe, a uma “irmã mais velha” e também o que para mim representava a figura de um pai, a um “irmão mais velho” como é possível verificar: “se calhar a irmã mais velha está a cheirar [...]” (Constança, 5ª imagem, p.28), “se calhar o mano mais velho (...)” (Constança, 6ª imagem, p.29), “[...] a mana mais velha estava a estudar” (Constança, 8ª imagem, p.31), “[...] o mano mais velho estava a ganhar” (Constança, 11ª imagem, p.36). Não me conseguindo colocar no seu ponto de vista, não consigo compreender o porquê da Constança fazer estas afirmações, uma vez que esta não têm nenhuma irmã mais velha.

Será um desejo da Constança ter um irmão/ã mais velho/a? Será que possui um irmão/ã mais velho/a no seu imaginário?

A minha reduzida experiência, aliada à dificuldade em me colocar no ponto de vista da criança, poderá ter levado a que me tivesse descurado de alguns aspectos que poderiam ser essenciais na interpretação das narrativas.

Esta dificuldade, em me colocar no ponto de vista da criança, pode ser explicado porque:

[...] realizar pesquisas buscando captar as vozes das crianças é um desafio para os adultos, uma vez que, por mais comprometidos que formos com as crianças, seremos sempre adultos falando pelas crianças e sobre elas (Cerisara, 2004, p.49).

Apesar disso, esta experiência veio a revelar-se muito positiva e gratificante, já que fiquei a conhecer melhor as crianças, sujeitos da investigação, e o sentido que dão às suas vivências.

No que diz respeito a recomendações, posso dizer que este trabalho fez-me reflectir sobre a importância deste tipo de intervenção para melhor conhecer as crianças no seu contexto. Como tal, a minha recomendação, é o uso deste tipo de estratégias, no dia a dia do Educador para que este possa melhor planear, intervir e avaliar a sua acção pedagógica com as crianças.

Muitas vezes este tipo de estudo é descurado pelos profissionais, pois tal como nos diz Cerisara (2004) existe uma:

[...] falta de sintonia entre os processos de investigação por parte dos pesquisadores e a prática dos professores que actuam directamente nas instituições com as crianças [...] apesar dos resultados das pesquisas apresentarem reflexões sobre o quotidiano das instituições de educação infantil, o impacto sobre o trabalho pedagógico desenvolvido pelos professores nas instituições é inexpressivo (Cerisara, 2004, p.49).

É importante, como tal, que os Educadores sejam preparados para terem um olhar atento, capaz de detectar as características das suas crianças, em contexto:

[...] as pesquisas cujo foco foram as crianças e as culturas infantis revelam a necessidade e importância de todos os profissionais envolvidos com a educação infantil conhecerem as crianças e se educarem para captar os “jeitos de ser” das mesmas (Cerisara, 2004, p.49).

Sem dúvida alguma que o presente relatório me fez alargar horizontes e compreender que as pesquisas cujo foco são as crianças, os seus saberes e fazeres,

trazem um enorme contributo para a prática pedagógica. Pois se soubermos olhar e ouvir, temos a possibilidade de melhor conhecer as crianças, de modo a poder tomá-las como ponto de partida para as práticas, tendo em conta o que sabem, o que gostam, o que tem medo, o que tem curiosidade e o que não sabem, de modo a alargar os seus conhecimentos tendo em conta que o direito a educar implica sempre ajudar a criança a aumentar os seus conhecimentos.

Bibliografia

AFONSO, N. (2005). *Investigação Naturalista em Educação: guia prático e crítico* (1ªEd.). Lisboa: Edições ASA.

BITTENCOURT, L. A. (1998) *Algumas considerações sobre o uso da imagem fotográfica na pesquisa antropológica*. In B. Feldman-Bianco & Leite, M. L. M. (org.). *Desafios da Imagem: fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais*. São Paulo: Papyrus.

CERISARA, A. B. (2004). *Em busca do Ponto de Vista das Crianças nas Pesquisas Educacionais: Primeiras aproximações*. In M.J. Sarmiento & A. B. Cerisara (1ªEd.) *Crianças e Miúdos: Perspectivas sociopedagógicas da infância e educação* (35-54). Lisboa: ASA Editores, S.A.

FERREIRA, M. (2004). *Do “Averso” do Brincar ou... as relações entre Pares, as Rotinas da Cultura Infantil e a Construção da(s) Ordem(ens) Social(ais) Instituinte(s) das crianças no Jardim-de-Infância*. In M.J. Sarmiento & A. B. Cerisara (1ªEd.) *Crianças e Miúdos: Perspectivas sociopedagógicas da infância e educação* (55-104). Lisboa: ASA Editores, S.A.

FFERREIRA, M.M., CARMO, H. (1998). *Metodologia da Investigação: Guia para Auto-Aprendizagem* (2ªEd.). Lisboa: Universidade Aberta.

GRAUE, M.E., WALSH, D.J.(2003) *Investigação Etnográfica com crianças: teorias, métodos e ética* (1ªEd.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATISTICA (2011). *Censos 2011 – Resultados Definitivos*. Acedido em 20 de Junho de 2013, em http://www.ine.pt/scripts/flex_definitivos/Main.html.

MIGUEL, M.L.C. (1993). *A fotografia como documento: uma instigação à leitura*. Acedido em 20 de Junho de 2013, em http://www.portal.an.arquivonacional.gov.br/media/v6_n1_2_jan_dez_1993.pdf.

PÓRLAN, R., MÁRTIN, J. (1997). *El diario del profesor – Un recurso para la investigación en el aula* (4ª Ed.). Sevilla: Diada Editora.

SANTANA, J.P. (2007). *Coitidiano, expressões culturais e trajetórias de vida: Uma investigação participativa com crianças em situação de rua*. Tese de Doutoramento, Instituto de Estudos da Criança – Universidade do Minho, Portugal.

SARMENTO, M. J. (2004). *As Culturas da Infância nas Encruzilhadas da Segunda Modernidade*. In M.J. Sarmiento & A. B. Cerisara (1ªEd.) *Crianças e Miúdos: Perspectivas sociopedagógicas da infância e educação* (9-34). Lisboa: ASA Editores, S.A.

SARMENTO, M., PINTO, M. (1997). *As crianças e a infância: definindo conceitos, delimitando o campo*. In M. Sarmiento (org.) *As crianças: Contextos e Identidades*. Braga: Centro de Estudos da Universidade do Minho.

WOLF, D. P. (2010). *Ali e então, o intangível e o íntimo: as narrativas da infância*. In B. Spodek (org.) (2ªEd.) *Manual de Investigação em Educação de Infância* (85-118). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Anexos

Índice de Anexos

	Página
Anexo I – Índices	b
I – Índice dos Dados Recolhidos	b
II – Índice por Criança – Dados Recolhidos	d
Anexo II – Localização do Campo de Estágio	e
Anexo III – A primeira interpretação de dados que realizei	f

Anexo I – Índices

I - Índice dos Dados Recolhidos

	Página
3.1. Ouvindo as crianças - Dados obtidos através das narrativas a partir das imagens – ouvir as crianças	23
3.1.1. Primeira Imagem	23
3.1.2. Segunda Imagem	24
3.1.3. Terceira Imagem	25
3.1.4. Quarta Imagem	26
3.1.5. Quinta Imagem	27
3.1.6. Sexta Imagem	28
3.1.7. Sétima Imagem	29
3.1.8. Oitava Imagem	30
3.1.9. Nona Imagem	32
3.1.10. Décima Imagem	34
3.1.11. Décima Primeira Imagem	35
3.1.12. Décima Segunda Imagem	36
3.1.13. Décima Terceira Imagem	37
3.1.14. Décima Quarta Imagem	38
3.1.15. Décima Quinta Imagem	39
3.1.16. Décima Sexta Imagem	40
3.1.17. Décima Sétima Imagem	41
3.1.18. Décima Oitava Imagem	42
3.2. Ouvindo as crianças - Dados obtidos através das narrativas a partir da construção da família em maquete	43
3.2.1. Xavier	43
3.2.2. Miguel	43
3.2.3. Nuno	44
3.2.4. Diogo	44

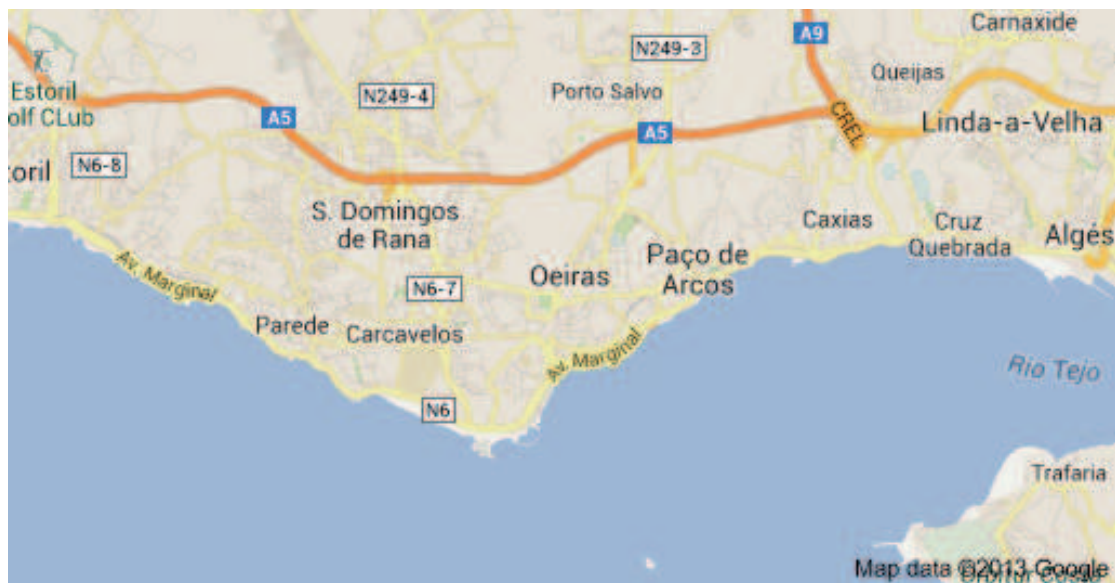
3.2.5. Francisco	44
3.2.6. Pedro	45
3.2.7. Constança	45
3.2.8. Mafalda	45
3.2.9. Marta	46
3.2.10. Clara	46
3.3. Ouvindo as crianças - Dados obtidos através das narrativas sobre a árvore genealógica	46
3.3.1. Xavier	46
3.3.2. Miguel	47
3.3.3. Nuno	47
3.3.4. Diogo	47
3.3.5. Francisco	47
3.3.6. Pedro	48
3.3.7. Constança	48
3.3.8. Mafalda	48
3.3.9. Marta	49
3.3.10. Clara	49
3.4. Dados obtidos através das narrativas sobre o desenho da família	49
3.4.1. Xavier	49
3.4.2. Miguel	50
3.4.3. Nuno	50
3.4.4. Diogo	50
3.4.5. Francisco	51
3.4.6. Pedro	51
3.4.7. Constança	51
3.4.8. Mafalda	52
3.4.9. Marta	52
3.4.10. Clara	52

III – Índice por criança – Dados recolhidos

	Página
O que diz respeito ao Xavier	
Maquete da Família	43
Árvore	46
Desenho	49
O que diz respeito ao Miguel	
Maquete da Família	43
Árvore	47
Desenho	50
O que diz respeito ao Nuno	
Maquete da Família	44
Árvore	47
Desenho	50
O que diz respeito ao Diogo	
Maquete da Família	44
Árvore	47
Desenho	50
O que diz respeito ao Francisco	
Maquete da Família	44
Árvore	47
Desenho	51
O que diz respeito ao Pedro	
Maquete da Família	45
Árvore	48
Desenho	51
O que diz respeito à Constança	
Maquete da Família	45
Árvore	48
Desenho	51
O que diz respeito à Mafalda	
Maquete da Família	45
Árvore	48
Desenho	52
O que diz respeito à Marta	
Maquete da Família	46
Árvore	49
Desenho	52
O que diz respeito à Clara	
Maquete da família	46
Árvore	49
Desenho	52

Anexo II – Localização do Campo de Estágio

1. Mapa do Concelho de Oeiras



2. Fotografia da Escola Eb1/JI Sá de Miranda



Anexo III – A primeira interpretação de dados que realizei

I. Interpretação dos Dados

Primeiramente, torna-se para mim essencial referir que muito do que as crianças dizem faz parte das suas vivências pessoais, tal como nos diz Wolf (2010), muito do que dizemos, particularmente nas conversas que visam dar sentido aos acontecimentos quotidianos, é narrativo no seu impulso, mesmo quando não é inteiramente percebido como o história com princípio, meio e fim. Dado ao tempo do estudo ser reduzido e não dar para explorar tudo o que há para explorar, decidi-me focar nas experiências de vida que as crianças narram directamente e explicitamente.

I.I. Interpretação por criança

I.I.I. Xavier

I.I.I.I. Interpretação dos dados obtidos através das narrativas sobre as imagens

Tabela 1 – Imagens Xavier				
Associa as imagens às suas experiências de vida directamente			É possível descobrir algo sobre a sua vida através das narrativas sobre as imagens	
Sim	Não	Maioritariamente quando questionado	Sim	Não
	x			x

O Xavier, ao observar as imagens não fez nenhuma associação das imagens às suas experiências de vida e não é, de todo, possível descobrir algo sobre a sua vida através das narrativas sobre as imagens. O Xavier demonstrou não querer continuar a participar nas conversas sobre as imagens, como tal, não o obriguei a estar presente. É possível o seu desagrado quando diz: “Eu não quero dizer mais” (1ª imagem, p.21), “eu não quero dizer mais nada” (8ª imagem, p.37), e “eu quero ir embora” (8ª imagem, p.37)

I.I.I.II. Interpretação dos dados obtidos através das narrativas a partir da construção da família em maquete

Tabela 2 - Maquete das Famílias Xavier					
Representa só com quem coabita		Relata Acontecimentos		Refere quem representou	
Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não
x		x		x	

Na construção da maquete da sua família, o Xavier apenas representou a família com quem coabita. Refere alguns acontecimentos como “gosto de jogar à bola com eles e brincar” (p.64) e apresenta algumas características dos elementos da sua família “o pai é alto, a mãe é baixa, a mana é grande” (p.64) e “o meu pai é o mais velho” (p.64) e ainda “a mana é mais velha que eu” (p.64).

I.I.I.III. Interpretação dos dados obtidos através das narrativas sobre a árvore genealógica

Tabela 3 - Árvore genealógica Xavier			
Relata Acontecimentos		Refere quem consta na imagem	
Sim	Não	Sim	Não
	x	x	

Na narrativa que fez sobre a sua árvore genealógica, o Xavier apenas refere quem consta na imagem – sendo, a mãe, o pai, a irmã, a avó, a outra avó, o avô e o outro avô.

I.I.I.IV. Interpretação dos dados obtidos através das narrativas sobre o desenho da família

Tabela 4 - Desenho da Família Xavier					
Relata Acontecimentos		Refere quem consta no desenho		Refere características das pessoas que desenhou	
Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não
	x	x		x	

Na narrativa sobre o desenho que fez da sua família, o Xavier enumera quem consta no desenho e por sua vez refere uma característica dos pais “são grandes” (p.72).

I.I.II. Miguel

I.I.I.I.I. Interpretação dos dados obtidos através das narrativas sobre as imagens

Tabela 5 – Imagens Miguel				
Associa as imagens às suas experiências de vida directamente			É possível descobrir algo sobre a sua vida através das narrativas sobre as imagens	
Sim	Não	Maioritariamente quando Questionado	Sim	Não
		x	x	

Nas narrativas sobre as imagens, são poucas as intervenções que o Miguel faz. Ao longo de todos os registos, apenas é possível recolher duas informações sobre a sua vida.

A primeira, que a mãe o agarra ao colo.

Miguel: Eu acho que a mãe está a pegar um bebé no colo. Ela está na sala com o bebé no colo.

Clara: A tua mãe agarra-te ao colo?

Miguel: Sim.

(2ª imagem, p.25-26)

A segunda, que o seu pai necessita de ir ao dentista:

Mafalda: Tens dentes estragados?

Constança: Sim, tenho aqui uns dentes pretos.

Miguel: O meu pai também tem! Tem que ir ao dentista limpar os dentinhos.

(14ª imagem, p.53)

I.I.II.II. Interpretação dos dados obtidos através das narrativas a partir da construção da família em maquete

Tabela 6 - Maquete das Famílias Miguel					
Representa só com quem coabita		Relata Acontecimentos		Refere quem representou	
Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não
x		x		x	

Na representação da maquete, o Miguel representou a família com quem coabita e refere quem representou: “a minha mãe, o meu pai e eu” (p.64). Neste momento, o Miguel relatou alguns acontecimentos da sua vida, dizendo que:

[...] os meus pais fazem cigarros e às vezes querem jogar nos telemóveis e querem partilhar os telemóveis comigo. Costumo brincar com os pais, fazer desenhos com os pais e fazer desenhos. E também brincar quando eu vou para o banho (p.64).

Por sua vez, apresenta que costuma comer massa com salsicha, que é o seu prato preferido.

Refere também algumas características dos seus familiares dizendo que a mãe é mais nova que o pai e que ele, por sua vez, é mais novo do que o pai.

I.I.II.III. Interpretação dos dados obtidos através das narrativas sobre a árvore genealógica

Tabela 7 - Árvore genealógica Miguel			
Relata Acontecimentos		Refere quem consta na imagem	
Sim	Não	Sim	Não
	x	x	

Na árvore genealógica, o Miguel, não representou apenas a família com quem coabita, representado também primos. Nas suas narrativas, não relata acontecimentos, referindo apenas quem consta na árvore que construiu.

I.I.II.IV. Interpretação dos dados obtidos através das narrativas sobre o desenho das família

Tabela 8 - Desenho da Família Miguel					
Relata Acontecimentos		Refere quem consta no desenho		Refere características das pessoas que desenhou	
Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não
	x	x			x

Nas narrativas sobre o desenho que fez da sua família, o Miguel refere quem desenhou, a família com quem coabita e refere que no desenho a família está na sua casa dizendo “na minha casa, é claro” (p.72).

I.I.III. Nuno

I.I.III.I. Interpretação dos dados obtidos através das narrativas sobre as imagens

Tabela 9 – Imagens Nuno				
Associa as imagens às suas experiências de vida directamente			É possível descobrir algo sobre a sua vida através das narrativas sobre as imagens	
Sim	Não	Quando Questionado	Sim	Não
x			x	

No que diz respeito às narrativas do Nuno, é possível dizer que este não faz muitas referências directas às suas experiências de vida.

É possível, no entanto, conhecer algumas particularidades da vida do Nuno.

Reconhece que a sua avó não sabe costurar:

Diogo: As avós já sabem costurar.

Constança: Algumas não.

Nuno: A minha não sabe.

(3ª imagem, p.27)

Associa uma pessoa de uma imagem, a um tio.

Nuno: Este parece o Rui.

Diogo: O Rui Patrício?

Nuno: O pai da minha prima! Mas não é.

(9ª imagem, p.43)

E afirma que têm um peluche semelhante ao que visualizou numa imagem e que não o pode trazer para a escola.

Nuno: Eu já tive este rato, mas já não brinco com ele. É igual ao do bebé.

Diogo: Porque é que não trazes para a escola?

Nuno: Não posso.

Diogo: Eu uma vez trouxe um peluche.

Nuno: Não posso!

(10ª imagem, p.46)

No entanto, podemos dizer que o Nuno maioritariamente não quis participar nas conversas em grupo. Referindo que não quer dizer nada (5ª imagem, p.32) e afirmando “quero ir para o cinema” (3ª imagem, p.27) e “quero ir para a sala (3ª imagem, p.27).

I.I.III.II. Interpretação dos dados obtidos através das narrativas a partir da construção da família em maquete

Tabela 10 - Maquete das Famílias Nuno					
Representa só com quem coabita		Relata Acontecimentos		Refere quem representou	
Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não
x		x		x	

Na maquete que construiu sobre a sua família, o Nuno representa só a família com quem coabita e refere quem representou “pai, a mãe e a mana” (p.64) referindo ainda que a irmã “é feia” (p.64). Refere também que considera a irmã má e que esta frequentou a escola que este frequenta. Desse modo, relata acontecimentos. Referindo ainda que “a Marta é burra a lavar os dentes porque não lava os dentes bem”. O Nuno relata ainda outros acontecimentos da sua vida, dizendo que gosta da mãe porque esta lhe dá o que ele quer; que o pai se esconde com ele da mãe e da Marta e que este gosta mais ou menos da Marta, que é a sua irmã.

I.I.III.III. Interpretação dos dados obtidos através das narrativas sobre a árvore genealógica

Tabela 11 - Árvore genealógica Nuno			
Relata Acontecimentos		Refere quem consta na imagem	
Sim	Não	Sim	Não
	x	x	

Na narrativa sobre a árvore genealógica que fez, o Nuno, apenas refere quem consta na imagem, dizendo que é “o pai, a mãe, a mana, eu, o avô, a minha avó, a minha avó e o meu avô” (p.68).

I.I.III.IV. Interpretação dos dados obtidos através das narrativas sobre o desenho da família

Tabela 12 - Desenho da Família Nuno					
Relata Acontecimentos		Refere quem consta no desenho		Refere características das pessoas que desenhou	
Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não
	x	x			x

Na narrativa sobre o desenho que realizou da sua família, o Nuno, refere que desenhou a sua horta, o seu jardim e a sua casa, referindo ainda que “o chão estava lindo” (p.72). No entanto, refere também quem consta no seu desenho, sendo ele, o pai, a irmã e a mãe.

I.I.IV. Diogo

I.I.IV.I. Interpretação dos dados obtidos através das narrativas sobre as imagens

Tabela 13 – Imagens Diogo				
Associa as imagens às suas experiências de vida directamente			É possível descobrir algo sobre a sua vida através das narrativas sobre as imagens	
Sim	Não	Maioritariamente quando questionado	Sim	Não
x			x	

No que diz respeito às narrativas através da visualização de imagens, foi possível descobrir algo sobre a vida do Diogo e este associou algumas imagens directamente às suas experiências de vida.

O Diogo, ao visualizar uma das imagens, associou a imagem de “uma mãe” à sua mãe:

Diogo: Se calhar a mãe teve um bebé deste tamanho. E a mãe está a cuidar o bebé. E o bebé vai mamar nas maminhas da mamã.... Que se chama Teresa.

Clara: Quem é a Teresa?

Diogo: Eu chamei Teresa porque é o nome da minha mãe (2ª imagem, p.25)

Enuncia que as avós sabem costurar, porque a sua sabe fazê-lo:

Diogo: As avós já sabem costurar.

Constança: Algumas não.

Nuno: A minha não sabe.

Diogo: A minha sabe.

(3ª imagem, p.27)

Foi possível, através das narrativas do Diogo, perceber que este já esteve na Nazaré:

Diogo: Estão na praia! Devem estar no Algarve a passear na praia. E tem montes de pessoas. E se calhar são surfistas... Vão andar nas ondas.... Se calhar é na Nazaré.

[...]

Miguel: E depois foram para a praia dar mergulhos!

Diogo: Ou surfar na Nazaré! No farol...

[...]

Clara: Se calhar estão na praia e decidiram ir à praia e estavam com muito calor e tiraram os chinelos. E se calhar agora vão para a maré.

Diogo: Para a praia! Para a Nazaré.

[...]

Nuno: Acho que eles vão surfar numa onda gigantesca.

Diogo: As ondas gigantes são na Nazaré, por acaso, Nuno. Eu já fui à Nazaré e fui atacado por uma onda gigantesca.

Constança: Se fosses atacado por uma onda gigantesca nem estavas aqui.

Diogo: Mas fugi! Só me atacou num pé.

Nona Imagem pp. 42-43

É possível também descobrir que o Diogo costuma ir à praia e que recentemente foi à praia com os pais, dizendo que “ainda este fim de semana fui com o meu pai e a minha mãe, [...] levei o meu camião de lego [...] foi para a água e não se desmontou” (9ª imagem, p.43).

Associa comportamento dos colegas e do que visualiza nas imagens, referindo “Pareces o meu pai a embirrar com a minha mãe, está sempre a fazer isso” (12ª imagem, p.51), “eu acho que a senhora está a ensinar [...] a fazer uma coisa que eu faço com o meu pai” (13ª imagem, p.52), “eu acho que os pais estão a discutir. Está parecido com o meu” (17ª imagem, p.60), “faz-me lembrar quando os meus pais estavam com vontade de separar-se mas acabaram por não se separar” (16ª imagem, p.60). E constatando que:

Diogo: Eu sei o que é que é! O pai e a mãe devem estar nos dois elevadores a falarem como os meus dois elevadores. Eu vinha com o meu pai num e conseguia ouvir a minha mãe! Dá para estar a falar nos dois elevadores.

(16ª imagem, p.59)

I.IV.II. Interpretação dos dados obtidos através das narrativas a partir da construção da família em maquete

Tabela 14 - Maquete das Famílias Diogo					
Representa só com quem coabita		Relata Acontecimentos		Refere quem representou	
Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não
x		x		x	

Na narrativa, sobre a maquete onde representou a sua família, o Diogo refere quem representou dizendo que são o pai (Paulo), ele e a mãe (Teresa). Explica também que gosta deles e que quando se porta bem eles gostam dele e que deixam fazer o que ele quer.

I.IV.III. Interpretação dos dados obtidos através das árvores genealógicas

Tabela 15 - Arvore genealógica			
Relata Acontecimentos		Refere quem consta na imagem	
Sim	Não	Sim	Não
	x	x	

Na narrativa sobre a árvore genealógica que fez, o Diogo não relata acontecimentos, explicando apenas quem consta na imagem dizendo que são “a mãe, o pai, o meu avô, a avó, a minha outra avó e sou eu” (p.69).

V.IV.IV. Interpretação dos dados obtidos através das narrativas sobre o desenho da família

Tabela 16 - Desenho da Família					
Relata Acontecimentos		Refere quem consta no desenho		Refere características das pessoas que desenhou	
Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não
x			x	x	

Ao conversar sobre o desenho que fez da sua família, o Diogo refere que gosta muito do seu pai e da sua mãe e explica que quando se porta bem, os pais fazem o que ele quer.

I.I.V. Francisco

V.I.V.I. Interpretação dos dados obtidos através das narrativas sobre as imagens

Tabela 17 - Imagens				
Associa as imagens às suas experiências de vida directamente			É possível descobrir algo sobre a sua vida através das narrativas sobre as imagens	
Sim	Não	Quando Questionado	Sim	Não
x			x	

No que diz respeito às narrativas do Francisco, foi possível descobrir algo sobre a sua vida e foi possível constatar que este associou imagens directamente às suas experiências de vida.

Em determinado momento, o Francisco associa uma imagem ao seu almoço de anos, dizendo que “Faz-me lembrar o meu almoço de anos [...] os meus 5 anos” (1ª imagem, p.21). O Francisco, associa as pessoas e animais presentes nas imagens a pessoas que conhece ou que vê na televisão, dizendo que “esta senhora tem um bocadinho de cara que parece a minha avó, só que é sem óculos” (1ª imagem, p.22), “eu vejo uma menina que tem o cabelo parecido ao da Mafalda” (1ª imagem, p.22), “esta senhora parece uma amiga da minha mãe [...] que se chama Fátima” (1ª imagem, p.22); “este cão é fofo [...] parece o da minha tia” (4ª imagem, p.29), “isto parece o Jorginho da Avenida Brasil” (6ª imagem, p.33), “este menino parece quando eu era pequenino” (10ª imagem, p.44).

O Francisco fala também sobre os seus gostos dizendo “eu adoro o porto!” (6ª imagem, p.34).

É possível ao longo das narrativas do Francisco ver que este fala sobre as suas experiências pessoais dizendo que “eu uma vez já conduzi sozinho!” (10ª imagem, p.45) e “eu já fui ao parque dos Poetas [...] eu costumo ir ao Oeiras Park” (10ª imagem, p.45).

Em determinado momento, o Francisco supõe algo, devido às suas experiências:

Francisco: Parece-me que estão a tirar uma fotografia para porem na sua colecção no placard... Que eles têm de fotografias.

Marta: Tens algum placard com fotografias?

Francisco: Sim.

(4ª imagem, p.29)

I.I.V.II. Interpretação dos dados obtidos através das narrativas a partir da construção da família em maquete

Tabela 18 - Maquete das Familias					
Representa só com quem coabita		Relata Acontecimentos		Refere quem representou	
Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não
	x	x		x	

No que diz respeito às narrativas sobre a maquete que construiu sobre a sua família, o Francisco não representou só a família com quem coabita, tendo representado o pai e a meia-irmã. No entanto, num primeiro momento, o Francisco só representou o pai, a mãe e irmã, tendo só depois se lembrado de representar a meia-irmã. Na sua narrativa, o Francisco refere que “a mãe está separada do pai” (p.65), que o “pai casou-se [...] e depois nasceu uma menina, que é a Mariana” (p.65). Refere que nasceu primeiro que a irmã mais nova e que a irmã mais velha e ele andam à guerra para ver quem brinca com a irmã mais nova, porque gostam muito dela. Explica que a irmã mais nova chora muitas vezes e que a irmã mais velha magoou-se e teve que andar de canadianas. Refere também que a mãe discute muitas vezes com o pai porque às vezes o pai não o vem buscar à escola, quando é suposto. Explica que “o [...] pai, [...] já discutiu com a pessoa que ele se casou” (p.65) e que ele ouviu. Comenta que já não dá dormir em casa do pai, porque quando o fazia tinha de acordar cedo porque o pai tinha de ir trabalhar e que o pai é vendedor de carros. Por sua vez, refere que a mãe é massagista. Apresenta que a irmã mais pequena costuma ir muitas vezes para casa da avó porque a mulher do seu pai trabalha num café e explica, por sua vez, que este também costuma ir para casa da sua avó, quando a mãe trabalha ao fim de semana e quando está doente. Refere que não costuma ir para a casa dos avós maternos porque a mãe discutiu com a sua avó e já não vai lá há muito tempo.

V.I.V.III. Interpretação dos dados obtidos através das narrativas sobre a árvore genealógica

Tabela 19 - Arvore genealógica			
Relata Acontecimentos		Refere quem consta na imagem	
Sim	Não	Sim	Não
x		x	

Na narrativa sobre a árvore genealógica que fez, o Francisco refere quem consta na imagem e explica que costuma estar com os avós paternos porque os outros vivem no Norte.

I.I.V.IV. Interpretação dos dados obtidos através das narrativas sobre o desenho da família

Tabela 20 - Desenho da Família					
Relata Acontecimentos		Refere quem consta no desenho		Refere características das pessoas que desenhou	
Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não
	x	x			x

No que diz respeito à narrativa sobre o desenho que fez da sua família, o Francisco apenas refere quem representou “eu, mãe, pai e irmã mais velha que é a Inês” (p.73) e explica que estão ao pé da sua casa.

I.I.VI. Pedro

I.I.VI.I. Interpretação dos dados obtidos através das narrativas sobre as imagens

Tabela 21 - Imagens				
Associa as imagens às suas experiências de vida directamente			É possível descobrir algo sobre a sua vida através das narrativas sobre as imagens	
Sim	Não	Maioritariamente quando questionado	Sim	Não
x			x	

No que diz respeito às narrativas sobre as imagens, o Pedro faz a associação directa das imagens às suas experiências de vida e, por sua vez, é possível descobrir algo sobre a sua vida.

Em determinados momentos, o Pedro, faz a associação das pessoas presentes nas imagens a pessoas que conhece referindo que “faz-me lembrar quando a minha prima bebé nasceu” (5ª imagem, p.31), e “faz-me lembrar o pai de um amigo meu que tinha um brinco” (6ª imagem, p.33).

O Pedro refere acontecimentos da sua vida:

Marta: [...] O meu pai quando me dá um beijinho dói-me, porque tem barba e arranha.

Mafalda: E o que é que dizes ao teu pai?

Marta: Nada.

Pedro: Eu digo ao meu pai para ir cortar a barba logo.
6ª imagem, p.33

Ao longo da sua narrativa, o Pedro fala sobre a sua família. Primeiramente referindo-se à morte da sua bisavó, dizendo que “o meu pai um dia chorou porque a sua avó morreu. Estávamos a almoçar no Mac Donald’s” (7ª imagem, p.36). Fala também sobre a morte dos seus avós:

Pedro: O meu avô morreu porque tinha uma doença. Ele foi parar ao hospital e depois morreu no hospital. Ele é que... Ele quando foi para o hospital estava vivo.

Marta: Ele morreu?

Pedro: E o outro avô morreu sem eu o ver.

Mafalda: Ele morreu quando foi ao hospital?

Pedro: Um avô morreu no hospital, que tinha um carro descapotável.

(8ª imagem, p.39)

Relata também gostos pessoais ao dizer que adora o Sporting. O Pedro relata também acontecimentos dizendo que “eu já choquei contra um carro” (10ª imagem, p.45), referindo que nunca foi ao Parque dos Poetas novo e que “o meu ovo foi azul e o do meu mano foi verde do Sporting” (12ª imagem, p.50).

É possível ao longo de todo o seu discurso reparar que o Pedro faz a associação das imagens a vivências suas com os seus pais e a vivências dos seus pais, ao dizer que “faz-me lembrar quando estava a fazer o jantar com a minha mãe, com o meu pai e com o meu mano” (13ª imagem, p. 52), “isto parece um dia que o meu pai estava a discutir com a minha mãe” (16ª imagem, p.59) e:

Pedro: Eu quero dizer uma coisa... Eu quando o meu pai encontrou a minha mãe, levou-a ao cinema. E depois a minha mãe começou a gostar do meu pai.

Marta: E decidiram-se casar?

Pedro: Casaram-se e depois demorou alguns meses e eu nasci, depois nasceu o meu mano. E depois quando eu tinha dois anos e meio, o meu mano nasceu.

9 imagem, p.42

O Pedro relata também um pesadelo que teve, em que sonhou que tinha ladrões dentro da sua casa.

I.I.VI.II. Interpretação dos dados obtidos através das narrativas a partir da construção da família em maquete

Tabela 22 - Maquete das Famílias					
Representa só com quem coabita		Relata Acontecimentos		Refere quem representou	
Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não
x		x		x	

Na narrativa sobre a maquete onde representou a família com quem coabita o Pedro refere que são representou o irmão, ele, a mãe e o pai. Relata acontecimentos, ao dizer que brinca muitas vezes com o pai e que este o deixa fazer o jantar com ele. Fala sobre a sua mãe dizendo que esta brinca consigo e que às vezes dorme com ela. Fala sobre o seu irmão, referindo que às vezes este o chateia.

I.I.VI.III. Interpretação dos dados obtidos através das narrativas sobre a árvore genealógica

Tabela 23 - Arvore genealógica			
Relata Acontecimentos		Refere quem consta na imagem	
Sim	Não	Sim	Não
x		x	

No que diz respeito às narrativas sobre a árvore genealógica que fez, o Pedro refere que representou a sua mãe, o pai, a ohma – que explica que “quer dizer avó em holandês, a avó nasceu na Holanda mas ela é de lá e de Portugal” (p.69) – o avô e a sua outra avó, ele e o seu irmão. Refere também que a ohma faz anos nesse mesmo dia e que costuma estar mais com a ohma porque vai a sua casa todos os domingos.

I.I.VI.IV. Interpretação dos dados obtidos através das narrativas sobre o desenho da família

Tabela 24 - Desenho da Família					
Relata Acontecimentos		Refere quem consta no desenho		Refere características das pessoas que desenhou	
Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não
	x	x			x

No que diz respeito ao desenho da sua família, o Pedro refere quem representou – a sua mãe, o pai, ele e o seu irmão e refere que “estamos dentro do prédio” (p.73).

I.I.VII. Constança

I.I.VII.I. Interpretação dos dados obtidos através das narrativas sobre as imagens

Tabela 25 - Imagens				
Associa as imagens às suas experiências de vida directamente			É possível descobrir algo sobre a sua vida através das narrativas sobre as imagens	
Sim	Não	Maioritariamente quando questionado	Sim	Não
x			x	

No que diz respeito às narrativas da Constança, sobre as imagens, é possível afirmar que esta associa as imagens às suas experiências de vida directamente e que é possível descobrir algo sobre a sua vida através destas narrativas.

É possível ver que a Constança associa à sua vida, ao dizer que “faz-me lembrar a minha mãe a pegar na minha irmã [...] e também me faz quando a minha mãe me pegava ao colo” (1ª imagem p.26), “faz-me lembrar quando fui a uma festa com os pais” (7ª imagem, p.35), “faz-me lembrar eu quando estava a cozinhar com a mãe e com o meu pai” (13ª imagem, p.52), “isto é igualzinho a quando eu estava no dentista” (14ª imagem, p.53).

A Constança fala também sobre elementos da sua família, ao dizer que “eu acho que a avó está sentada [...] e está a estudar testes de computador, como a minha avó faz” (3ª imagem, p.28), “faz-me lembrar a minha mãe e o meu pai quando discutem sobre trabalho” (16ª imagem, p.60) e “Faz-me lembrar [...] os meus tios, que fazem as coisas iguaizinhas a estes porque os cães deles [...] são iguaizinhos a este” (18ª imagem, p.62).

No entanto, é também possível observar que a Constança fala sobre os seus sentimentos, ao descrever determinadas situações da sua vida, como é o exemplo:

Constança: Se calhar a menina.... Isto faz-me lembrar a minha mãe...

Diogo: A tentar-se separar do pai.

Constança: Que mandou a calar o Diogo... O pai disse: “Eu vou-me separar” mas depois acabaram por não se separar. Porque é sempre assim que os meus pais fazem! Sempre que eles discutem dizem “eu vou-me separar” mas depois acabam por não se separar. E é por isso que eu estou irritada!

(17 imagem, p.61)

E também ao dizer que “isto faz-me lembrar quando os meus pais discutem e eu me sinto infeliz porque penso que eles se vão separar” (17ª imagem, p.60).

I.I.VII.II. Interpretação dos dados obtidos através das narrativas a partir da construção da família em maquete

Tabela 26 - Maquete das Famílias					
Representa só com quem coabita		Relata Acontecimentos		Refere quem representou	
Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não
x		x		x	

No que diz respeito à maquete, a Constança represente somente a família com quem coabita, tendo representado o seu pai, a mãe, a irmã e ela mesma. Relata acontecimentos, ao dizer que a irmã chora a pedir por manta, que a mãe é despachada, que se bebe leite vomita e que gosta de estar em casa. Sobre o pai diz que este “gosta de gastar dinheiro [...] gosta de ir às lojas” (p.66). Refere também que ela gosta de ir à piscina e que a irmã gosta de desarrumar coisas e de brincar com elas.

I.I.VII.III. Interpretação dos dados obtidos através das narrativas sobre a árvore genealógica

Tabela 27 - Arvore genealógica			
Relata Acontecimentos		Refere quem consta na imagem	
Sim	Não	Sim	Não
x		x	

Relativamente à arvore genealógica que fez, a Constança, refere quem representou e enuncia que “sei que eles gostam muito de mim e sempre que podem fazem tudo para me fazer feliz” (p.70).

I.I.VII.IV. Interpretação dos dados obtidos através das narrativas sobre o desenho da família

Tabela 28 - Desenho da Família					
Relata Acontecimentos		Refere quem consta no desenho		Refere características das pessoas que desenhou	
Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não
	x	x		x	

Sobre o desenho que fez da sua família, a Maria refere que desenhou a mãe, o pai, a irmã, ela e o seu prédio. No entanto, aponta que a mãe está mascarada de coração, o pai de céu, a irmã de joaninha, ela de escuteira e o prédio de cores justificando que “era carnaval” (p.74).

I.I.VIII. Mafalda

I.I.VIII.I. Interpretação dos dados obtidos através das narrativas sobre as imagens

Tabela 29 - Imagens				
Associa as imagens às suas experiências de vida directamente			É possível descobrir algo sobre a sua vida através das narrativas sobre as imagens	
Sim	Não	Maioritariamente quando questionado	Sim	Não
x			x	

Ao longo das narrativas da Mafalda é possível descobrir algo sobre a sua vida e é possível verificar que esta associa as imagens às suas experiências de vida, de forma directa.

É possível observar que a Mafalda fala sobre o pai ao dizer que “o meu pai quando faz a barba às vezes fica com picos” (6ª imagem, p.33) e que “o pai tem um brinco! O meu pai não tem” (6ª imagem, p.34).

A Mafalda fala sobre gostos pessoais ao dizer “eu gosto do Sporting, está bem?” (6ª imagem p.34).

Associa as imagens a vivências pessoais, ao dizer que “faz-me lembrar quando ajudo a minha mãe” (13ª imagem, p.52), “faz-me lembrar quando fui ao dentista” (14ª imagem, p.53) e ainda:

Mafalda: Uma bebé a chorar que até se vêem os dentes. A mãe tem camisa branca. Parece eu quando foi levar as análises.

Marta: Levar o quê?

Mafalda: Fazer análises.

Marta: Fazer o quê?

Mafalda: Tiraram-me sangue! Foi por isso!

Marta: Choraste?

Mafalda: Parece eu, chorei imenso.

Marta: Nunca te vi a chorar.

Mafalda: Agarrei-me ao pai, o pai pôs-me ao colo. Depois segurou-me o braço, porque eu queria tirar o braço.

Marta: As picas não doem, eu já levei uma pica.

Mafalda: Uma pica? Mas eu não disse pica! Disse tirar sangue, está bem?

Marta: Mas eu já levei uma pica e estava agarrada ao meu pai e nem sequer reparei que picaram.

Mafalda: Se eu tivesse a dormir nem chorava... Mas com as picas não choro.

(15ª imagem, pp. 55-56)

I.I.VIII.II. Interpretação dos dados obtidos através das narrativas a partir da construção da família em maquete

Tabela 30 - Maquete das Famílias

Representa só com quem coabita		Relata Acontecimentos		Refere quem representou	
Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não
x		x		x	

Através da construção da maquete da sua família, a Mafalda representou somente a família com quem coabita – a mãe, o pai e ela. A Mafalda relata ainda bastante acontecimentos da sua vida, referindo que a mãe costuma discutir com a avó porque a avó lhe quer emprestar dinheiro e a mãe não quer. Relata também que uma vez os pais lhe perguntaram o que é que ela faria se separassem e que esta respondeu que os fechava na sala e que lhes dava comida por baixo da porta. Refere que adora o pai e que o pai faz muitas palhaçadas, que adora a mãe e que a mãe dá explicações. Explica que quando a mãe dá explicações, esta não pode fazer barulho, pelo que prefere brincar com o pai já que pode fazer barulho. Diz que “adoro toda a gente da minha família [...] gosto de passear com eles” (p.66). Explica que às vezes vai ao parque com o pai e que o pai não gosta que ela esteja no castelo quando está muita gente porque tem medo que ela caia. Comenta também que costuma ir às compras com o

pai, com a mãe, ou com os dois e que “peço muitas coisas mas eles não me dão” (p.67). Explica que o pai lhe faz o pequeno almoço enquanto ela fica na cama a ver desenhos animados, e que a chama quando está pronto. Diz que quando a mãe lhe dá comida, lhe dá à boca, mas que com o pai ela tem que comer sozinha.

I.I.VIII.III. Interpretação dos dados obtidos através das narrativas sobre a árvore genealógica

Tabela 31 - Arvore genealógica			
Relata Acontecimentos		Refere quem consta na imagem	
Sim	Não	Sim	Não
	x	x	

No que diz respeito à árvore genealógica, a Mafalda, refere quem consta na imagem e explica que pôs folhas claras e folhas escuras na árvore para ficar mais giro.

I.I.VIII.IV. Interpretação dos dados obtidos através das narrativas sobre o desenho da família

Tabela 32 - Desenho da Família					
Relata Acontecimentos		Refere quem consta no desenho		Refere características das pessoas que desenhou	
Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não
	x	x		x	

No que diz respeito ao desenho sobre a sua família, a Mafalda, desenhou-se a si, ao pai e à mãe. Não relata acontecimentos mas, no entanto, refere características da sua família ao dizer que “tenho as orelhas iguais ao pai e o cabelo igual à mãe” (p.74), “o meu pai têm o cabelo preto; eu e a minha mãe temos castanho” (p.74).

I.I.IX. Marta

I.IX.I. Interpretação dos dados obtidos através das narrativas sobre as imagens

Tabela 33 - Imagens				
Associa as imagens às suas experiências de vida directamente			É possível descobrir algo sobre a sua vida através das narrativas sobre as imagens	
Sim	Não	Maioritariamente quando questionado	Sim	Não
x			x	

Ao visualizar as imagens, a Marta, associa algumas imagens às suas experiências de vida e é possível descobrir algo sobre a sua vida.

A Marta, ao longo das narrativas, refere que lhe fazem lembrar pessoas e acontecimentos da sua vida ao dizer: “faz-me lembrar a casa do Alentejo da minha avó” (1ª imagem, p.21), “os copos desta casa são iguais aos meus só que são de outra cor” (1ª imagem, p.22), “este bebé faz-me lembrar a minha prima” (5ª imagem, p.31), “esse pai faz-me lembrar o meu tio [...] mas [...] o meu tio não tem brincos” (6ª imagem, p.33), “parece que é a minha mãe com o meu pai e as minhas manas e eu [...] só faltava aqui o meu irmão mais pequeno” (7ª imagem, p.36), “faz-me lembrar as minhas manas a trabalharem” (8ª imagem, p.39), “o carrinho lembra-me quando fui à Marina de Cascais... E andei num carrinho” (10ª imagem, p.45), “parece que [...] foi a um parque que eu já fui” (10ª imagem, p.45), “isto faz-me lembrar uma coisa nova que eu vi na televisão” (11ª imagem, p.47).

A Marta narra alguns sonhos que teve:

Marta: Eu num dia tive um pesadelo horrível, esse pesadelo ia-me acontecendo.

Mafalda: Foi o quê?

Marta: Foi assim, eu, estava no parque com os meus pais e os meus manos. E depois fui para um bocado longe dos pais. E estava um senhor a passar, já era conhecido e estava-me sempre a tentar apanhar. Ele passou, a fingir que estava aleijado e depois segurou-me e comecei a gritar pela mãe, e depois a mãe perguntou “Tu outra vez?”, e depois o senhor largou-me e eu acordei logo assustada. E também tive um sobre abelhas!

Mafalda: E foi verdadeiro o sonho?

Marta: Não.

[...]

Marta: Eu uma vez sonhei que a nossa escola era no Alentejo. E tu ainda não eras desta escola, Raquel! A Leticia estava ao pé de mim, e estava uma abelha ao pé dela e ela disse “Eu não gosto de abelhas”. E como ela já sabia que se ficasse quieta a abelha não picava, eu como não sabia, dei um passo e a abelha picou-me. Fui à Inês e disse que fui picada por uma abelha e a Inês tratou. Tirou o pico e depois eu acordei logo toda assustada e fui para o quarto dos pais a dizer “Pai, Mãe!”

(14ª imagem, pp.56-57)

A Marta refere também que o seu clube de Futebol é o Porto e que vai ter brincos nas orelhas. Explica que já foi ao cemitério e que tem um jogo e um filme de Jesus. Ao longo das suas narrativas, a Marta fala sobre diversos acontecimentos, sendo que explica que levou uma vacina e que “estava agarrada ao meu pai e nem sequer reparei que picaram” (14ª imagem, p.56).

Fala sobre vivências suas e da sua família, ao dizer que:

Marta: A minha irmã quando era pequenina, e eu ainda estava na barriga da minha mãe... A minha mana, ela foi à praia com os meus pais. E então nesse dia, uma lasca ficou presa no pé dela. E doeu! Outra história... Quando era bebé, já não estava na barriga da minha mãe, bebia o leite da maminha da minha mãe. Não tem graça! Em vez de chupar, eu mordía. E deitava sangue! E a minha mãe tinha que ir ao médico. Eu era bebé! E a minha mana Leonor, ela não fazia o mesmo que eu, ela queria sempre que os pais estivessem lá quando ela estava a dormir. Queria sempre que os pais estivessem lá com ela, mas eles não podiam. E agora a minha mana Inês, não fazia nada e o meu mano Manuel não sei (9ª imagem, p.42).

A Marta também relata que os seus pais discutem e que foi porque “os estores da minha casa estão estragados. E a minha mãe um dia já não se lembrava” (16ª imagem, p.58).

I.IX.II. Interpretação dos dados obtidos através das narrativas a partir da construção da família em maquete

Representa só com quem coabita		Relata Acontecimentos		Refere quem representou	
Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não
x		x		x	

No que diz respeito à maquete onde representou a sua família, a Marta, representou só a família com quem coabita – “o pai, a mãe, a mana, a outra mana, eu e o meu mano” (p.67). Relata acontecimentos da sua vida, entre os quais diz que a mãe é que costuma cozinhar, apesar de às vezes o pai também o faz. Explica que uma das irmãs tem muito dinheiro no mealheiro e que gosta de jogar futebol. Sobre outra irmã, refere que esta costuma brincar consigo. Sobre o irmão, refere que este faz palhaçadas. A Marta explica que costumam ir à igreja, que o pai é catequista e a mãe já foi.

I.IX.III. Interpretação dos dados obtidos através das narrativas sobre a árvore genealógica

Tabela 35 - Arvore genealógica			
Relata Acontecimentos		Refere quem consta na imagem	
Sim	Não	Sim	Não
x		x	

No que diz respeito à árvore genealógica, a Marta explica quem representou e explica que relata alguns acontecimentos da sua vida, tais como “em casa costumo estar mais com a avó Graça e o avô Rui” (p.70), “na escola, costumo estar com a avó Ivone, que ela vem-me buscar, mas às vezes ela vai para outros países” (p.70) e que “os meus pais vem poucas vezes buscar-me” (p.70).

I.IX.IV. Interpretação dos dados obtidos através das narrativas sobre o desenho da família

Tabela 36 - Desenho da Família					
Relata Acontecimentos		Refere quem consta no desenho		Refere características das pessoas que desenhou	
Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não
	x	x		x	

Relativamente ao desenho que a Marta fez da sua família, esta representou a família com quem coabita. Refere que desenhou “o pai, a mãe, a Nônô, a Inês, eu e o Manuel” (p.74) e esclarece que a mãe é “mais crescida” (p.74) que o pai mas que, no entanto, é mais baixa.

I.IX. Clara

I.IX.I. Interpretação dos dados obtidos através das narrativas sobre as imagens

Tabela 37 - Imagens				
Associa as imagens às suas experiências de vida directamente			É possível descobrir algo sobre a sua vida através das narrativas sobre as imagens	
Sim	Não	Quando Questionado	Sim	Não
	x		x	

No que diz respeito às narrativas da Clara ao longo da visualização das imagens, apesar das suas diversas intervenções, esta não associa as imagens às suas experiências de vida directamente. No entanto, é possível descobrir algo sobre a sua vida, não sendo explícito.

I.I.X.II. Interpretação dos dados obtidos através das narrativas a partir da construção da família em maquete

Tabela 38 - Maquete das Famílias					
Representa só com quem coabita		Relata Acontecimentos		Refere quem representou	
Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não
	x	x		x	

No que diz respeito à maquete, onde representou a sua família, a Clara não representou apenas a família com quem coabita, tendo representado “a mana Leonor, a mãe, eu, o meu pai, o meu avô e a minha avó” (p.67). Relata então, que vive com a sua irmã e com a mãe e explica que o pai não vive na mesma casa. Explica que costuma sair com a mãe e que por vezes fica em casa do pai e também sai com ele. Refere também que com os avós costuma ir ao café e ao pingo doce.

I.I.X.III. Interpretação dos dados obtidos através das narrativas sobre a árvore genealógica

Tabela 39 - Arvore genealógica			
Relata Acontecimentos		Refere quem consta na imagem	
Sim	Não	Sim	Não
x		x	

No que diz respeito à árvore genealógica feita pela Clara, esta refere quem representou – “a mãe Cristina, o pai Nuno. Eu, a minha mana Leonor, a minha mana Carolina. A avó Lurdes. O Avô Júlio e o avô Zé [...]” (p.67). Refere no entanto que não sabia o nome do avô Zé mas que perguntou à sua mãe e também que a irmã Carolina é bebé.

I.I.X.IV. Interpretação dos dados obtidos através das narrativas sobre o desenho da família

Tabela 40 - Desenho da Família					
Relata Acontecimentos		Refere quem consta no desenho		Refere características das pessoas que desenhou	
Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não
x		x			x

No que diz respeito ao desenho da sua família, a Clara apenas representa a família com quem coabita – a mãe, a irmã e ela. Explica que não desenhou o pai “porque ele não mora lá em casa” (p.75) e ao dizê-lo, ao me ver escrever, perguntou “estás a escrever que ele não mora lá em casa?” (p.75).